

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

A CORPOREIDADE DO CEGO: NOVOS OLHARES

ELINE TEREZA ROZANTE PORTO

UNICAMP

Campinas - 2002

ELINE TEREZA ROZANTE PORTO

A CORPOREIDADE DO CEGO: NOVOS OLHARES

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado, defendida por Eline Tereza Rozante Porto e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/12/2002.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
Campinas - SP - Dezembro de 2002

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wagner W. Moreira - Unicamp

Prof. Dr. Augusto Novasky - Unisal

Prof. Dr. José J. Gavião de Almeida - Unicamp

Prof. Dr. José Pereira de Melo - Ufrn

Prof. Dra . Tania Mara V. Sampaio - Unimep

DEDICATÓRIA

*Este trabalho surge pelo impulso, apoio, confiança, cumplicidade, amor, paixão e todas as mais belas emoções sentidas e vividas junto com meu companheiro **Ivan**... e com nossas duas preciosidades **Bruna e Vitor** que, nos fazem sorrir e pensar encantando-nos a cada momento de nossas vidas.*

Adentrar num mundo desconhecido só foi possível pela diversidade e particularidade dos seres humanos, em especial: a dos cegos.

AGRADECIMENTOS

Viver o processo da construção desse trabalho e, mais do que isso, passar pelas transformações provocadas no eu-Eline desencadearam em mim muitas emoções e sentimentos que variavam no tempo e nos espaços em que eu estava presente, sozinha ou junto de alguém. Sensações sentidas e percebidas como o ecoar de uma música nos corpos que podem produzi-la e ou ouvi-la. Alegrias, medos, desafios, inseguranças, satisfações, frustrações, tristezas, culpas, vitórias, prazeres, angústias, alívios, sucessos, muita felicidade, ... tudo isso propiciado por situações em que pessoas ora estavam, ora não estavam ao meu lado.

Por tudo isso quero manifestar a minha gratidão.

Por estar na UNICAMP (Universidade de Campinas) durante o mestrado e o doutorado, realizando um grande sonho da minha vida. Essa conquista se deu pela oportunidade que essa Universidade e sua Faculdade de Educação Física (FEF) oferecem às pessoas.

À Taninha, uma pessoa admirável pela sua calma, paciência, responsabilidade e prontidão em atender a mim e aos alunos da pós graduação da FEF. Também à Márcia, à Bete e aos auxiliares da secretaria que sempre cooperaram comigo nos processos acadêmico/administrativos.

Aos amigos e mestres da Educação Física: Regina, De Marco, Deco e Marcellino, que com o jeito próprio de ser e de viver mostraram-me como a lealdade, a amizade, a autenticidade, a luta, o saber e o prazer são ingredientes essenciais para sermos seres humanos felizes e comprometidos com algo.

Ao Pereira, meu grande amigo do mestrado, pelas buscas e descobertas, durante todo o tempo da pós-graduação. Ao Gavião, que com seu jeito carinhoso, humano e espontâneo de ser, possibilitou-me viver e apreciar o mundo dos cegos. À Tânia, amiga e professora da UNIMEP, a quem admiro pela sua simplicidade, tranquilidade e serenidade ao tratar dos mais diversos assuntos. Ao professor Augusto que, pelas intervenções e manifestações

fenomenológicas, cativou-me substancialmente. A todos esses professores, membros da minha banca, agradeço as contribuições e as carinhosas observações, as quais me impulsionaram para a finalização deste trabalho.

Ao "super e sempre" Pepê, amigo paraense de todas as horas, à Ciça e à Petrúcia, aos nossos encontros: nos "lanchinhos" da tarde para compreendermos a fenomenologia e a complexidade, e nos caminhos de nossas vidas em que vivenciamos situações de muito encanto e descontração. Posso dizer que esses encontros foram significativos e preñhes de sentido para eu acreditar, ter força e estar continuando sempre.

A algumas das mulheres que admiro muito por nossas vidas se terem encontrado em diferentes épocas nas quais pude ver, viver, perceber e sentir o desabrochar de ser mulher, amiga, profissional e mãe: minha madrinha Ivanilde Yara, Cristina, Leni, Sofia, Káthya, Érika, Bete Blue, Raquel e Marisa, quantos bons momentos... e há pouco tempo, ao chegar de mansinho na minha vida, com seu jeito sensível, faceiro, e astuto: Tita conquistou-me pelos sérios, instigantes e gostosos papos que trocamos.

Ao "Vô" Plínio, meu sogro, pelo apoio, pela confiança e pela incontestável disposição e solidariedade em estar sempre ao meu lado, ajudando-me e compartilhando os casos e acasos que surgiam no meu lar.

Aos meus queridos pais: Vilma e Vavá, que estão e sempre estarão junto comigo ao longo da minha existência: *Obrigada...* pelo amor, dedicação, honestidade, responsabilidade, luta, fé, humanidade, respeito e outros sentimentos que aprendi a sentir e a viver junto com vocês. Não poderia deixar de fora meu irmão Oswaldo ("Nenê"), que também é presença marcante nesse seieto grupo de pessoas que amo.

Ao Wagner: professor, mestre, conselheiro, amigo e *orientador*. agracio-lhe, com muito orgulho e honra, por apresentar e mostrar para mim o conhecimento sensível e por conceder-me um dos seus espaços para que eu pudesse fazer parte do seu mundo vida.

SUMÁRIO

RESUMO	xv
ABSTRACT	xvii
<i>MOMENTO I</i>	
ABRINDO OS OLHOS PARA O MUNDO	01
<i>MOMENTO II</i>	
CORPO CEGO: UM SER VISÍVEL E VIDENTE	20
<i>MOMENTO III</i>	
COMPLEXIDADE À VISTA: VER E NÃO VER	58
<i>MOMENTO IV</i>	
O CORPO CEGO SE VÊ: EDUCAÇÃO E MOTRICIDADE	94
<i>ÚLTIMO MOMENTO</i>	
VER E VIVER... VIVER E VER	126
BIBLIOGRAFIA	131
ANEXOS	138

RESUMO

Após alguns meses de con-vivência com pessoas cegas, alguns questionamentos sobre as relações dessas pessoas com o mundo começaram a surgir. Estas inquietações acabaram transformando-se em um problema que assumi como desafio para desvendar: Como o cego percebe o corpo e o mundo na inter-relação com o mundo dos videntes? Refletir o irrefletido, que permanece como componente fundamental do comportamento e das condutas do cego, numa atitude de compreender e desvelar a organização e a desorganização da existência humana, enfatizando o corpo do cego na relação consigo próprio, com o outro e com o mundo é o objeto e o tema das minhas reflexões. Esse estudo é de caráter bibliográfico em que, além das análises, reflexões e discussões com diversos autores da literatura específica de cada tema, há o diálogo constante com pessoas que apresentam deficiência visual. Desse modo o trabalho se apresenta da seguinte forma: Momento I - a partir da minha história de vida coloco-me de frente e à frente do fenômeno o qual busco compreender; Momento II - o corpo cego é visível! O corpo cego é vidente! São incitações para aprender e apreender as questões relativas à corporeidade do cego com base em alguns autores da fenomenologia, ressaltando sua essência, existência e presentidade na relação com o mundo; Momento III - conhecer a Teoria da Complexidade e acreditar que sou um ser-no-mundo aliciado por um conjunto de coisas, as quais revelam a minha existência e são compreensíveis e incompreensíveis ao mesmo tempo, despertam a necessidade de compreender a relação existente entre o corpo cego e o corpo vidente, na perspectiva da Teoria da Complexidade; Momento IV - a educação e a motricidade são os temas centrais desse momento, por serem áreas em que o corpo sempre estará presente na sua facticidade e na sua relação com o mundo, vivendo sua existencialidade e suas descobertas; Último Momento - os sentidos do ver e viver fazem transcender em mim apreensões e sensações do ver e não ver com os olhos, mas ver e viver com o corpo, inseminando no meu ser e no meu viver o sabor e o prazer de continuar minha trajetória de vida percebendo os seres humanos de modo diferente de como eu os percebia antes.

ABSTRACT

After some months of con-experience with blind people, some questionings on the relations of these people with the world had started to appear. These fidgets had finished changedding itself into a problem which assumed as challenge to unmask: How the blind person perceives the body and the world in the interrelation with the world of the videntes? To reflect which doesn't reflects, that he remains as component basic of the behavior and the behaviors of the blind person, in an attitude to understand and to revail on the organization and the disorganization of the existence human being, emphasizing the body of the blind person in the relation I obtain proper, with the other and the world it is the object and the subject of my reflections. This study he is of bibliographical character where beyond the analyses, reflections and quarrels with diverse authors of the specific literature of each subject, have the constant dialogue with people who present visual deficiency. In this way the work presents of the following form: Moment I - from the my history of life I place myself in front of and faced to phenomenon which I search to understand; Moment II - the blind body is visible! The blind body is vidente! They are incitations on the basis of to learn and to apprehend the relative questions to the corporeidade of the blind person some authors of the fenomenologia, standing out its essence, existence and presentidade in the relation with the world; Moment III - to know the Theory of the Complexity and to believe that I am a be-no-world bridden for a set of things, which they disclose mine, existence and is understandable and incompressible at the same time, awakes the necessity to understand the existing relation between the blind body and the body vidente, in the perspective of the Theory of the Complexity; Moment IV - the education and the motricidade are the subjects central offices of this moment, for being areas where the body always will be present in its facticidade and its relation with the world, living its existencialidade and its discoveries; Last Moment - the directions of seeing and living make to trasncender in me apprehensions and sensations of seeing and not to see with the eyes, but to see and to live with the body, inseminating in my being and my life the flavor and the pleasure to continue my trajectory of life perceiving the human beings in different way of as I perceived them before.

MOMENTO I

ABRINDO OS OLHOS PARA O MUNDO

Há uma luz no túnel...
Há um cais de porto
Pra quem precisa chegar...
E são tantas marcas
Que já fazem parte
Do que sou agora
Mas ainda sei me virar.
(Herbert Vianna)

Sol, muito sol! o dia estava lindo e eu, com uma amiga, fomos passear na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), um lugar muito desejado por todos os estudantes universitários, por ser uma universidade pública muito bem conceituada no Brasil todo. No auge de uma das melhores fases da minha vida (1981), estudando e morando em Campinas, cursando Comunicação Social na PUCC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), fiquei sabendo de um curso de fotografia, na hora do almoço, para pessoas da comunidade em geral, que iria acontecer na universidade dos meus sonhos: UNICAMP. Como todo aluno que frequenta uma universidade particular, eu também sonhava em

estudar numa universidade pública. Aquele curso foi maravilhoso e muito motivante, não pela parte técnica, que, diga-se de passagem, foi bem inferior aos conhecimentos que eu já possuía, mas pelo contato com as pessoas e com aquele lugar dos meus sonhos, por demais prazeroso, fantástico.... O curso acabou e o sonho foi interrompido. Porém, em março de 1991, parecia estar vivendo a continuação daquele sonho; estava eu na mesma UNICAMP, cursando o mestrado na Faculdade de Educação Física. Muita alegria e muito orgulho era o que eu sentia.

Esse retorno se deu quando, ao descobrir as minhas necessidades, os meus desejos e anseios profissionais, resolvi cursar Educação Física. Desde a infância, minha vida estava fortemente ligada ao trabalho corporal e à docência, pelo fato de praticar balé clássico desde os nove anos de idade e ter iniciado como professora da mesma modalidade de dança, aos dezessete anos.

Como aluna do curso de graduação em Educação Física na UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba), já tinha certeza que queria seguir a carreira docente em universidade. Seis meses após concluir o curso de graduação, surgiu uma vaga para professor de Educação Física, na mesma universidade, no curso de Pedagogia; a partir dessa oportunidade, eu iniciei a minha jornada como docente universitária. Mais um sonho se tornando realidade.

Após dois anos, fui informada de que haveria concurso para a disciplina Educação Física Adaptada, no curso de Educação Física. Fiquei feliz e entrei em pânico ao mesmo tempo. Feliz, porque o meu sonho de dar aulas no curso de Educação Física teria a chance de ser realizado e, em pânico,

porque era uma área da qual eu havia ouvido falar muito pouco, ou melhor, quase nada.

Alguns questionamentos sobre a situação começaram a pairar sobre mim: como vou prestar um concurso sem dominar o assunto? Terei condições de desenvolver um trabalho qualitativo de preparação profissional aos alunos da graduação se a minha experiência nessa área específica é tão pequena? Será que saberei discutir e propor reflexões sobre essas pessoas que estão e são distantes de mim e da minha vivência corporal, que sempre foi a dança com pessoas "normais"? Enfim, várias questões sobre o envolvimento com os deficientes e sobre a limitação do movimento tomaram conta dos meus pensamentos.

Por outro lado, era uma chance que eu teria para poder me envolver com um mundo novo e diferente, o qual representava um grande desafio, cheio de medos e inseguranças, pois, minha atuação profissional e de estudos até aquele momento havia sido a dança e a Educação Física na pré-escola, para crianças "normais". Entretanto, era uma grande oportunidade para eu poder me envolver e me engajar numa área até então por mim desconhecida dentro da própria Educação Física.

O primeiro passo foi a preparação para o concurso. Muitas leituras, diálogos e trocas de idéias com vários profissionais. Em seguida, o concurso propriamente dito, o primeiro da minha vida profissional; confesso que foi estressante. Alguns dias depois, o resultado: eu fui a contemplada. A disciplina Educação Física Adaptada, que passaria a integrar o currículo do curso a partir daquele ano de 1992, seria ministrada por mim. Outro sonho que se transformava em realidade.

Nesse momento, a felicidade e a satisfação com o resultado eram muito grandes, mas o medo do novo, do desconhecido, parecia ser maior. Posso dizer que não havia outra saída a não ser o enfrentamento, como interpreta Milton Nascimento na canção "Caçador de Mim" de Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá, quando diz o seguinte:

...Nada a temer se não o correr da luta
Nada a fazer se não esquecer o medo
Abrir o peito a força numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura...

Por que tantos medos, tantas inseguranças, e tantas dúvidas? Somente por que o assunto era desconhecido? Não! O que mais me incomodava era pensar no fato de que a clientela sobre a qual eu iria falar e discutir era composta por pessoas "diferentes", que se encontravam fora e distantes da minha vida: deficientes visuais, deficientes auditivos, deficientes mentais, deficientes físicos.

Para denominar e ou caracterizar uma pessoa como deficiente, acato as explanações apresentadas por Amaral (1995) ao tratar a deficiência como "toda alteração do corpo ou aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja sua causa; em princípio significam perturbações a nível de órgão." (p.63), acarretando conseqüências em termos de desempenho e atividade funcional da pessoa, como também propiciando prejuízos ao ser humano na sua adaptação e interação com o meio. Como conseqüência, a deficiência traz ao ser humano, incapacidades relacionadas às atividades e comportamentos essenciais da vida cotidiana, surgindo daí desvantagens ou prejuízos que, impossibilitam a pessoa de satisfazer algumas normas sociais,

econômicas e ambientais. Uma população totalmente diferente daquela à qual a Educação Física prestava regularmente seus serviços, durante a sua trajetória histórica.

Eu me pegava pensando, várias vezes, o que isso iria representar para mim, como pessoa e como profissional. Como profissional, acreditava que necessitaria estudar muito para passar a conhecer e a compreender um campo tão pouco explorado. A sensação que eu tinha era como se eu fosse aprender a ler e a escrever novamente, desde o fazer exercícios para desenvolver a coordenação motora fina, aprender as vogais e consoantes, montar sílabas, palavras, frases, até o sair lendo as placas nas ruas, as manchetes de jornal, e tudo o mais que fazemos durante a fase da alfabetização.

Se eu pensasse única e exclusivamente na transmissão de informações teóricas e técnicas, a fim de capacitar o futuro profissional apenas para a aplicação do aprendido, ministrar essa disciplina não seria tão difícil. Porém, como educadora, isso para mim era pouco e insignificante, diante do que um indivíduo necessita apreender sobre o mundo no qual está inserido, sobre si mesmo, sobre os outros e como se dão as relações entre estes. Acredito que isso vem a ser o pano de fundo de qualquer conhecimento transmitido e refletido por um educador, pois, estão implícitos nas relações os sentimentos, as idéias, as crenças e os valores de ordem social, cultural, política, econômica, entre outros, que regem o mundo humano.

Como bem diz Alves (1998) em Concerto para Corpo e Alma:

Um educador é uma pessoa que, desejando uma campina, se põe a chamar as abelhas. Na falta da flauta, ele fala - e com sua fala desenha os mundos que ele ama. Um educador é um criador de mundos. (...) Assim é o educador

- uma bola de sementes-palavras onde se encontra o sonho que ele deseja plantar. Educador, bola de sementes: uma espécie em extinção. (p. 145)

Num curso como o de Educação Física, onde os educandos são preparados para atuar diretamente com pessoas, disseminando informações gerais sobre as inúmeras e diversificadas formas de atividades corporais, o saber fazer deve ir além, deve transcender para o saber compreender e, principalmente, para o saber ser, que nos dias de hoje, muitas vezes, é limitado e impossibilitado. Essa limitação e essa impossibilidade se dão em decorrência dos valores sociais e culturais transmitidos pelos grandes avanços tecnológicos e pelo progresso dos meios de comunicação de massa, em que o corpo belo, perfeito e consumidor deve ser adotado como padrão de saúde, felicidade, liberdade, conquistas, entre outros sentimentos.

Silva (2001), ao estudar as relações existentes entre o corpo, a ciência e a sociedade capitalista, apresenta vários pontos significativos a respeito de como o corpo tem sido idealizado e tratado. Entre eles, alguns chamam a minha atenção: - os meios de comunicação de massa geram nas pessoas uma expectativa de corpo em que este, ao se remodelar, irá se corrigir dos "defeitos", como também se transformar; - diariamente, têm sido criados, para o corpo, diversas necessidades materiais, em que o valor de troca destas está condicionado à existência de um valor de uso; - expandiu-se a idéia de esquadramento da máquina corpo que, ao consumir os bens do mercado, adquire uma aparência de saúde, identificada com um determinado padrão de beleza.

Vivendo nesse mundo, onde as idéias do corpo objeto prevalecem, sentia-me responsável por revelar para os futuros profissionais que limites físicos, sensoriais, mentais, e ou, outros, não devem impedir o ser humano de ser aceito na sociedade pelo que ele é e não pelo que ele tem ou aparenta ter. Parecia ser quase impossível alcançar a meta de conscientizar os alunos sobre as novas possibilidades de compreender e aceitar o corpo, mas o desafio já existia.

Como pessoa, teria a grande chance de descobrir um outro mundo do qual estava alheia e totalmente distante, ou seja, ampliar os horizontes do e sobre o mundo onde sou presença e existência.

Praticando a dança clássica durante, aproximadamente, vinte anos, posso dizer que a minha experiência com o movimento foi pautada por uma atividade corporal em que alguns princípios como a imitação, o melhor desempenho, as condições físicas e anatômicas, a reprodução exata dos movimentos deveriam ser, o mais semelhante possível, ao já estabelecido há séculos passados.

Durante esse período, muitas foram as situações em que eu sentia desafio, alegria e tristeza, capacidade e incapacidade, prazer e desprazer, segurança e insegurança, dedicação, preguiça, baixo e alto grau de motivação. É claro que todas estas sensações fazem parte da vida de qualquer pessoa, mas algumas destas suscitaram em mim reflexões e desinteresse por uma área tão bela e envolvente como é a dança clássica. E esta foi, durante muitos anos, o impulso maior para as minhas conquistas e descobertas do corpo em movimento.

Quando paro e penso nestes sentimentos, identifico os que mais se acentuaram em meu corpo: foram os negativos. Sinto que as situações que desencadearam em mim tristeza, desprazer, insegurança, preguiça, desmotivação e incapacidade são as mais presentes na minha memória, talvez, devido a fatos que se sucederam e que eu, de forma alguma, aceitava, ou mesmo, tinha muita dificuldade para compreendê-los no contexto em que estes aconteceram.

Essa longa vivência corporal fez com que eu incorporasse inúmeras idéias, valores e sensações sobre o ser humano em movimento, associando-o a vários tipos de limitações sob uma perspectiva negativa. A dança clássica, com seu rigor e exigência na execução dos movimentos padronizados, impõe uma grande lacuna ao ser humano-corpo-movimento, na sua essência e existência. Concordo com Garaudy (1980), ao referenciar a dança clássica, dizendo: "A dança, que sempre falou de amor, da luta, da morte e das coisas depois da morte, degenerou, então, num academicismo e num virtuosismo sem nenhum significado humano." (p. 27)

Não desconsidero a importância e o valor da dança na história do movimento artístico; no entanto, vivendo-a, experimentando-a e analisando-a, faço algumas considerações que dizem respeito à minha pessoa, ao meu eu, ao eu corpo, que estava e ainda está na sua trajetória da vida aprendendo e apreendendo coisas novas e diferentes daquelas já vividas.

Lembro que, como aluna e também como professora de dança clássica, a cobrança acirrada sobre os movimentos convencionais era muito grande, pois estes só eram considerados belos se executados dentro dos padrões estabelecidos. Aí as cobranças individuais e coletivas faziam parte da

rotina das aulas, o desgaste físico e mental para os envolvidos era extenuante. Em muitas ocasiões pairava, no ambiente das aulas, o protecionismo de alguns em detrimento de outros, gerando assim os sentimentos de negação que podem tomar conta de um ser humano. A flexibilidade para mudanças era inexistente, não se permitia adequar ou adaptar o movimento às condições físicas e anatômicas de quem o praticava, bem como não eram levados em consideração o desejo e a vontade dos praticantes; isso contrariava as regras e os princípios que a dança clássica seguia e segue.

Tudo isso eu interpretava, percebia e sentia, pois, a dança clássica e seus valores estavam incorporados em mim, devido aos vinte e quatro anos de vivência diária com esta prática. Ao me deparar com análises e interpretações diferentes das que eu vinha vivendo, eu sentia um certo desconforto em pensar que a visão e as atitudes sobre as questões do belo, do "perfeito", do possível e do limite precisariam ser modificadas, ou talvez, ampliadas dentro de mim. Seria possível?

Os estudos que havia iniciado sobre corporeidade, sobre fenomenologia, a cada dia estavam mais presentes na minha rotina de leituras e participação em grupos de estudos, bem como os estudos sobre a nova área de atuação profissional começaram a fazer parte do meu dia-a-dia de trabalho. Foi uma fase muito prazerosa, em que muitos conhecimentos foram adquiridos e muitas pessoas interessantes e dedicadas começaram a fazer parte do meu mundo vida. Muita aprendizagem e muitas descobertas.

Nesse vai e vem de novas relações, surgiu uma proposta para eu trabalhar/monitorar dois professores de Educação Física Adaptada da UNICAMP, junto a um grupo de deficientes visuais que participavam do

Programa de Atividades Motoras Adaptadas, desenvolvido na Faculdade de Educação Física. Novamente, sentia-me feliz e em pânico diante do grande desafio que iria encontrar: trabalhar o movimento com crianças e adolescentes cegos e de baixa visão ou visão subnormal¹.

O desafio, atrelado à confiança, deu-me sustentação e impulso necessários para iniciar o trabalho sem grandes preocupações. Desenvolver um estudo sobre comunicação corporal e corporeidade, na minha dissertação de mestrado, forneceu-me subsídios para acreditar que corpo é vida, é movimento e é sentimento, de certa forma, independente da sua condição física, social, cultural, econômica e política. O corpo, na sua completude e complexidade, é quem possibilita e permite ao ser humano estar presente em todo tempo e lugar vivendo todas as situações que porventura possam surgir, corpo é ser-no-mundo.

Apesar de acreditar e ter todo o embasamento teórico necessário, a situação era nova e iria fugir do convencional vivido por mim até aquele momento: eu iria trabalhar com cegos. E então me perguntava: como agir com eles? Como me dirigir a eles? Precisaria mudar o vocabulário? E as metodologias de trabalho, seriam diferentes? Enfim, estava diante do novo e do desconhecido, mas esta era a situação imprescindível para eu ir além dos

¹ Ao consultar Masini (1994), Cavalcante(1995), Carvalho et al (1992), Brasil (1994), e Almeida e Conde (2002) observa-se que as definições dos termos relacionados à deficiência visual são muito semelhantes. Estas são baseadas na capacidade que o ser humano tem de distinguir os mínimos detalhes (acuidade visual) considerando o campo visual que será inferior a 180 graus. Cego: é uma pessoa que apresenta desde uma insignificante acuidade visual até a inexistência total da mesma, necessitando de técnicas e métodos especializados para alcançar alguns dos objetivos educacionais, sociais, culturais, etc. Baixa visão ou visão subnormal: refere-se à pessoa que conserva uma capacidade visual bem limitada, apresentando dificuldades para desempenhar atividades em geral, também necessita de recursos e equipamentos especiais para acompanhar o processo educacional, social, etc. Tanto a pessoa cega como a de baixa visão são consideradas deficientes visuais.

meus limites experienciando, sentindo e observando fatos e realidades distantes de mim até aquele momento.

Durante o desenvolvimento do programa, muitas situações chamaram minha atenção na relação criada entre eu e o grupo dos alunos cegos. Sentia e observava que, após alguns encontros, a confiança e a segurança, de ambos os lados, eram pontos fortes para o sucesso do trabalho. Eu me surpreendia com as inúmeras respostas corporais que os alunos mostravam em cada aula, pois eram jovens que haviam tido uma vivência corporal muito restrita e, a partir das experiências que estavam sendo oferecidas, o repertório de movimentos destes indivíduos aumentava a cada dia que passava.

Eu ficava surpresa com as respostas dos alunos, por ter criado expectativas negativas baseadas na minha herança sócio-cultural com relação a estes seres humanos. No início, antes de senti-los e percebê-los como corpos, associava a incapacidade de ver com os olhos à incapacidade de pensar, entender, compreender e se movimentar. Após alguns encontros, percebi o grande engano e desconhecimento em que eu estava envolvida.

Entendo essa herança sócio-cultural como um processo histórico que se desencadeou na antigüidade e ainda continua ativo, trazendo consigo conceitos e pré-conceitos que incitam a ver o cego e as demais pessoas deficientes, na maioria das vezes, na perspectiva qualitativa da inferioridade e da negação para toda e qualquer ação possível de ser realizada por eles.

Num artigo sobre a cegueira e a sua real aceitação social, Oliveira (1999) mostra a forte conotação pejorativa que acompanha a cegueira desde os primórdios da cultura ocidental e afirma:

Ao longo da cultura ocidental, prevalece a tendência a enfatizar o caráter debilitador da cegueira, bem como a associação do cego ao plano da alteridade: o cego é o outro [grifo do autor], no sentido daquele que foge aos padrões esperados. (...) Mesmo hoje em dia, a deficiência do cego é freqüentemente ampliada: trata-se o homem que não vê como se ele fosse incapaz de pensar com lucidez, e assim por diante. (p.19,18)

Ao observar os alunos, notava que a execução das tarefas solicitadas era em parte limitada, porque muitos conceitos não haviam sido trabalhados na relação corpo-movimento-espaco com estes seres humanos, o que propiciava, de certo modo, a exploração totalmente individual e criativa de cada movimento solicitado. Eles reproduziam o mundo vida que conheciam e ao qual pertenciam. Espínola Veiga, cego, aos setenta e cinco anos, num dos seus livros relata o seguinte: "... ser cego de berço é perder a plasticidade do movimento das outras pessoas, é ficar fisicamente diversificado dos outros, é não ter o comum das expressões fisionômicas, dos gestos, das atitudes e dos meneios das outras pessoas." (1983,p.3)

Em muitos momentos, os alunos mostravam compreender algo diferente daquilo que eu, professora, estava esperando receber como resposta. Em hipótese alguma estava errado, apenas se diferenciava do estabelecido, pois, os indivíduos videntes, carregados de experiências visomotoras e de modelos cultural e socialmente aprendidos, respondem às solicitações feitas seguindo as formas mais convencionais e padronizadas. Isso me leva a pensar sobre a hegemonia da dimensão corporal criada e divulgada entre os videntes, entretanto, entre os cegos essa hegemonia de movimentos é

menos acentuada devido à limitação que a própria cegueira impõe. O ser humano demonstra uma capacidade de imitação muito grande que, entre os videntes acontece, na maioria das vezes, pela capacidade do olhar, o que para os cegos se torna inviável.

Foi surpreendente cada encontro vivido com estes alunos devido à maneira como eles percebiam e viviam o mundo corporal na sua presentidade. Isto se deu de modo informal, apenas através do contato durante os encontros, em que os observava com olhos de professora curiosa.

A partir dessa vivência, começo a prestar mais atenção nas inúmeras e infinitas imagens que me transmitem informações, revelando para mim o mundo no qual estou inserida corporalmente, este mundo visual com o qual estou habituada a conviver, trazendo-me, em todos os momentos, inúmeras possibilidades para descobrir e redescobrir o mundo próprio que me rodeia. Aí algumas inquietações aumentaram o meu interesse em conhecer-compreender como se dá a relação mundo-vida do e para o cego.

Surge a necessidade de entender sob quais parâmetros este ser humano que vê o mundo não com os olhos, mas vê o mundo pelos sons, pelo tato, pelo olfato, pelo paladar, enfim pelo corpo, é denominado cego. Este ponto de partida me faz refletir com mais cautela sobre esta população que vem sendo caracterizada e denominada a partir do potencial funcional do órgão olho, demonstrando como este ser é prejudicado na sua capacidade de olhar e ver o mundo a partir das imagens quando apresenta alguma alteração funcional.

Conceber o olhar apenas como materialidade corporal para o saber e conhecer, em que o mundo se transforma apenas em conceitos, impede-me de trazer o cego para o cerne das minhas reflexões e análises. Quem vê e quem

olha não são apenas os olhos (carnais), mas o corpo sensível, como diz Chauí "... O olhar, identidade do sair e do entrar em si, é a definição mesma do espírito." (1988, p.61)

A mesma autora, numa das passagens do artigo Janela da Alma Espelho do Mundo, apresenta o significado das palavras ver e olhar a partir das raízes indo-européia, grega e latina, em que o ver é olhar para poder tomar e adquirir conhecimento das coisas exteriores que se encontram visíveis cognoscentemente, no teatro do mundo, do qual nascem as janelas da alma, que são também espelhos do mundo, ou seja, o interior do ser humano que olha e vê, pelos olhos ou não. A autora relata que ver com olhos é apenas ver à distância não se apropriando do que é visto.

É essa imaterialidade da operação visual que a torna tão propícia ao espírito. Ela prepara os olhos para a transferência ao intelecto, começando por usurpá-los - o pensamento fala com a linguagem do olhar - e terminando por serem usurpados por ele - o espírito dirá que os olhos não sabem ver. (p. 40)

Refletindo sobre a apologia do ver e do olhar, Cardoso (1988) manifesta-se ressaltando que o ato de ver, no vidente, é ingênuo, espontâneo, desprevenido por deslizar sobre as coisas, espelhá-las, registrá-las, refleti-las e gravá-las, absorvendo as imposições do mundo. Com isto, o ver reduz-se à membrana sensível do olho carnal desprezando a subjetividade. De outro lado, o olhar investiga, questiona a partir e para além do visto, dando origem a uma necessidade de "ver de novo", com a intenção de olhar bem. O olhar remete à

atividade e às virtudes do ser humano a atenção para sua interioridade. O olhar é intencional, transportando o visível para o invisível aos olhos.

O invisível aos olhos do cego não é invisível à sua sensibilidade, intencionalidade e interioridade. Com sua forma de ver e olhar o mundo, o cego, como o vidente, interroga e sente-se sujeito da sua presentidade no mundo.

Cyrulnik (1997), ao refletir sobre o ser humano, propõe o enfeitiçamento do mundo e a força oculta que o governa, dando-lhe força para estar com, ou seja, para ser. É quase impossível adentrar no mundo dos outros que tanto fascina e intriga. Pode-se pensar, criar, imaginar, e até habitar o mundo do outro, no entanto, para o ser humano ser ele próprio, só poderá sê-lo com os outros.

... os homens, única espécie que possui 6 sentidos, vivem no duplo encantamento dos sentidos e do sentido que a historicidade cria. Nunca vemos o mundo dos outros mas representamo-lo pelos sinais das suas palavras e dos seus gestos, que nos enfeitiçam ainda mais. (p.8)

Investigações e questionamentos que possibilitem a compreensão e transcendência das reflexões apontadas levam-me a pensar: como o cego faz parte do mundo que é todo criado, projetado e vivido, na sua grande maioria, para e por quem enxerga? Como é e como acontece, para estas pessoas cegas, o olhar, o ver, o revelar e o perceber o corpo? O que é e como se dá a união corpo-movimento do/no cego? Como é para o cego sentir o corpo que não vê? Como se dá a relação do cego com o espaço, com o tempo e com as coisas ao

pensar nos vários e diferentes conceitos existentes? Como acontece a relação entre o cego e o vidente nos diversos ambientes sociais, entre eles o educacional?

Todas estas inquietações acabaram transformando-se em um problema para mim: *Como o cego percebe o corpo e o mundo na inter-relação com o mundo dos videntes?*

Certa estou de que na trilha da história tradicional das ciências eu não encontraria possibilidade de desvelar esse fenômeno, porque um corpo, seja ele vidente ou não, quase sempre foi assistido pela educação e pelas ciências naturais, em especial pela medicina, o que inviabilizaria a tentativa de entender esse ser deficiente visual na sua relação com o mundo, indo além das preocupações educacionais e da saúde.

Concordo com Feitosa (1999) ao comentar que o caminho da ciência pode ser outro, desde que evolua, informe, integre e construa possibilidades para o ser humano podendo, a partir dessa ótica, tudo ser diferente, desde que o sujeito identifique princípios e os siga sem perdê-los de vista. "Temos que acreditar nisso e em nós. Também temos que acreditar nos outros. A vida é um exercício de permanente fé em alguém ou em alguma coisa." (p.83)

Ao adentrar nesse contexto não encontrei estudos que respondessem as minhas dúvidas e incertezas, portanto resolvi assumir o desafio e partir em busca do ignorado, ou seja, compreender sobre a percepção do cego ao ser e estar-no-mundo.

Refletir o irrefletido, que permanece como componente fundamental do comportamento e das condutas do cego, numa atitude de compreender e desvelar a organização e a desorganização da existência humana, enfatizando o

corpo do cego na relação consigo próprio, com o outro e com o mundo é o objeto e o tema das minhas reflexões.

Busco algo novo e significativo sobre o assunto, admitindo ser este processo permeado de verdades e riscos de erros, como aponta Morin (2001, a) no trecho abaixo:

O desenvolvimento do conhecimento científico é poderoso meio de detecção dos erros e de luta contra as ilusões. Entretanto, os paradigmas que controlam a ciência podem desenvolver ilusões, e nenhuma teoria científica está imune para sempre contra o erro. (p.21)

A partir desse Momento I, em que me coloco de frente e à frente do fenômeno para compreendê-lo, criei alguns outros momentos os quais foram despontando das minhas idéias, das minhas necessidades acadêmicas e, principalmente, das coisas em que eu acredito e sinto prazer em questionar, pensar e descobrir. Procedo algumas análises apresentadas ao longo do texto, que vão surgindo à medida que eu, proponente das reflexões e discussões com vários autores participantes, sentia necessidade de estar mais perto dos deficientes visuais, pelo fato de eu ser vidente. Portanto, além do material bibliográfico ao qual faço referências, utilizo depoimentos de três deficientes visuais, dois cegos e um de baixa visão (Fabiana Bonilha, Benedito Leal Filho e susete Gutierrez, respectivamente), os quais dialogam comigo e com o texto, fazendo-me compreender mais significativamente os temas estudados. Por que três? Por considerar que as reflexões apresentadas por eles seriam suficientes para vir completar o material bibliográfico que já vinha sendo

apresentado. A escolha destas pessoas se deu a partir dos seguintes critérios: ser deficiente visual, possuir curso superior, ter estado presente em algum momento da minha vida acadêmica e ter tido uma vida comum como qualquer outro ser humano vidente.

Acredito que o mundo sensível que se apresenta para o cego não é o mesmo que se apresenta para mim ou para qualquer outro ser humano, vidente ou cego. Portanto, o corpo cego é visível! É vidente! Encontro-me frente a uma incitação para aprender e apreender questões relativas à corporeidade do cego com base em alguns autores da fenomenologia. Lanço-me em uma grande e motivadora tarefa de transpor e transcender o que eu já conheço sobre corpo, ressaltando como o corpo cego é visível e vidente, na sua essência, existência e presentidade. Aí então emerge o Momento II.

Nessa fase dos meus estudos acadêmicos descobri a Teoria da Complexidade que, primeiramente, me assustou e depois me pareceu meio incompreensível. Mas, ao aproximar-me dela, vou saboreando-a e identificando-me mais com ela a cada leitura feita, por acreditar que sou um ser-no-mundo aliciado por um conjunto de coisas, as quais revelam a minha existência e são compreensíveis e incompreensíveis ao mesmo tempo. Encontro-me então no Momento III do trabalho, em que mostro como compreendo a relação existente entre o corpo cego e o corpo vidente, na perspectiva da Teoria da Complexidade.

Fui indo e vindo pelos caminhos da descoberta da Complexidade até me deparar com uma encruzilhada que, para ser desvencilhada, precisaria de um pouco mais de exploração, surgindo então o Momento IV. Encontro-me com a grandiosidade da educação e com a motricidade humana, áreas em que o

corpo sempre estará presente na sua facticidade e na sua relação com o mundo, como também, áreas em que o eu corpo vive sua existencialidade e suas descobertas. Portanto, fez-se necessário dizer, analisar e compreender essas áreas, num caminho onde a educação e a motricidade aparecem e se solidificam a partir dos seus princípios e das suas metas, numa perspectiva contemporânea de compreender e atender às necessidades dos seres humanos.

Apresento então o Último Momento, em que os sentidos do ver e viver fazem transcender em mim apreensões e sensações do ver e não ver com os olhos, mas ver e viver com o corpo, inseminando no meu ser e no meu viver o sabor e o prazer de continuar minha trajetória de vida percebendo os seres humanos de modo diferente de como eu os percebia antes.

O diálogo com os vários autores e com os deficientes visuais, para a produção deste trabalho, propiciou-me viver e incorporar várias sensações e emoções que eu gostaria de ilustrar com algumas frases da canção "Quanta" de Gilberto Gil:

Quantidade que se medir
Qualidade que se expressar
Fragmento infinitésimo quase que apenas mental...
... Qualquer coisa quase ideal...
De pensamento em chamas
Inspiração
Arte de criar o saber
Teoria em grupo quer dizer o ser em contemplação.

MOMENTO II

CORPO CEGO: UM SER VISÍVEL E VIDENTE

É difícil colocar em palavras aquilo
que está na origem de todas as palavras.
(A. De Waelhens)

Seu lema era que poderia chegar aonde toda a gente
chega, trilhando, embora, caminhos tortuosos. Ela se
expõe ao perigo como todo o mundo: corre por entre o
mato e os espinheiros, com risco de ferir-se.
(Helen Keller)

Ver, enxergar, sentir, perceber, observar todas as maravilhas da
natureza, todos os gestos e expressões das outras pessoas e tudo o mais que
rodeia o ser humano na sua presentidade, será possível só com os olhos, como
os videntes de um modo geral pensam e agem?

Para grande parte da população, ao se falar na capacidade limitada
ou mesmo inexistente do órgão olho, pode-se suscitar um desenlace entre o
ser humano deficiente visual e o mundo. Atribui-se aos olhos uma grande parte
das nossas experiências na relação com o mundo. Então, como os cegos se

situam nesse contexto? Veiga (1983) afirma ... "ser cego é, ou ser sobrestimado, ou ser inferiorizado; quase nunca, porém, devidamente situado, dentro de suas possibilidades e limitações. Nisso reside justamente a maior agrura da cegueira." (p. xiv)

As diferentes perturbações que acometem os deficientes visuais provocam estados de atividades neurais que são determinados pela estrutura individual de cada um, e não simplesmente pelas características do agente perturbador. Isso é válido para as inúmeras dimensões da experiência visual, e também para qualquer outra modalidade perceptiva, dizem Maturana & Varela (1995) colocando também que...

... nossa experiência está indissociavelmente amarrada à nossa estrutura. Não vemos o "espaço" do mundo - vivemos nosso campo visual. Não vemos as "cores" do mundo - vivemos nosso espaço cromático. Sem dúvida,..., habitamos um mundo. Mas ao examinarmos mais de perto como chegamos a conhecer esse mundo, sempre descobriremos que não podemos separar nossa história de ações - biológicas e sociais - de como ele nos parece ser. É algo tão óbvio e próximo de nós que fica muito difícil percebê-lo. (p.66)

As definições descritas anteriormente revelam, na sua maioria, ações biológicas com características funcionais; não descarto isso em nenhum momento das minhas reflexões, pelo fato de as limitações visuais nos cegos serem estruturais e reais. Porém, a minha atenção está voltada para compreender o conhecer das experiências do ser humano que não vê com os

olhos. Acato a explanação que Maturana & Varela (1995) estabelecem ao fenômeno do conhecer como sendo uma ação efetiva do ser vivo em seu meio ambiente, que conserva a sua organização autônoma, que coordena os comportamentos nas interações entre os seres vivos, levando em conta os fenômenos sociais, domínios lingüísticos, linguagem e autoconsciência.

O cego, ao estabelecer contato com o mundo, cria e recria ações efetivas de experienciar e experimentar as coisas; busca e encontra sua organização autônoma coordenando-se nas interações com os demais seres humanos, deficientes da visão ou não; vive sua existência junto aos fenômenos que no momento o circundam. Na circularidade, no encadeamento do ser vivo entre a ação e a experiência, leva-se em conta a particularidade de ser individual diante do mundo que se mostra (Maturana & Varela, 1995). No entanto, o deficiente visual produz o seu mundo sem a percepção do visível aos olhos.

Na perspectiva clássica de falar e ou pensar na percepção, reporto-me aos órgãos dos sentidos em constante funcionamento com todo o sistema biológico do ser humano. Pensar na percepção apenas biologicamente torna-se uma forma reducionista de situar o cego no mundo; com isso, penso que ele tem condições de explorar o mundo apenas através dos outros órgãos dos sentidos que possuem funcionalidade. Merleau-Ponty (1994) mostra que o empirismo define a sensação como um objeto, como um efeito imediato de um estímulo exterior, distanciando de ser um elemento da consciência em que se esconde a subjetividade.

Sartre (1997) afirma que os sentidos são contemporâneos aos objetos e se revelam em perspectiva para nós, representando uma regra

objetiva dessa revelação, pois, a visão não produz sensações visuais, mas, sim, é uma somatória de todos os objetos vistos a partir da sua grandeza. Desse modo, não se pode identificar, sob hipótese alguma, o sentido com a subjetividade. O corpo que sou vai além das coisas vistas; o corpo é o centro do campo perceptivo que se orienta à sua volta.

O deficiente da visão, como qualquer outro ser, vive o mundo usufruindo de todo o seu potencial funcional, mas de forma a atingir a amplitude do invisível, do sensível, do cognosciente que o corpo lhe traz e lhe dá pelo contato com o seu interior e com o seu exterior. Não ver as cores de um objeto, por exemplo, é não ter acesso a uma propriedade do objeto em si, mas isto não significa que o cego não tem elementos para poder estabelecer associações e sentir essa qualidade do mesmo objeto.

Fabiana Bonilha, cega congênita, ao falar sobre as cores comenta que é um assunto instigante pelo fato de nunca ter tido acesso a elas e por perceber que as pessoas, ao discutirem o assunto, demonstram percebê-las de modo muito particular. Afirmo que para estabelecer possibilidades de compreensão faz associações com determinadas coisas, como por exemplo: com a temperatura, com estados emocionais, porém ela diz: "... não tenho a menor idéia do que seja cor, não sei definir isso,... não tenho a sensação correta ou a mesma que vocês que enxergam têm, do que significa ver cores diferentes,..." (anexo 1, p.3). Como todas as pessoas, Fabiana, "vê" as cores à sua maneira própria de ser e de perceber.

A artista plástica Susete Gutierrez, baixa visão e daltônica², ao desenvolver os conceitos de cores com seus alunos deficientes visuais, faz associações com as formas geométricas, como exemplo cita: "... o sol é redondo e amarelo, então a representação do amarelo é o redondo, e assim se processa com todas as outras cores" (anexo3, p.2).

É imprescindível a relação estabelecida entre mim e o mundo; é ela que define o mundo e os sentidos a partir do ponto de referência adotado. A cegueira propicia ao cego um mundo próprio dele e para ele, definindo o seu sentido visual enquanto facticidade do seu surgimento.

Visualizo essas idéias nas seguintes palavras de Masini (1994):

Os dados sensíveis, "primeiro alicerce", fundamento da consciência e da ação, através da dialética entre forma e conteúdo, são retomados pela consciência e recebem dela um sentido original. Assim, entre o corpo e a consciência não existem relações de dependência, mas de implicações recíprocas. A experiência do corpo faz cada um reconhecer o emergir do sentido aderido aos conteúdos, unidade de implicação em que as diversas funções se desenvolvem dialeticamente. (p.83)

A relação entre corpo e consciência é existencial. O corpo existe à medida que sua relação com o mundo é concebida. Ter consciência é ser consciente do mundo, então, corpo e mundo estão sempre presentes, mesmo que de modo oposto à consciência. A consciência que o ser humano tem do mundo serve para a sua consciência particular e própria e nesse

² Daltônica é a pessoa que possui dificuldade ou incapacidade para diferenciar as cores e ou perceber algumas

entrelaçamento há o respeito da estrutura singular do seu corpo existencializado que se dissipa na sua totalidade corporal, ou seja, na sua corporeidade (Sartre, 1997).

O cego, ao se encontrar apreciando uma música, não deixa de ser corpo sentado numa ou noutra cadeira, sentindo as condições climáticas, os odores do ambiente, entre outras coisas. Ao mesmo tempo que ouve e sente a música, pode conduzir o seu "sentir" a música para um pensamento que se dissipa pelo corpo todo, adentrando na sua corporeidade. As várias sensações advindas desse remeter-se à corporeidade podem se transformar em conscientes ou não, isso irá depender dos pensamentos surgidos durante o ouvir/sentir a música.

Ao pensar sobre o ser-no-mundo, envolvo-me com Heidegger (1993) em *Ser e Tempo*, ao discutir a relação do ser com o mundo afirmando ser este um fenômeno existencial que representa a unidade e a presença. Não se pode restringir essa relação a algo simplesmente dado e acabado, isto é, o corpo humano situado dentro do mundo, espacialmente falando. Ou mesmo, indicar apenas um conjunto de coisas que acontecem com o ser a partir da sua presentidade. O ser-no-mundo vem expressar o modo infinito da presença e da existência do eu no mundo. O eu, cego ou vidente, é e está consigo mesmo habitando, morando, detendo-se a si próprio e à sua familiaridade própria. Isto vem revelar a existencialidade do ser como uma constituição essencial do ser-no-mundo.

A presença compreende o ser na sua facticidade, é o ser factual no mundo, pois, ele está ligado a si próprio recebendo o que vem ao seu encontro

dentro do seu próprio mundo. Ele é e está no espaço, não apenas ocupando-o num sentido de inerência e passividade. Ao contrário, a partir da sua corporeidade ele vive sua existencialidade própria na sua presença.

O corpo e a relação existente entre ele e as coisas é singular. Ela é quem me lança no mundo, mundo este percebido pelo corpo que se volta para dentro do ser envolvido por um turbilhão de movimentos exploradores e de comportamentos perceptivos.

De forma intrínseca, esta relação entre mim e a coisa se dá com e na presença de outrem, onde a percepção do outro se desdobra. Eu e o outro, próximos ou afastados, estamos no mundo, e a percepção não está "em minha cabeça", mas está em meu corpo como coisa do mundo. Mundo que contém corpos e espíritos, não como uma soma de coisas perceptíveis apenas pela visão, mas sim um lugar onde os estilos invariáveis são unificados pelas várias e diversas perspectivas, possibilitando a transição de uma a outra recheada de sentimento (Merleau-Ponty, 1992).

O mundo é para mim como eu o vejo, e para o cego como ele o vê, e esta percepção é própria e individual. Falar sobre a percepção que o cego tem do mundo, só ele pode falar, pois somente ele pode percebê-lo pelo seu corpo. Isso se dá, da mesma forma, entre duas pessoas videntes. Como posso afirmar que ao olhar e perceber algo, estou vendo e percebendo exatamente a mesma coisa que uma outra pessoa? Olhando-nos ao espelho, eu e Bruna, minha filha de seis anos, ela questiona: - Mãe, como você me vê? Será que você me vê do mesmo jeito que eu me vejo?

Meu corpo desnuda a unidade dos objetos percebidos por mim, ao passo que o corpo do outro afasta-se da condição de um de meus fenômenos,

propondo-me comunicação e conferindo aos meus objetos uma nova dimensão do ser intersubjetivo como também da objetividade (Merleau-Ponty, 1990).

Percebo algo com os meus olhos, porém estes não são sujeitos da visão, mas sim da minha capacidade de pensar. Percepção é pensamento, é reflexão que alimenta a convicção de que há qualquer coisa, de que há o mundo. A existência, que parecia encontrar-se logo ao abrir os olhos, é apenas o símbolo daquilo que se mostra, paradoxalmente, a experiência do mundo (sujeito) e o pensamento (objeto) imbrincados de forma oculta. Ela revela o caminho para a percepção por meio do corpo que me abre para o mundo, dentro dos meus acontecimentos privados, pois, "...não mais creio ver com meus olhos coisas exteriores a mim que as vejo: são exteriores apenas ao meu corpo, não ao meu pensamento, que sobrevoa a ambos." (Merleau-Ponty, 1992, p.39-40)

O cego atinge o mundo que é todo como o é para cada um de nós, porque é o que penso perceber, é o objeto indiviso que pode parecer complexo para os videntes diante dos deficientes da visão, mas os pensamentos ante si mesmo possuem adequação interna, onde tudo se integra. A percepção para qualquer ser é mutável e está intrinsecamente associada à experiência de cada um a título de possibilidades no mesmo mundo. A partir disso, considerar a percepção apenas como pensamento de perceber é reduzi-la, e não possibilitar ao ser sua presença no mundo efetivo.

De tudo o que vivo, enquanto vivo, tenho diante de mim o sentido, sem o que não o viveria e não posso procurar nenhuma luz concernente ao mundo a não ser interrogando, explicando minha freqüentação do mundo, compreendendo-a de dentro. (Merleau-Ponty, 1992, p.41)

Para me dar conta do que é ver e sentir, além do visível e do sensível, preciso estar junto deles para se tornarem compreensíveis diante de seu sentido e de sua essência. Tanto o vidente como o cego vivem no mundo pela possibilidade que cada um tem para percebê-lo além do ver com os olhos e sentir com os sentidos.

O mundo, na perspectiva da significação, do verdadeiro, do válido, é próprio e único para cada ser humano, pois, a percepção que terei do meu mundo e a dos demais seres humanos constitui um mundo próprio para cada um de nós, no sentido em que as coisas e o mundo são objetos do pensamento e não do acontecimento (Merleau-Ponty, 1992). Tudo aquilo que sei do mundo provém da minha experiência, interna e externa, pois, o mundo é para mim um lugar vago onde me deparo com os objetos verdadeiros que se apresentam a mim como coisas visíveis diante dos meus sentidos, e com os fantasmas individuais e instantâneos que se apresentam a mim como coisas invisíveis pertencentes ao meu pensamento.

O mundo percebido apresenta-se a mim não como uma soma de objetos, mas como um reservatório de onde eu retiro coisas na minha facticidade, ou seja, na minha relação existencial com o mundo e suas contingências, a partir da apreensão que tenho do eu que pensa com aquilo que o eu pensa, resultando em conhecimento advindo do mundo. "O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei da constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. ... o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece." (Merleau-Ponty, 1994, p. 6)

Fazer diferença entre o mundo dos videntes e o mundo dos cegos é não acreditar que o mundo é o mesmo diante do direito que possuímos para e em nos comunicar, pois, a coisa se apresenta como real para todo sujeito que partilha da situação. O que existe e é presente entre os seres humanos é a exigência de que o mundo seja sempre percebido de modo semelhante entre mim e o outro. No caso dos cegos é muito comum querer que eles assimilem o mundo à sua volta como os videntes o concebem e o conhecem. Com essa atitude, não estamos respeitando o fato de que os videntes como os cegos partilham as mesmas situações, porém, de modo diferente por serem seres diferentes na sua essência e na sua existência, a começar pelas próprias condições naturais de serem corpo, na perspectiva física e biológica. Essa assimilação é diferente também de cego para cego e de vidente para vidente, ou seja, todo ser humano é único e particular na sua relação com o mundo.

Neno, cego desde os dezessete anos, ressalta que a cegueira lhe traz algumas limitações ao se relacionar com o mundo, pois, limita-o às imagens, considerando a beleza da natureza, a beleza visual das coisas e a das pessoas no mundo; limita-o a um empobrecimento nas relações interpessoais, pelo fato de o olhar ser a primeira forma de o ser humano estabelecer elos de comunicação com outros seres humanos. Mas afirma também que o ser humano tem uma capacidade muito grande de adaptação às novas situações, e essas vão surgindo à medida que a necessidade, a vontade e a criatividade vão sendo despertadas (anexo 2).

Meu corpo percebe o mundo a partir das minhas abordagens, do mesmo modo o corpo do outro também o percebe, garantindo uma comunicação verdadeira entre nós, em que cada um conserva sua individualidade (Merleau-

Ponty, 1990). Nessa mesma perspectiva, Heidegger (1993,a) fala do fenômeno conhecimento como uma apropriação particular do modo de ser do ser-no-mundo. Ao apreender algo, o ser está dentro e fora de si mesmo ao mesmo tempo, pois, o ato de conhecer, de perceber, surge da relação intrínseca e extrínseca que o ser estabelece com o mundo. Por isso que o cego deve ter possibilidade de experimentar tantas quantas forem as situações que são e estão presentes no mundo, mas sempre levando em conta o fato de que ele é cego. Ser deficiente não deve ser encarado como algo negativo ou de inferioridade, e sim como uma das condições possíveis de ser e estar no mundo como outro ser.

Não ter acesso às imagens do mundo atrapalha um pouco, pelo fato deste ser extremamente visual, um mundo em que a imagem possui, social e culturalmente, um valor muito grande. A relação estabelecida entre os seres humanos videntes e o mundo torna-se muito superficial e imediatista, por ser a visão o primeiro sentido a possibilitar esta relação. O cego, ao contatar o mundo, jamais o fará pela visão, criando, sim, mecanismos diferentes para adquirir concepções e modos de percebê-lo para que esta relação se estabeleça. "... ser cego é uma vida, é toda uma experiência sem a percepção visual mas contando com outros sentidos. ... ser cego na verdade é uma forma de ver a vida, é uma fonte, é extremamente interessante,..." (Fabiana, anexo 1, p.3)

Isto mostra que a relação com o mundo se dá pelo/no corpo que surge do/no ser. Corpo que é sensação e ação ao mesmo tempo, constituindo uma unidade que é e está presente no mundo. Sou corpo, sou instrumento do mundo e pelas minhas ações me expresso como ser-no-mundo. Ser corpo

deficiente não significa ser corpo ausente; ser corpo deficiente é ser corpo como outro ser qualquer. Este meu pensar é consolidado pelas seguintes palavras de Bonilha: "Corporeidade é tanto a relação que o corpo estabelece com o mundo, quanto o corpo poder expressar aquilo sobre ele mesmo, quer dizer, o corpo não é uma coisa estática, ele interage com aquele ambiente que a pessoa está situada." (anexo 1, p. 2).

Corpo é o que sou imediatamente, é um refluxo do mundo em direção à minha facticidade sempre indo além de mim mesmo, sempre me superando e nunca me negando (Sartre, 1997). Então, por que negar o corpo deficiente? Não, não se nega o corpo deficiente, pois, antes de ele ser deficiente ele é corpo e está presente no mundo como corpo.

Merleau-Ponty (1991) afirma ser o corpo uma coisa, uma coisa onde resido, é o vínculo entre o eu e as coisas, é coisa que sente, é sujeito-objeto, é o ser na sua totalidade e é no espaço. O corpo não é para mim uma somatória de partes estanques e dissociadas que faz parte do espaço universal, onde, no contato com os outros, parece manter-se preso aos conceitos e explicações creditados pela ciência clássica. Ele é um todo envolvido e envolvente no espaço que lhe é próprio e único, pois, ao movimentar-se, vive pela percepção de seu eu interior e exterior, sensações que só a ele pertencem e podem ser percebidas.

O outro, o seu corpo, a sua vida, o seu espaço, o seu pensamento só podem ser seus. Para eu sentir e perceber, na sua essência e existência, eu precisaria ser esse outro. Portanto, fico aquém do seu mundo sensível, o que pertence a mim são as minhas representações sobre o outro. Diante disso, eu jamais vou ter acesso ao outro na sua individualidade e não será possível, em

hipótese alguma, eu me sentir como um cego não o sendo. Portanto, devo manter-me em relação com ele, estabelecendo uma comunicação verdadeira para apreendermos o mundo cada qual do seu jeito próprio, criando assim possibilidades para trocarmos o que é percebido e vivenciado por nós.

O corpo do outro é indicado pela ronda das coisas-utensílios, mas indica, por sua vez, outros objetos, e, finalmente, integra-se em meu mundo e indica meu corpo. Assim, o corpo do outro é radicalmente diferente de meu corpo-para-mim: é a ferramenta que eu não sou e que utilizo. (...) Portanto, o corpo do outro é o outro mesmo como transcendência-instrumento. (Sartre, 1997, p.428)

Na relação entre mim e o outro, o meu corpo é objeto para ele, e o seu corpo é objeto para mim; são também comportamentos que não se esgotam, mas vão além do mundo percebido de cada um, pois, a comunicação entre ambos acontece em um só mundo. Mundo onde as perspectivas não têm limites e nem definições, e onde participam como sujeitos anônimos da percepção. Mundo no sentido da existência própria, particular, individual, circundante, mas também no sentido do nós, do público, do contextualizar um fato onde uma presença vive como presença, segundo Heidegger (1993).

O pensamento do outro pode propiciar em mim dúvidas e incertezas sobre como o meu próprio ser é concebível para mim. Isto mostra que sou um ser ultrapassado pelo mundo, conseqüentemente, ultrapassado pelo outro. Entre o vidente e o cego, a comunicação traz muitos momentos de quebra, de incompreensão, de conflito e até mesmo de inacessibilidade ao diálogo, pois, o mundo físico e cultural é permeado por significados estabelecidos a partir dos

sentidos, inclusive a visão, e isso pode vir a delimitar a relação entre o vidente e o não vidente. Mas, com a reciprocidade de diálogo criada entre ambos, esta situação tende a ser modificada, desde que cada um respeite o modo próprio do outro.

Na relação de comunicação, o meu corpo e o corpo do outro, como comportamentos, estão presentes a si e ao outro. O meu corpo percebe o corpo do outro e pode encontrar ali um prolongamento de suas intenções, uma maneira própria de se relacionar com o mundo. Assim, o meu corpo e o corpo do outro são um único todo, todo este que, na presença do mundo, se projeta no ambiente em objetos culturais, como é o caso da linguagem, que desempenha um papel essencial na percepção do outro (Merleau-Ponty, 1994).

Pelo diálogo entre mim e o outro fica claro que nós dois coexistimos através do mesmo mundo, apesar das dificuldades encontradas entre ambos; isto faz parte do viver. Ao perceber o outro como comportamento e ou como fala, eu não serei capaz nunca de saber, nem de sentir como o outro, pois, ele é o seu corpo vivido e experienciado. Nesta relação, as situações para mim são apresentadas e o sentido e o significado de algo jamais serão o mesmo para mim e para ele.

Entre mim e o cego, por exemplo, a comunicação se estabelece, eu o vejo, escuto-o, interpreto seus gestos e comportamentos, dessa forma ele se apresenta a mim frente a qualquer situação. Para eu sentir e viver como ele é, será sempre inacessível, pois, o mundo se apresenta a mim pela visão, e para ele não, então nossas experiências serão sempre diferentes, o que não elimina a possibilidade de estarmos e nos relacionarmos no mesmo mundo.

Masini (1994), citando um exemplo do cego, ressalta um ponto importante da relação existente entre o vidente e o não vidente:

... o significado do olhar para ele se faz pela ausência, por estar num mundo onde o olhar está presente. A importância da visão é da experiência do vidente e se faz pelo convívio com ele, onde a comunicação é predominantemente fundada no visual. Nesta situação a identidade do deficiente visual é a ausência da visão, ao invés de ser a presença dos sentidos de que dispõe. Assim o não vidente (ou portador de deficiência visual) pode transformar-se em objeto, pois a presença do outro (vidente) é tão marcante que o rouba da sua própria. (p. 89)

Na comunicação, os sujeitos, vidente e cego, ao se permitirem experimentar o mundo percebido e não ficarem atados somente ao mundo visual, terão a possibilidade de se conhecerem mutuamente como seres-no-mundo, onde cada um será um pelo seu corpo que percebe e está no mundo.

A comunicação, o diálogo acontecem a partir do momento em que há uma troca de sinais com significados, cuja característica é o mostrar algo. Heidegger (1993), ao explicitar alguns pensamentos sobre a relação dos seres-no-mundo, deixa claro que a ação de mostrar pode se determinar como uma espécie de referência. Esta vem propiciar uma relação em cada espécie de comunicação, respeitando o conteúdo e o modo de ser, pois, toda relação é limitada devido à multiplicidade de sinais possíveis. Aí então a interpretação surge como caráter próprio da relação.

Merleau-Ponty, na sua obra "O Visível e o Invisível" (1992), ressalta pontos sobre o visível e o tangível que eu gostaria de destacar, devido à íntima relação que o assunto apresenta com o tema deste trabalho.

As coisas visíveis são apalpadas, são envolvidas e são desposadas pelo olhar. O que eu olho e vejo são coisas que, ao serem interrogadas por mim, necessitam ser tocadas para a exploração, e as informações pertencentes a elas são transpostas para além do visível.

O visível e o tangível pertencem ao mesmo mundo que o corpo, ao mesmo tempo, vê e toca. As coisas são vistas e tocadas, toda experiência me é dada pelos movimentos do olhar, e o visível pertence ao tocar, pois, quase tudo que é visível pode ser tocado e tudo que é tocado é visto. Há então um cruzamento, uma interdependência entre o visível e o tangível que se completam, mas não se superpõem e nem se confundem.

Parece ser paradoxal falar que a experiência é dada pelos movimentos do olhar se fizermos referência ao deficiente da visão. No entanto, o cruzamento e a interdependência que existem entre o visível e o tangível possibilitam ao cego assumir a postura de que ele pode conhecer o mundo pelo tocar. Está claro que o visível e o tangível para o vidente possuem significados diferentes entre si, porque são duas ações que lhe permitem conhecer o mundo através de operações diferenciadas. Para o cego, o visível e o tangível transparecem ser a mesma ação, mas não são.

Por mais desenvolvido que o tato do deficiente visual seja, jamais ele substituirá os olhos; o mesmo se aplica aos demais sentidos como o olfato e a audição. Isto quer dizer que o aprimoramento destes sentidos nos deficientes da visão decorre do uso mais intenso deles, devido à falta da visão. No

entanto, isso não garante que todos os cegos apresentam o tato, a audição e o olfato bem desenvolvidos, no sentido de poder apreender o mundo de modo semelhante.

O corpo é quem me possibilita chegar ao âmago das coisas; ele é sensível para si, pois, é pelo corpo que vejo, que apalpo e, dessa forma, sou capacitado para habitar e sentir o mundo interior e exterior. Partindo desse princípio, devo acreditar que o corpo deficiente da visão também "vê". "Vê" do seu jeito próprio, único e particular, como qualquer outro ser humano que não é deficiente da visão. É fato que muitas das propriedades e das qualidades das coisas eles vêem do modo como estas lhes são apresentadas, a partir dos significados que lhes são atribuídos pelo exterior, pois, estes são atribuídos por seres que vêem com os olhos.

Apresentar este paradoxo existencial e suas recorrências é buscar a compreensão sobre o mundo vivido - *lebenswelt*. Mundo, nessa expressão, é o horizonte mais concreto da existência do ser humano, a partir da sua percepção e das atitudes, comportamentos que estas desencadeiam. O mundo vivido - *lebenswelt* - pelo ser humano carnal e espiritual é o alimento para suas ações e reações, surgido anteriormente à multiplicidade cultural. O mundo vivido - *lebenswelt* - é único, é próprio, é primordial de toda experiência, é realidade prévia em toda e qualquer circunstância, é por demais preliminar para ser possuído, dominado, entendido e exprimido em discurso coerente, por isso é caracterizado como horizonte de todas as atitudes do ser humano, como explicita Paul Ricoeur (1968).

O mundo vivido - *lebenswelt* - é apresentado por Merleau Ponty (1994) com as seguintes considerações:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. (p.3)

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei da constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. (p.6)

O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. "Há um mundo", ou antes, "há o mundo"; ..." (p.14)

O corpo é a presença existencial do ser humano no mundo e está originariamente familiarizado com o contexto em que se compreende. Essa familiaridade não exige uma transparência teórica sobre as remissões que constituem o mundo próprio de cada ser na sua presentidade, mas possui uma legitimidade intrínseca com o viver desse mesmo ser.

Na familiaridade com o mundo, constitutiva da presença e que também constitui a compreensão do ser da presença, funda-se a possibilidade de uma interpretação ontológico-existencial explícita dessas remissões. Tal possibilidade pode ser apreendida expressamente quando a própria presença assume a tarefa de interpretar originariamente o seu ser e suas possibilidades ou até o sentido do ser em geral. (Heidegger, 1993, p.131-132)

Se apalpo e vejo é porque os objetos se apresentam a mim penetrando no meu corpo, recebendo por fora e por dentro os olhares e os

toques, assim, sinto-me como um único corpo com duas faces, o sensível e o sensível em si. No caso dos cegos, o seu visível e o seu tangível compreendem um único ato se pensarmos como há séculos atrás; entretanto, eles também são seres visíveis e tangíveis. Ser visível na ordem da percepção não é, simplesmente, contatar o mundo pela visão, mas sim é ver o mundo pelo corpo que o habita, que o emigra, que o seduz, enfim, é existir no mundo corporalmente.

Aos cegos, ao tocarem o mundo das coisas, é atribuído um potencial específico para se relacionarem. Pode-se dizer que o tato, pela ausência da visão, se apresenta mais despojado para sentir o mundo das coisas. Isso não desqualifica, para mais ou para menos, a forma de perceber o mundo do deficiente da visão em relação ao vidente. Portanto, percebe-se que tanto o domínio do visível como o do tangível são ilimitados e concernentes ao mundo vivido (o *lebenswelt*) de cada ser. Nesse sentido, o cego Bavar (2000) ressalta que o tato é o sentido da verdade, "... defini-lo como o olhar chegado ou encostado, aquele que não provoca ainda a separação inelutável entre o sujeito e o objeto do conhecimento." (p.18)

Como exemplo disso, aproveito as reflexões feitas por Bruns (psicóloga) e por Benedito Leal Filho (cego) no artigo "A sexualidade e o significado do olhar" (1994), ao retratarem que estudos têm mostrado que a ausência da visão não limita nem impede a sexualidade de qualquer pessoa. O que vem facilitar e ou dificultar a prática da sexualidade de qualquer indivíduo, vidente ou não vidente, é como os padrões, normas e valores sobre o assunto são passados entre as pessoas. Por conseguinte, o que retrata a sexualidade de cada um, é antes de mais nada, a história de vida da pessoa, suas experiências,

seus desejos, suas fantasias e frustrações, sendo única e individual, caracterizando-se aí o mundo vivido (o *lebenswelt*). Esclarecendo sobre o significado do olhar nas relações afetivo-sexuais, estes autores apontam para

... ir além do visto. Olhar no sentido de discernir, fixar, tocar, perceber, sentir. Ir além do olhar comum é ver com a habilidade dos cegos, que não enxergam, mas tateiam, apalpam e percebem. ... o mergulho nas luzes da afetividade traz descobertas profundas e essenciais a videntes e não videntes, visto que a qualidade das relações afetivo-sexuais encontra-se na intensidade, na intimidade, e capacidade do ser envolver-se com o outro, e não só no ato de ver. (p.30-33)

Na obra "O olho e o espírito", Merleau-Ponty (1997) faz uma alusão crítica ao pensamento de Descartes que dizia que os cegos eram capazes de ver com as mãos, caracterizando assim o modo cartesiano da relação entre a visão e o tato, estabelecendo a ambos o pensamento como única possibilidade de perceber o mundo. O que é tateado e visto não é mais do que uma denominação exterior pertencente ao pensamento. Um cartesiano, ao olhar no espelho, não se vê, ele vê, sim, um manequim, uma imagem exterior, sobre a qual acredita ser visto pelos outros, mas o que acontece é um efeito da mecânica das coisas que nada tem dele próprio.

O corpo é um depositário, é um instrumento do nosso ser que produz os nossos órgãos na relação com o mundo, pois, eu não vejo o mundo com os

olhos e o tato apenas, eu o vivo, estou dentro dele, ele é o meu entorno e não a minha frente distante de mim.

O corpo é ao mesmo tempo vidente e visível, ele olha para si e para as coisas, podendo reconhecer naquilo que vê o seu poder vidente. Ele vê-se vendo, toca-se tocando, é visível e sensível para si mesmo. ... Um si, portanto, que se compreende no meio das coisas, que tem um verso e um reverso, um passado e um futuro... (Merleau-Ponty, 1997, p.21)

Este paradoxo proposto leva-me a crer que o deficiente da visão, embora não veja com os olhos, é um ser humano vidente e visível, cujo corpo, na sua relação com o mundo, na sua totalidade, o faz ver e sentir sua essência e existência nesse mundo. É o seu mundo vivido (o *lebenswelt*), é a sua particularidade. O mesmo autor, na mesma obra diz:

Um corpo humano está aí quando entre vidente e visível, entre aquele que toca e é tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão acontece uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do que sente-sentido, quando se atea esse fogo que não mais cessará de arder, até que determinado acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria podido fazer... (p.22)

Ao refletir sobre a percepção do deficiente visual e reportando-me aos escritos de Merleau-Ponty, sou conduzida a um pensamento que julgo intrigante e desafiador, no que tange, diretamente, à manifestação do ser sensível que são as obras de arte, pois, estas são uma ação da expressão de cada ser que com elas estão envolvidos e não uma simples imitação do exterior.

Dessa forma, a arte é uma tarefa infinita para quem a produz e para quem tem a oportunidade de conhecê-la; portanto, a expressão não é a tradução de pensamentos já prontos, porque estes já foram ditos por nós ou por outros homens.

A arte, vista e pensada como uma das expressões humanas, é a liberdade, o movimento, a opção, o pensamento, a descoberta, a criação e, principalmente, o vir despertar no outro experiências e sentimentos que por ora são exprimidos pelo artista.

Traçando um paralelo a isso, recordo-me de uma das crônicas de Alves (1995) ao comentar sobre a relação estabelecida entre o corpo e o mundo, quando desta surge a possibilidade de julgamento de todas as experiências e sentimentos do ser humano:

O que é bom dá prazer. O que é ruim faz sofrer.

Em todos os casos o juiz que dá a palavra final sobre a qualidade é o corpo. Só o corpo tem a capacidade de sentir prazer e sofrer. (...) Para isso ele foi dotado de delicados instrumentos de teste de qualidade, cada um especializado num tipo de prazer e de sofrimento. O violeiro que afina sua viola está testando a qualidade do som, quem aprova ou reprova é o ouvido, especialista em prazeres da audição. (p.118-119)

Para muitos videntes, os deficientes da visão são reconhecidos como incapazes de admirar uma obra de arte se ela não for musical. Isso se dá devido à idéia, cristalizada na cultura ocidental desde a Grécia Antiga, de que a apreensão do belo só é possível pelos sentidos da visão e/ou da audição.

Cabe, pois, perguntar: é possível ou impossível os cegos apreciarem o belo? Ao acreditar que o corpo na sua totalidade é e está presente no mundo, independente de sua capacidade visual, o cego não só tem condições e vontade, mas pode admirar e apreciar tudo o que lhe é apresentado. Mais uma vez reafirmo o mundo vivido (o *lebenswelt*), portanto, o cego ao viver se comunica com o mundo de forma inesgotável, como qualquer outro ser humano.

Como afirma Heidegger (1993) "os sentidos não dão a conhecer o ente em seu ser, ao contrário, anunciam meramente a utilidade e a desvantagem das coisas intramundanas "externas" para o ser humano dotado de corporeidade." (p.143)

Oliveira (1998), um estudioso da arte e da sua relação com os cegos, comenta em um de seus artigos um dado interessante sobre o prazer desinteressado que todos os seres humanos possuem ao se relacionarem com a beleza estética. O prazer em estar tateando uma escultura, ou em estar ouvindo um belo trecho musical não apresenta limites para apreciação; a interrupção desse contato se dá devido ao hábito que os ocidentais adquirem em dissociar a vivência do sensível das outras dimensões humanas, como por exemplo, a dissociação entre o sensível e o inteligível.

O cego José Espínola Veiga fala que o ... "tato não compreende o belo no mesmo sentido em que a visão o faz"... (1983, p. 31) devido à existência de diferenças marcantes no que diz respeito às experiências tátil e visual. Mas são diferenças e não impossibilidades, partindo do princípio que a assimilação e a percepção dos detalhes feitas por um deficiente da visão, sobre uma obra de arte, se darão pela existência desse ser humano no mundo, pelo mundo vivido (*lebenswelt*), e não apenas pelo órgão do sentido.

As observações, interpretações e julgamentos possíveis de serem feitos ao admirar-se uma obra de arte estão, interna e externamente, associados às possibilidades e às influências do meio que o corpo recebe ao estar em contato com o mundo. Corpo este deficiente ou não, que somente manterá relações de proximidade com a livre expressão dos artistas se a ele for permitido e oportunizado este tipo de experiência como um dos modos da existência humana. A arte é um espetáculo produzido pelo artista para aqueles que sabem e podem aplaudi-la, pela satisfação ou pela insatisfação de se atingir ou não o êxtase.

A musicista e psicóloga, Fabiana, considera a arte como:

...uma forma das mais universais, mais próprias, mais adequadas, na qual o ser humano pode se expressar. Ele pode expressar tanto aquelas coisas que são explícitas para ele, que são conscientes, como aquelas coisas que são inconscientes, é então uma forma muito adequada de expressão dos sentimentos, permite às pessoas darem vazão para aquilo que elas não conseguem explorar de outras formas, ... (anexo 1, p.4-5)

É preciso oferecer ao cego condições básicas para ele poder vir a estabelecer um relacionamento harmonioso com a arte, isso pelo fato de ele ser limitado em sua visão, que é considerada uma das capacidades humanas mais utilizadas para a aproximação de alguns tipos de obras de arte produzidas. A partir das construções dos objetos e seus conceitos feitos pelos seres humanos, e apreendidos muitas vezes pela visão, é necessário transmiti-los ao cego para que o relacionamento, entre ele e o objeto de arte, seja criado, não pela visão, mas sim pelo corpo todo.

Como ponto significativo dessa troca de informações ao se tratar da apreciação tátil, o tamanho do objeto a ser apreciado por um cego deve seguir uma escala que forneça subsídios suficientes para que o ser humano possa apreciá-lo de modo contínuo e ininterrupto, buscando um juízo estético a partir da totalidade da obra e não da soma das partes de forma desconexa (Oliveira, 1998).

É pertinente dizer que a escultura é um tipo de obra de arte muito acessível para o cego, pois, através do tato ele pode sentir a obra e todos os seus detalhes de forma, textura e tamanho, facilitando assim a apreciação ou não da beleza da obra que está sendo tateada, pelas expressões que dela emanam. Keller (2001) admitia que a incapacidade de ver a perturbava mais do que a surdez, mas se envolvia com a beleza escultória revelando:

Às vezes, chego mesmo a me perguntar se as mãos não são capazes de perceber melhor as belezas da escultura do que os olhos. Creio que a maravilhosa harmonia das linhas e curvas é mais sensível ao tato do que à vista. Seja como for, sinto a alma dos antigos gregos palpitar nas estátuas de seus deuses. (p.113)

Observa-se uma grande diferença entre o cego e o vidente, ao se tratar de esculturas, pois, o cego, ao tocar uma escultura, é capaz de percebê-la com uma riqueza de detalhes que muitas vezes passam despercebidos ao vidente.

Isso pode vir a acontecer com muitos cegos, por apresentarem um desenvolvimento mais apurado do tato, se comparados com o vidente, pelo motivo daqueles usarem com mais intensidade o tato, visando a atender um maior número de necessidades do corpo na relação com o mundo.

Ao pensar na pintura, não se podem desconsiderar as limitações que os cegos congênitos, principalmente, tendem a apresentar quando se trata da observação de obras dessa natureza. É um tipo de arte que utiliza primeiramente a visão para ser explorada e admirada, colocando o cego em uma situação de desvantagem, se comparado com o vidente. Porém, isso não significa que o cego não pode admirar e ou produzir uma pintura, qualquer uma dessas situações dependerá do mundo vivido (*lebenswelt*) de cada pessoa que seja cega.

Conversando sobre pintura com deficientes visuais, os comentários estão, diretamente, associados ao modo de vida de cada um deles. Susete, pintora, afirma que a pintura sempre foi uma forma de impulsioná-la para viver, sempre foi um desafio para si própria devido aos seus comprometimentos visuais (anexo 3). Neno (anexo 2), apesar de possuir memória visual, ao relatar sobre a apreciação de uma pintura afirma ter dificuldades. Ao descreverem um quadro para ele, no início, ele é capaz de ir compondo-o, mas, depois de uma certa quantidade de informações a confusão começa a se instalar no que se refere às cores e à visão da cena como um todo.

Labaki (2000) cita uma passagem de um cego visitando uma exposição de obras de Seurat³ num Museu e comenta como essa situação é possível. O cego pede para um vidente acompanhá-lo pela exposição descrevendo aquilo que vê e outros detalhes existentes na obra observada. Em seguida, solicita ao acompanhante para assumir as poses dos personagens da tela, e com o tato o cego percebe todas as poses possíveis, criando assim

³ Seurat, pintor do pós impressionismo, rompe e transcende nas suas obras a captação da sensação visual de uma cena imaginária ou real. Ele substitui o objeto observado, mas por estar próximo pensa e produz o olhar

suas próprias imagens, a partir das imagens e das posturas criadas pelo acompanhante.

Ao tratar da arte como uma forma de comunicação com o mundo, o modo de exprimi-la, experienciá-la, vivê-la, apreciá-la é uma condição existencial, que vai variar de cego para cego, de cego para vidente, e de vidente para vidente, dependendo das inúmeras particularidades de cada um e das experiências vividas (*lebenswelt*).



Georges Seurat - A Sunday on la grande jatte, 1884.

sentido sobre esse objeto, “Seurat constrói o seu quadro como uma máquina de dissecação do olhar, um instrumento analítico,”... (Duarte, 1999, p.254).

No ato de existir, ou seja, de estar presente na relação com o mundo, o ser humano é livre e mantém-se alerta no seu mundo vivido (*lebenswelt*). Contudo, para vir a apreciar e a interpretar uma obra de arte, o cego, como qualquer outro ser humano, necessita compreender o seu mundo vida e o mundo no qual está inserido, para assim, apreender sensivelmente toda e qualquer obra artística. Nesse contexto de mundo vivido (*lebenswelt*) cria-se uma possibilidade de diálogo entre o artista, a obra apresentada e o outro, que pode ser um cego ou não.

Algumas palavras de Milton Nascimento em uma de suas canções ilustram esse possível diálogo entre o artista e o ser humano:

...“com a roupa encharcada e a alma repleta de chã
 todo artista tem de ir aonde o povo está
 se foi assim, assim será
 cantando me desfaço, e não me canso de viver, nem de
 cantar
 cantar era buscar o caminho que vai dar no sol”...

Esse diálogo pode ser contemplado por todo e qualquer tipo de manifestação artístico-humana, porém todas elas devem ser absorvidas. O artista cego Bavcar (2000) aponta: “o salvamento do sujeito criador permanece possível enquanto ele pode colocar em face do obscuro, fazendo das trevas o seu objeto, o seu complemento, e não um inimigo a ser excluído do processo de criação.” (p.13)

Oliveira (1999,a) revela algumas palavras de uma deficiente visual que ficou cega na sua juventude e teve a possibilidade de se envolver com a arte:

..., a cegueira, considerada em si mesma, não constitui obstáculo intransponível ao ser humano. Tudo depende do sentido que a pessoa dá a sua condição de cego. Pois é no encontro de um sentido para a vida que o homem se realiza em plenitude. E isso é possível em qualquer circunstância, já que a busca de sentido pertence à própria essência do homem. (p. 20).

Falar da relação do cego com as obras de arte é considerar o corpo na sua essência e na sua existência. Ao imaginar um cego apreciando e atribuindo valores estéticos a uma obra de arte, exacerba-se o sentir do corpo próprio com o mundo, desencadeando-se assim o diálogo. Para gostar mais ou menos, para achar bonito ou feio, para preferir esta ou aquela obra, o ser humano vai estar sempre buscando em si mesmo valores incorporados ao longo de sua existência. Nesse momento é que as particularidades e individualidades se apresentam no e pelo corpo sensível que se posiciona diante de uma obra de arte, sendo este cego ou não. A condição para isto ocorrer é simplesmente o corpo ser e estar presente no mundo, tendo e podendo vivenciar diversas experiências que este lhe oferecer, é o mundo vivido (*lebenswelt*).

Vitor Marques (in Oliveira, 1998), cego, confirma essa idéia após visitar as exposições de Rodin (1995) e de Camile Claudel (1998), no Rio de Janeiro, fazendo a seguinte observação: ... "em Camile, os contornos são mais definidos. O grau de expressividade é maior. Há mais naturdidade; sinto mais vida nas suas obras." (p.06)

Contornos, expressão, naturalidade e vida são palavras que chamam muito a minha atenção nestes dizeres, pois, para serem utilizadas numa relação

de apreciação de uma obra artística, o seu significado precisa ter sido incorporado e sentido. Sentido a partir da inter-relação existencial entre o sensível e o inteligível que o corpo é e se apresenta perante o mundo. Aí concordo com Merleau-Ponty (1997) quando afirma que o ser humano vidente possui um terceiro olho, o olho interior que "vê" as obras a partir do exterior e assim criam-se as imagens mentais de acordo com o aprendido externa e internamente. Esse paradoxo, apontado pelo ser humano vidente, sugere que o cego também "vê", pois, este olhar interno é visível e sensível, sem apresentar delimitações físicas carnis.

Uma reflexão sobre isto pode ser feita a partir da análise que posso fazer ao me olhar no espelho, pois, vejo um manequim, um corpo que possui esta ou aquela forma que por sua vez se apresenta aos outros da mesma maneira, mas que nem para si, nem para os outros, é apenas aquilo que se mostra. Esse situação mecânico está presente na relação da produção da imagem que nada tem do seu interior, do seu íntimo, do seu sentir (Merleau-Ponty, 1997). Na mesma obra é mostrado que o corpo não é meio da visão e do tato, mas sim seu depositário, em que os instrumentos para a exploração do mundo são órgãos produzidos pelo corpo.

Para Fabiana, cega congênita, corpo é o meio pelo qual os seres humanos se relacionam com o mundo, com o ambiente. É o corpo que capta as informações do ambiente, das pessoas e das coisas que se encontram nesse ambiente, permitindo a interpretação do mesmo, como também expressando tudo o que se passa, interna e externamente com ele - o corpo, numa relação de diálogo (anexo 1).

Lembro-me de um dado presente às coisas e ao corpo - o espaço que vejo, que vivo, que internalizo, que sinto porque ele está em mim e ao meu entorno na minha relação com o mundo. E aí me pergunto como este mesmo espaço torna-se perceptível para o cego, salvo as definições e delimitações impostas pelo mundo dos videntes?

Ao fazer referência às características físicas do espaço, como a direção, a profundidade e a grandeza, transparece serem únicos o entendimento e a apreensão dos seus conteúdos com relação às coisas que se apresentam no mundo. Olhar para uma cadeira e decifrar suas características espaciais, ou seja, o seu tamanho, a sua altura e o espaço que ocupa está diretamente atrelado ao meu pensamento cartesiano de interpretar e entender as coisas que estão e são presentes a mim, levando-se em conta as relações de referência atribuídas ao que recebemos de informações do espaço real que se apresenta a mim pela minha intelectualidade.

Refletindo dessa forma, descarto qualquer possibilidade de o cego viver e compreender como eu, vidente, as características físicas do espaço. Mas sei também que isso não acontece devido ao cego relacionar-se muito bem com as dimensões espaciais, mesmo não as vendo. Como isso pode acontecer se para compreender a geometria e a perspectiva parece que eu me apego somente às informações que a visão me oferece?

Um cego congênito, ao se locomover sozinho pelos diferentes espaços do seu dia-a-dia, afirma que os trajetos dos percursos realizados são gravados na memória, mas existem informações do ambiente que o corpo percebe que são muito subjetivas, e quem as percebe é o corpo em movimento na relação com o mundo. O vento, a temperatura, os barulhos existentes, o

cheiro, a mudança de piso, enfim, uma série de informações que o corpo percebe, desde as mais objetivas às mais subjetivas, servirão de orientação espacial para um cego estar presente no mundo, sabendo-se que estas se modificam a todo instante, dependendo do próprio ser ao estar situado, criando e mantendo sua presentidade no mundo (Fabiana, anexo1).

Desde o momento em que sou presença no mundo, que sou o meu mundo vivido (*lebenswelt*), a minha relação com o espaço acontece de forma perceptiva e não intelectual. Heidegger (1993) mostra que a presença é essencialmente espacial, em que o lidar com as coisas se mantém num mundo circundante. Este mundo não se oferece apenas como algo simplesmente dado para um observador destituído de presença, mas vem ao encontro do mesmo no seu cotidiano, que é empenhado de ocupações a partir do como se apresentam. "É nesse apresentar-se que cada mundo está propriamente à mão" (p.154). O ser-no-mundo, ao orientar-se, está se aproximando e ou se distanciando de algo que vem ao encontro de si de forma existencializada, e não simplesmente pela coisa dada, pois, a presença sempre ocupa um espaço, ela existe segundo o modo de se descobrir no espaço inerente à circunvisão. Isso se dá a partir das relações de aproximação e distanciamento entre os seres que se encontram no espaço. O mesmo autor comenta:

O espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço. Ao contrário, o espaço está no mundo na medida em que o ser-no-mundo constitutivo da pre-sença já descobriu sempre um espaço. (...) É o sujeito,..., a presença que é espacial em sentido originário. Porque a pre-

sença é nesse sentido espacial, o espaço que se apresenta como a priori. (p. 161)

O fenômeno do espaço só é concebido porque corro e estou ao mundo. A espacialidade só é descoberta a partir do mundo, isto é, do ser que é e está no mundo vivendo a sua presença existencial e respeitando sua constituição fundamental de ser-no-mundo.

O bebê, ao descobrir a mão, coloca-a em vários pontos do espaço e em contato com diversas outras partes do seu corpo para observá-la, sentindo-a a partir de todas as possibilidades de movimento que ela pode ser e fazer na relação consigo próprio. À medida que esse bebê vai sentindo cada parte do seu corpo e descobrindo suas possibilidades de ação nas diferentes situações, ele vai vivendo e experienciando o espaço presente que é só seu, independente das definições e características que o envolvem.

Ele vai se apossando do seu corpo que é e está presente no espaço, ele vai existencializando-se no mundo, como diz Merleau-Ponty (1994) ... "o nível espacial oscila e se estabelece em sua nova posição. Portanto, ele é uma certa posse do mundo por meu corpo, um certo **poder** de meu corpo sobre o mundo" (p.337). Dessa forma, tanto eu como o cego compreendemos o mundo e percebêmo-lo, sem nos prendermos aos conceitos impostos. Ainda na mesma obra o autor faz uma reflexão de como a constituição do nível espacial se relaciona com a constituição do mundo pleno do ser:

Meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas

intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam. Esse máximo de nitidez na percepção e na ação define um solo perceptivo, um fundo de minha vida, um ambiente geral para a coexistência de meu corpo e do mundo. Com a noção do nível espacial e do corpo enquanto sujeito do espaço, compreendem-se os fenômenos... (p.337)

Pode-se dizer que o mundo vivido (*lebenswelt*) é um solo perceptivo, um fundo de minha vida, um ambiente geral. Lembrando-me de uma situação vivida, os momentos descritos vão ressurgindo na minha mente como uma coisa ainda muito presente: um grupo de cegos junto a um grupo de videntes coordenados pelo professor Dr. José Júlio Gavião de Almeida, descobrindo a natureza, me impressionou muito pela liberdade, disponibilidade e coragem. Todos à beira de um rio, uma corda pendurada e amarrada num galho de uma árvore, iam viver uma experiência nova. Cada membro do grupo segurava na corda, lançava-se pelo ar em direção ao rio, e no ápice do movimento de ida da corda, soltava-se da mesma caindo na água.

Ao assistir a essa filmagem senti, naquelas cenas, a liberdade, o domínio de si e do ambiente, a alegria, o encantamento, a conquista e outros sentimentos que os cegos devem ter experimentado naquele ambiente até então desconhecido. Eles estavam abertos para o novo, para o desafio de viver corporalmente o novo, revelando para mim o quanto não ver com os olhos não é empecilho para o ser humano estar presente no mundo descobrindo sua essência e existência a cada dia, a cada momento. Essas cenas me deixaram deveras surpresa, porque eu, vidente, sinto-me impedida de realizar tal

atividade por medo e pela insegurança que a situação despertou em mim, e também por sempre acreditar que saltar de uma corda no meio de um rio é uma tarefa muito perigosa. A apreensão disso é que o mundo vivido (*lebenswelt*) só pode ser próprio ao ser que o vive, como esclarece a citação anterior.

É essencial, para perceber o espaço, estar sempre nele e com ele, portanto, sou um ser situado. Não é possível me sentir espacializado fora do meu corpo e do meu mundo. Para acontecer a orientação espacial preciso reconhecer a mim e as coisas que são presentes no mundo percebido, e estão no horizonte das nossas percepções que, por princípio, não podem ser alcançadas ou tematizadas de forma expressa concretamente (Merleau-Ponty, 1994).

Ao ficar cego completamente, aos dezessete anos, Neno (anexo 2) alega que, para se localizar novamente no espaço, precisou aprender a lidar com o novo corpo situado. Surge uma nova forma de vivenciar o mundo espacial conquistado a cada experiência vivida, tanto nos ambientes mais familiares como nos ambientes do cotidiano. O corpo é o seu indicador espacial, pois, a partir das percepções corporais vividas e sentidas, advindas do meio ambiente, estas lhe transmitem as variadas informações de que ele necessita para se situar nos diversos ambientes em que vier a se encontrar. Considera todas as possíveis interferências que podem se manifestar do ambiente e ou do corpo como significativas, surgindo então a percepção do mundo com e pelo corpo.

Diante dessas considerações compreendo que o cego tem as dimensões espaciais como eu, vidente, portanto, ele e eu podemos experimentar o espaço de modo a vivê-lo, a assumi-lo, a senti-lo em seu sentido imanente, e não a partir de uma vivência passiva em que as determinações são

assumidas pela relação das condições dos fatos, como as dadas pela imagem retiniana. Se fosse dessa forma, o cego não teria chance e nem possibilidades de ser e estar no mundo existencial. Ele é e está no mundo como qualquer outro ser vidente.

O ser humano sente, vive e percebe a espacialidade por ser um ente em constante movimento. Ser e estar em movimento possibilita-lhe compreender a espacialidade própria no mundo circundante da sua existência. Movimento e/no espaço supõe sucessão, continuidade ou descontinuidade e passagem implicando o componente tempo da existência. O cego ou o vidente, ao se movimentarem, estão em algum lugar, que a cada momento se apresenta modificado. Nesta sucessão de ações contínuas, existencializa-se a presença do tempo e do espaço pela totalidade do sujeito (Cardoso, 1999).

Heidegger (1993, a), sobre a temporalidade, explicita que o espaço e o tempo constituem uma determinação fundamental da presentidade do ser-no-mundo. O presente surge do futuro e do passado, na medida em que a presença do ser humano se temporaliza, se dá num mundo, que é subjetivo e objetivo, na perspectiva da transcendência e da temporalidade.

Pensar o ser humano existencializado no espaço é pensá-lo também no tempo. Se estou aqui, ali, acolá agora, alguns instantes mais tarde estarei num outro aqui, ali, acolá. Essa relação mostra que o tempo é presente, passado e futuro, simultaneamente, como diz Merleau-Ponty (1994) "O presente é consequência do passado, e o futuro a consequência do presente" (p.550).

Tratar o tempo como uma realidade objetiva é impossível, ele é subjetivo e só existe a partir da existência do sujeito na relação com o mundo. O ser humano pensa no tempo antes mesmo das suas partes, possibilitando

assim as relações temporais com os acontecimentos. Para isso é necessário que o ser humano não esteja ali situado, para que ele possa, intencionalmente, estar presente tanto no passado como no futuro (Merleau-Ponty, 1994).

Cardoso (1999) compreende a temporalidade, não pela extensão ou agregação, acumulação ou envolvimento, mas ... "- por ser o presente inacabado, indeciso e lacunar - se faz por alteração, quebra e transformação, estilhaçamento e reorganização de um mesmo "campo", por desintegração e reconstituição (sempre "aberta") do seu sentido" (p. 356).

Ser cego, ser vidente, é ser humano, é ser sujeito, é ser-no-mundo transcendendo a espacialidade e a temporalidade pela existência e pela experiência de viver e perceber, a si e ao outro, nas relações intramundanas e circundantes, intensificadas e prolongadas pela intencionalidade.

Este ser no qual acredito e que menciono é um ser corporal, carnal e espiritual, é um ser em duas dimensões que nos leva às próprias coisas. Corpo fenomenal aberto e visível para quem o coexiste, e corpo objetivo, carnal e visível possibilitando-me existir no e ao mundo, que é recoberto por todas as nossas projeções, com exceção do que está sob a nossa "máscara humana".

Aí então lembro-me de Bavcar, o fotógrafo cego, ao se perceber ser-no-mundo possibilita aos videntes transcenderem o mundo visível, ele revela a visão de alguém que não vê, fotografando e produzindo imagens criadas, sentidas e experienciadas por ele, na sua luz e escuridão. Lembro-me também da artista plástica Susete, deficiente visual e daltônica que ensina cegos e deficientes mentais a pintar, criando oportunidades para eles demonstrarem o eu próprio de cada um nas belas obras coloridas que produzem (anexo 3). Como indica Morin (2001,a): (...) "todo desenvolvimento

verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana" (p.55).

MOMENTO III

COMPLEXIDADE À VISTA: VER E NÃO VER

Se eu sou algo incompreensível assim
Meu Deus é mais
Mistério sempre há de andar por aí
Não adianta nem me abandonar.
(Gilberto Gil)

Deixando meu pensamento voar e sobrevoar minha existência nos dias de hoje, percebo-me em alerta ao pensar sobre a evolução dos seres humanos, da cultura, da arte, da ciência e da tecnologia da informação e comunicação. Estes "mundos" aos quais pertencemos têm mostrado um desenvolvimento aceleradíssimo e de grande eficiência, no que se refere às potencialidades que as máquinas possuem, sob as quais o ser humano tem todo o domínio de conhecimento, apropriação e utilização.

Fica claro para mim que esse desenvolvimento todo está diretamente atrelado e mantido pelo mundo científico, e o ser humano como criador, divulgador, mantenedor e utilizador dele está e se faz presente em toda essa dinâmica que visualizo como uma espiral em constante movimento, onde o todo são as partes e as partes são o todo. Como afirma Morin (2001, a):

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. (p.67)

Assusto-me, em muitos momentos da minha vida, com os fatos que vivencio e experimento e, também, com aqueles que apenas ouço e vejo de longe. Chego a sentir-me dentro de um caleidoscópio nesse mundo vida em que eu e os corpos que me rodeiam estão imbricados.

Os afazeres são muitos e os prazeres se mostram cada vez mais ligados a estes, nascendo uma desordem que busca a ordem, a organização ou mesmo a desorganização quando tento compreender a minha essência e a minha existência nos "mundos" que sou e estou presente, em que um deles é o mundo da ciência.

Vejo e sinto este mundo como um grupo de crianças livres e soltas num parque a brincar... elas chegam e vão aos poucos se familiarizando com o local, fazem um reconhecimento dos brinquedos ali existentes, observando-os e admirando-os para em seguida escolher brincar com aqueles que mais chamaram a atenção. Passado esse primeiro momento, iniciam a compreensão e a apreensão sobre o primeiro brinquedo escolhido para, posteriormente, elas fazerem a opção pelos meios de apropriação e utilização do mesmo. Seguindo ou não regras pré-fixadas e determinadas, o locus da descoberta está na criatividade e na autonomia que as crianças terão para se aproximarem e se apoderarem do brinquedo escolhido.

A ordem ou a desordem desse processo deverá conduzi-las às diversas possibilidades que elas têm para brincar com e neste brinquedo. Porém, não podemos deixar de considerar os diversos fatores que podem interferir nesse processo como: o parque pode estar demasiadamente cheio de crianças; de repente o sol se esconde e começa a chover; o brinquedo pode parar de funcionar de repente; o tempo para elas permanecerem naquele local se encerra; uma criança pode desmaiar e precisar da atenção de todas as outras; uma criança cega se aproxima e quer brincar junto com as demais, ou um outro evento qualquer que venha a desestruturar toda a programação feita anteriormente. Enfim, é o inesperado e são os acasos que em toda e qualquer situação aparecem e se instalam sem avisar, pedindo uma outra ação diferente da estabelecida inicialmente.

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. (Morin, 2001, a , p.30)

Frente a esse contexto, sei que se eu estivesse naquele parque agiria de uma determinada forma, se fosse você teria outras atitudes que se diferenciariam das minhas, se fosse outra pessoa as ações não seriam nem as minhas nem as suas, porque cada um, no momento da intervenção ao acaso, iria se revelar de acordo com seu modo próprio de ser e de viver as relações com o mundo. E assim as intersecções e interlocuções da essência e da existência dos

seres humanos na relação com o mundo, vão acontecendo como num caleidoscópio onde as figuras, as cores e os seus respectivos movimentos vão se formando com rigor, com fidedignidade, com junção das partes para o todo e do todo para as partes de modo indissociável, com ordem, com desordem e com organização, propiciando dessa forma a evolução da espécie humana.

Pensando na evolução do ser humano me reporto à Morin (2001, a) ao retratar a evolução dizendo:

Toda evolução é fruto do desvio bem - sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o. As grandes transformações são morfogêneses, criadoras de formas novas que podem constituir verdadeiras metamorfoses. De qualquer maneira, não há evolução que não seja desorganizadora/organizadora em seu processo de transformação ou de metamorfose. (p.82)

Nesse processo, existem e sempre vão existir as diferentes ações dos seres humanos reveladas nas inúmeras situações, pelo fato da singularidade e individualidade serem próprias do ser humano. Isso acontece de modo indissociável, com ordem, com desordem e com organização, em que se busca a descoberta e, conseqüentemente, a compreensão dos fenômenos que se dá devido aos diversos "mundos" que surgem e se instalam.

Ao tratar dos conceitos de ordem/desordem/organização Morin (2000) explicita suas idéias para cada termo em separado. Ele identifica a ordem com a racionalidade, com a harmonia entre a ordem da mente e a ordem do mundo, com a causalidade, com o determinismo, com a objetividade e

também com o controle. A desordem está associada às irregularidades, às inconstâncias, às instabilidades, às agitações, às dispersões, às incertezas, aos acidentes, aos desvios, que podem vir a perturbar a ordem e é também considerada pelo acaso e pela eventualidade. Ao falar em organização, o autor deixa claro que não pode reduzi-la à ordem. A organização ..."mantém um conjunto ou "todo" não redutível às partes, porque dispõe de qualidades emergentes e de coações próprias, e comporta retroação das qualidades emergentes do "todo" sobre as partes" (p.198).

O trinômio, ordem, desordem e organização, pode se apresentar separadamente, no entanto, constata-se estes três princípios acontecendo de maneira imbrincada e cadenciada em todos os fenômenos humanos e da natureza. Eles aparecem na evolução, no progresso e na modificação dos fenômenos, que estão presentes em todos os ambientes que o ser humano se encontra. Um desses ambientes que estou presente, buscando compreender é o mundo científico.

Passar pelo processo de conhecer e viver o mundo científico está sendo um desafio para mim, visto que em toda minha formação escolar, familiar e religiosa, fui sempre direcionada a ver e viver o mundo das coisas e das pessoas de forma separada, fechada, simplificada e padronizada diante de uma lógica formal e racionalizada. E agora, nesse processo de apreender, assimilar e transmitir conhecimentos, sinto-me no meio de um parque cheio de crianças em movimento em que o inesperado e os acasos surgem trazendo instabilidades, incertezas e desequilíbrios propondo um verdadeiro caos.

Em vários momentos na obra *Teia da Vida*, Capra (2001) faz diversos apontamentos sobre o caos, colocando em evidência que todo ser vivo é

caracterizado por um fluxo e uma mudança contínuos no seu estado de viver, pois, se o equilíbrio se instalar em todo e qualquer processo da vida desse ser vivo, ele pode se considerar morto. O ser vivo, diante das inúmeras perturbações do sistema do caos, é capaz de coordenar, de ser flexível, de se adaptar e evoluir porque faz parte de um sistema complexo e auto-organizativo. Volto a lembrar do ser humano que é cego e vive sua essência e existência num mundo criado e projetado para e por quem enxerga.

Voltando para minha trajetória de pesquisadora, deparo-me com inúmeras situações em que os fluxos e mudanças se fazem necessários a todo instante, e que estes não se explicam e nem têm porque se explicarem, mas mesmo assim, às vezes, me pego pensando e agindo contraditoriamente, ou seja, tento dar explicações e justificativas sobre determinada situação. Acredito, porém, que isto também faz parte do processo de assimilação e incorporação de uma nova forma de entender, aceitar, experimentar e divulgar o pensamento científico.

O ser humano e todos os outros seres viventes são fenômenos, portanto não são passíveis nem possíveis de explicações concretas, fechadas, e fadadas de generalizações como os fatos sempre foram tratados pela ciência clássica. Pensando nisso, lembro-me dos apontamentos de Descartes e de sua importante e significativa contribuição ao mundo científico para e na época em que foram divulgados e apropriados. Separar, isolar, tornar distante o sujeito do objeto a ser investigado, era para Descartes, uma condição única e possível para se fazer pesquisa, para se fazer ciência.

Para ele o conhecimento científico era totalmente alicerçado na filosofia cartesiana como verdade absoluta. Descartes acreditava na ciência

como uma estrutura matemática, em que os resultados obtidos não poderiam despertar dúvidas. Disso ele deduzia que a essência da natureza humana está no pensamento e não na matéria, concluindo que mente e corpo são separados e fundamentalmente diferentes, como apresenta Capra (1994).

No entanto, o tempo não parou, o ser humano e sua relação com o mundo evoluiu, como também a ciência tem apresentado muitas modificações no decorrer da sua trajetória histórica. Conceitos e princípios básicos como verdade, generalização, normatização, objetividade, técnica, fragmentação, certeza e explicação, têm sido amplamente discutidos e analisados sob uma perspectiva de mudança paradigmática no e do mundo científico.

A nova visão de mundo e de ciência baseia-se na possibilidade de inter-relação e interdependência entre os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Já existem vários princípios formulados e aceitos por muitos estudiosos e instituições ao acomodarem a formulação do novo paradigma da realidade (Capra, 1994).

Nesse sentido, desvelar o fenômeno da corporeidade do cego significa eu acreditar nessa nova realidade científica, ou seja, acatar o novo paradigma científico: o da complexidade.

Ser corpo, refletir e falar sobre corpo sob os olhos da ciência é uma tarefa complexa se eu considerar significativo o processo dinâmico e autônomo que ele é. A noção de autonomia dos seres humanos, cegos, videntes e outros, pode ser pensada e discutida com base na biologia, na física, na sociologia, na antropologia, na cibernética, entre outras, por tratar de seres vivos que são e estão em contato constante com o mundo.

O ser humano é inseparável do meio ambiente e esse entorno humano dá-se pela natureza e sociedade. Essa relação é corporal, é subjetiva, é objetiva, é organizada, é uma mediação entre as duas dimensões da natureza - o corpo e o ambiente - o interno e o externo ou o orgânico e o inorgânico (Silva, 2001). Fazendo referência surge uma imagem na minha memória: um cego, sozinho num ponto de ônibus da sua cidade, espera tranqüilamente pelo transporte urbano. Ao perceber que o mesmo se aproxima estende o braço à frente do corpo sinalizando-o para parar. Quando a condução pára, o passageiro confirma com o motorista sobre o destino da mesma, sendo o destino pretendido o cego entra no ônibus, senta num dos bancos e acompanha o caminho com tranqüilidade até o seu ponto de desembarque.

Fabiana, cega congênita, manifesta-se dizendo que os cegos percebem o espaço de modo diferente dos videntes, pelo fato das necessidades entre ambos serem diferentes. Com isso as experiências que vão se acumulando estão intrinsecamente associadas ao modo próprio e particular de viver de todo ser humano, portanto os cegos não são capazes de adentrarem no mundo dos videntes, como os videntes não são capazes de adentrarem no mundo dos cegos (anexo 1).

Essa situação comum entre os cegos orientados para tal, muitas vezes chama a atenção das demais pessoas videntes. Surge o questionamento: como que um cego consegue ser autônomo, independente e até transportar-se de ônibus sozinho? Exprime-se aí a intersecção natureza e sociedade, em que deve-se respeitar e acreditar nas mais diversas possibilidades que os sistemas vivos possuem para estarem presentes no mundo. Por isso a necessidade de criar-se novos olhares para a corporeidade do cego.

Todo e qualquer organismo - desde a menor bactéria até os seres humanos, passando pela imensa variedade de plantas e animais - é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo. (...) Mas os sistemas não estão limitados a organismos individuais e suas partes. Os mesmos aspectos de totalidade são exibidos por sistemas sociais - como o formigueiro, a colmeia ou uma família humana - e por ecossistemas que consistem em uma variedade de organismos e matéria inanimada em interação mútua. O que se preserva numa região selvagem não são árvores ou organismos individuais, mas a teia complexa de relações entre eles. (Capra, 1994, p.260)

Maturana e Varela (1995 e 1997) explicitam que qualquer sistema de qualquer ser vivo é autônomo quando este especifica suas próprias leis e mecanismos, mantendo suas características de unidade. Estudando biologia, a partir da composição celular e as suas possibilidades de relações dentro do seu próprio sistema, mostram como essa unidade vivente é autônoma e organizada, em que mantém o mecanismo de identidade celular que acontece como numa rede de modo circular e próprio. Denominam esse sistema de definição da organização de suas unidades de autopoiese ou de organização autopoietica.

A identidade autopoietica está atrelada à variação estrutural dos seres vivos não somente em termos da sua estrutura físico-química, mas também quanto unidade que se organiza, isto é, identidade que se autoproduz e que se conserva, aparecendo, de modo explícito na natureza, pontos de referência nas interações dos mesmos seres vivos. Possibilitando, dessa forma,

a interpretação dos fenômenos pela diversidade de significados que eles apresentam, como comentam Maturana e Varela (1997).

Assmann (1998) faz alusão ao sistema autopoietico dizendo:

... é uma teia de processos que 1) vão produzindo, ingredientes, componentes e padrões (caóticos e ordenadores) que regeneram continuamente, através de suas transformações e interações, a própria teia que os produz e 2) constituem o sistema enquanto unidade concreta no espaço em que existe, ao especificar o domínio topológico no qual se realiza enquanto teia. Os processos autopoieticos devem ser imaginados como multiplicidade de níveis interligados e emaranhados. (p.136)

O sistema autopoietico é uma propriedade que o ser vivo tem e é de auto-produzir-se e auto-organizar-se numa cadeia de sistemas em que a intersecção aparece e se mantém, sem intervir nas unidades concretas que são sempre interdependentes. Para ilustrar minhas idéias, utilizo as seguintes palavras de Capra (2001):

Cada um desses sistemas forma um todo com relação às suas partes, enquanto que, ao mesmo tempo, é parte de um todo maior. Desse modo, as células combinam-se para formar tecidos, os tecidos para formar órgãos e os órgãos para formar organismos. Estes, por sua vez, existem dentro de sistemas sociais e de ecossistemas. Ao longo de todo o mundo vivo, encontramos sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos. (p.40)

Vejo alguém ao meu lado que não me vê, o cego! Um ser da espécie humana, que apresenta seu sistema autopoiético como qualquer outro ser da mesma espécie. Seu sistema celular, devido a alguma causa congênita ou adquirida proveniente de uma desordem biológica, provoca uma organização ou reorganização do próprio sistema para ele poder ser e estar presente no mundo. Ao pensar na desordem biológica vivida pelo cego, a ordem e a organização se fazem presentes ao mesmo tempo.

Por mais aguçado e preciso que o tato, o olfato, e ou a audição sejam para os cegos, jamais estes órgãos poderão desempenhar funções dos olhos, por exemplo: o tato "vê", mas nunca será capaz de ver imagens, distâncias, perspectivas, entre outras coisas, acontecendo o mesmo com os demais órgãos. Sacks (1995) afirma que para existir uma conexão entre o mundo visual e o mundo tátil só é possível a partir da experiência vivida (do *lebenswelt*).

Veiga (1983), cego, comenta que é comum a todos os cegos desenvolverem as habilidades auditivas com mais intensidade e refinamento do que os videntes, mas isso se dá pela maior observação dos estímulos audíveis do que pela acuidade auditiva.

A voz humana, esta sim: ninguém a conhece melhor que o cego. É o espelho da criatura, a expressão fisionômica, a vida interior, a própria alma, tudo das outras criaturas para ele. Nela ele sabe buscar todo o relacionamento com as pessoas de seu convívio; todas as ligações harmoniosas, sentimentais, amorosas, e até toda a repulsa com as pessoas. (Veiga, 1983, p. 34)

O neurocirurgião Sacks (1995) declara que tratar do cérebro humano propicia contatos com situações novas, inesperadas e complexas. Situações essas que colocam o ser humano e sua natureza numa complexidade tal, impossível de ser prevista a partir do curso da vida comum. No século XVII, Willian Harvey escreveu: "Não há lugar onde a natureza exponha mais abertamente seus mistérios secretos do que nos casos que mostra vestígios de seu funcionamento fora do caminho trilhado" (apud Sacks, 1995, p.124).

Numa passagem de Damásio (1998) algumas reflexões para subsidiarem essas idéias. Sustenta-se que grande parte das interações com o meio ambiente acontecem num local delimitado pelo corpo, como exemplo, a audição é processada num lugar específico delimitado pelo corpo, o ouvido. Por conseguinte, algo que o ser humano ouve como um sinal externo, não corporal, transforma-se em sinal corporal, que será enviado ao complexo somatossensorial e motor representado por todo o corpo, como também será enviado à unidade sensorial específica (campos neurológicos que se relacionam ao órgão auditivo ou da audição). Ao ouvir, o ser humano não é limitado e fechado apenas na informação sonora recebida, ao contrário, ele percebe e sente, pela capacidade auditiva, que está ouvindo algo com seus ouvidos, ou seja, seu cérebro processará os mínimos detalhes daquilo que está estimulando seu órgão auditivo. Porém, o seu corpo como um todo também está absorvendo a informação e apresentará ações advindas dessa informação.

Possuindo ao nascer todos os órgãos dos sentidos, é natural ao ser humano criar e estabelecer correlações entre eles, a partir do contato com mundo. Esse contato possibilita a criação de sentidos e significados para os objetos e para tudo o que se apresenta diante dele. Portanto, o mundo não é

simplesmente dado ao ser humano, mas sim construído a partir das experiências, classificações, memória e reconhecimento incessantes, alega Sacks (1995).

Cyrulnik (1997) admite o corpo como um ser que age e é agido no meio estruturado. O processo biológico não pára, do nascimento à morte, indicando que o organismo procura aquilo que para ele é ou será acontecimento. Esse processo torna-o sensível às informações advindas do meio. O corpo age e é agido na sua relação com o mundo, é o mundo vivido (*lebenswelt*).

"... quando Virgill abriu os olhos, depois de ter sido cego por 45 anos - tendo um pouco mais que a experiência visual de uma criança de colo, há muito esquecida -, não havia memórias visuais em que apoiar a percepção; não havia mundo algum de experiência e sentido esperando-o. Ele viu, mas o que viu não tinha qualquer coerência. Sua retina e nervo ótico estavam ativos, transmitindo impulsos, mas seu cérebro não conseguiu lhes dar sentido;..." (Saks, 1995, p.129)

Deve-se reconhecer que o conhecimento em relação à realidade absoluta é limitado, mas é de significativa consistência a construção da realidade própria e individual que o cérebro humano é capaz de efetuar e partilhar. Pois, "nossas mentes são reais, nossas imagens são reais, nossos sentimentos em relação às imagens são reais. Sucede que essa realidade mental, neural e biológica é a nossa realidade" (Damásio, 1998, p.266).

Entendo que diante dessas considerações, a desordem e a ordem estão presentes não só no sistema biológico, como também no sistema social e

cultural. Apesar de todas as dificuldades encontradas pelo cego para conviver social e culturalmente no mundo dos videntes, a convivência se dá. E isso gera a desorganização e a desestabilização de todos os sistemas fechados que se baseiam, unicamente, nas teorias explicativas da ciência clássica. Sistemas, qual o sentido dessa palavra nesse contexto estudado?

Morin (1998) mostra duas vertentes sobre a idéia do pensamento sistêmico: uma em que o sistema surge como um conjunto funcional formado pelas partes que se completam harmoniosamente atendendo as finalidades do todo; na outra a idéia de sistema tem essa complementaridade, mas também os antagonismos e as mais diversas perturbações que o fazem viver. O princípio do antagonismo não é fixo, nem estático, está conectado ao dinamismo das interações/retroações internas e externas do ser humano. Essa complementaridade cria fenômenos de crise, pelo fato de provocar a desorganização e suscitar a reorganização já evoluída.

A concepção sistêmica para Capra (1994) também concebe o mundo a partir de relações e de integração, ou seja, todos os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às unidades menores. A natureza do todo não pode, de forma alguma ser considerado apenas como mera soma das partes. A abordagem sistêmica enfatiza seus princípios básicos na organização de todos e entre todos os sistemas, porém estas relações são dinâmicas, flexíveis e pertencentes a um processo.

Ao apresentar algumas proposições sobre as relações existentes entre o todo e as partes, Morin (2001, a) atesta que tanto no ser humano, quanto nos demais seres vivos, estas relações são mútuas. A unidade celular contém todo o patrimônio genético do organismo; a sociedade, como um todo

marca sua presença em cada indivíduo, pela linguagem, pelo saber, pelas normas e pelas obrigações. Entende-se então que tanto a célula está na sociedade, como a sociedade está na célula.

A partir dessas análises, posso dizer que se a unidade celular do ser humano é um sistema autopoietico, ele como um composto celular também o é, apresentando suas diferenças e singularidades, por ser um sistema próprio que possui sua identidade, entre os milhões de indivíduos da espécie humana que também são sistemas de identidade própria. Esse contexto remete-me à sociedade que num de seus sistemas de referência organizativa cria a possibilidade de caracterização ou classificação dos seres humanos pela cor, pela raça, pela língua, pelos padrões de normalidade, entre outros. Lembro-me então das pessoas deficientes visuais e auditivas (sensoriais), mentais e físicas. Elas todas, como qualquer outro ser humano classificado de normal, apresentam seus sistemas de identidade própria, tanto nos aspectos biológicos e físicos como nos históricos, culturais e sociais,

É comum ouvir que o ser humano, ao apresentar o ouvido ou a visão comprometidos, os outros órgãos tornam-se mais sensíveis e mais inteligíveis. Diante desses comentários observo que há um desconhecimento, por parte das pessoas, de que o cérebro é quem coordena esse processo de substituição para a percepção física e sensorial do deficiente. Essa sobrevida dos sentidos só existe devido à complexidade do corpo (Bavcar, 2001). Completando o pensamento o autor, que é cego, diz: "Para um cego, é todo o corpo que de algum modo se torna órgão da vista, pois qualquer parte do corpo pode olhar um objeto que lhe seja exterior" (p.5).

Estabelece-se, a partir dessa constatação, uma relação estreita com os sistemas autônomos mostrados por Morin (1991). Ele fala da autonomia como um sistema que cria suas próprias determinações e suas próprias finalidades na desordem, no acaso e nos processos auto-organizativos. Comenta que a autonomia humana depende das condições sociais e culturais, ou seja, para um indivíduo ser autônomo ele é dependente da sociedade, da linguagem, da cultura, da educação, bem como, do cérebro que é um produto próprio de um programa genético.

...a autonomia se fundamenta na dependência do meio ambiente e o conceito de autonomia passa a ser um conceito complementar ao da dependência, embora lhe seja, também, antagônico. Aliás, um sistema autônomo aberto deve ser ao mesmo tempo fechado, para preservar sua individualidade e sua originalidade. (Morin, 2000, p. 184)

Ao pensar no cérebro como um sistema autônomo parece simples se eu relacioná-lo com uma linha telefônica, mas é um equívoco fazer essa comparação pelo fato da existência das múltiplas e variadas conexões existentes no sistema nervoso central. Considerando o sistema visual, Maturana e Varela (1995) demonstram que, normalmente, a percepção visual é tratada como uma operação que se dá a partir da imagem formada na retina e que em seguida será transformada no interior do sistema nervoso. Entretanto, tal abordagem se desestabiliza quando compreende-se que para cada neurônio da retina projetado sobre o córtex visual, há mais de cem neurônios provindos de outras partes do cérebro, o que trará como consequência múltiplos efeitos

que se superpõem à ação da retina. Isso mostra a interligação entre as estruturas, e não apenas uma simples seqüencialidade de fatos entre as mesmas.

Os mesmos autores afirmam que o sistema nervoso funciona de tal forma que, independente das mudanças ocorridas, estas geram outras mudanças dentro de si mesmas, em que...

... o operar do sistema nervoso é plenamente consistente com sua participação numa unidade autônoma, em que todo estado de atividade leva a outro estado de atividade nela própria, pois seu operar é curricular, dentro de uma clausura operacional. Portanto, por sua própria arquitetura, o sistema nervoso não contradiz o caráter autônomo do ser vivo, e sim o ressalta. (p. 194)

Sistemas neurais, cérebro, organismo e ambiente são temas amplamente discutidos por Damásio (1998). Ao tratar desses assuntos o autor afirma, a todo momento, existir uma relação direta e interdependente entre todos estes componentes presentes na vida de um ser humano. Toda e qualquer decisão pessoal e social do ser humano é recheada de incertezas, as quais produzem reações diretas e indiretas na sua sobrevivência. Decorre disso que o repertório de conhecimentos sobre o mundo externo (ambiente) e sobre o mundo interno (organismo) é muito vasto. O cérebro por sua vez retém e reúne os conhecimentos de forma distribuída entre as suas estruturas, os quais serão manipulados ao longo da existência do ser humano.

Relacionando esses apontamentos com o ser humano deficiente da visão, ou seja, com os cegos, é possível compreender porque um cego percebe a luz e o outro não, nas mesmas condições ambientais. O sistema nervoso nessas situações revela sua autonomia e sua auto-organização, pois os seres humanos cegos podem vir apresentar algumas semelhanças, mas as diferenças certamente vão ser predominantes ao pensar na limitação da capacidade visual.

Essas diferenças também são perceptíveis quando me deparo com dois cegos que apresentam a mesma classificação funcional. Certamente, eles apresentarão seus sistemas organizativos próprios e, conseqüentemente, suas relações com o mundo também se darão de modo individualizado.

É comum a idéia sobre o sistema nervoso de que este capta as informações do meio; porém, o que acontece é a produção de um mundo a partir da percepção de que configurações do meio são perturbações que provocam mudanças estruturais no organismo. Essas mudanças constituem atos de cognição, em que o sistema cria um mundo através do processo de viver que se dá a partir das interações com o meio ambiente (Maturana e Varela, 1995).

No âmbito da organização biológica, Morin (1998) comenta a complexidade existente no sistema de informação genética, que corresponde a um fenômeno de memória organizacional, garantindo a manutenção da originalidade, da improbabilidade e da complexidade do sistema vivo. Considera-se, contudo, um sistema auto-organizativo que depende do exterior (ecossistema), mas detém em si a originalidade da conservação, da manutenção, da transmissão, da renovação e da reprodução, ou seja, do seu princípio generativo.

O cérebro recebe sinais do corpo, como também de partes de sua própria estrutura, as quais recebem sinais do corpo; considera-se essa uma relação indissociável que forma o organismo, afirma Damásio (1998). O organismo do ser humano, sendo composto por cérebro-corpo, é e está em interação simultânea com o ambiente como um conjunto. Essa interação produz respostas externas, chamadas de comportamentos e respostas internas, denominadas pelo autor de imagens (visuais, auditivas e somatossensoriais).

Capra (2001), ao comentar sobre o organismo, ressalta que por este ser único, individual, traça seu caminho de modo diferente por apresentar as mudanças estruturais próprias, e como consequência os atos da cognição de cada organismo se dão, também, de modo particular e próprio. Todo esse processo não acontece de modo linear entre causa e efeito, mas sim, a partir de mudanças estruturais na rede autopiética não-linear, permitindo que o processo de viver do organismo em seu meio ambiente tenha continuidade, e isso se dá de forma inteligente.

Com efeito, as estruturas/organizações do ser humano são improváveis em relação à probabilidade física. Pois, a originalidade da estrutura/organização do ser vivo e social, aparece na sua complexidade, na sua heterogeneidade, na sua singularidade, que é conservada, mantida, transmitida, renovada e reproduzida (Morin, 1998).

O cego, pela falta da visão, apresenta uma postura de pescoço e cabeça diferenciada da do vidente, acarretando uma má postura. Isso prevalece entre os cegos que apresentam ainda um contato restrito com o mundo, ou seja, o cego quando não possui independência e autonomia para se orientar e se mover no mundo, ele adota essa postura corporal como medida de

proteção e segurança. É uma forma inteligível que o corpo do cego encontra de se auto-organizar perante as suas particularidades estruturais e o meio ambiente para viver. O cego é um organismo constituído por um sistema autopoietico, então porque ele haveria de manter uma postura igual à do vidente, se várias das suas estruturas são diferentes das do vidente?

Respondo a essa indagação utilizando algumas reflexões de Damásio (1998) ao ressaltar que o organismo, por possuir uma mente, forma representações neurais as quais poderão ou não tornar-se imagens manipuláveis no processo denominado de pensamento. Esse terá influência direta no comportamento em virtude do planejamento e escolha da próxima ação. Esse processo se dá ...“pelas representações neurais que são modificações biológicas criadas por aprendizagem num circuito de neurônios, se transformam em imagens nas nossas mentes; (...) que cada um experiencia como sendo sua” (p.116). As imagens não são somente visuais, são também sonoras, táteis, olfativas, entre outras. Portanto,

... a função global do cérebro é estar bem informado sobre o que se passa no resto do corpo, sobre o que se passa em si próprio, e sobre o meio ambiente que rodeia o organismo, de modo que se obtenha acomodações de sobrevivência adequadas entre o organismo e o ambiente.
(Damásio, 1998, p.116)

Um exemplo disso é pensar: como o cego congênito sonha? Fabiana (anexo 1) diz que sonha como qualquer outro ser humano, porém seus sonhos são diferentes dos sonhos de alguém que enxerga. Os videntes sonham com

imagens por serem estas as representações para eles, cegos como ela sonham com suas formas de perceber o mundo, os sons, os cheiros, as sensações táteis.

Do ponto de vista da ação corporal, como um sistema complexo de relações biológicas, cognitivas, motoras, sociais e psicológicas, afirma-se que a mente é individual, é observada a partir da ação/comportamento do ser humano, é moldada nos seus conteúdos a partir do mundo circundante, é ação/pensamento, ressalta Del Nero (1997). "Somos ao mesmo tempo uma mente rica, cheia de idéias, emoções e vontades e um produto final que é sua expressão motora pública" (p. 323). Portanto, a mente não é um aparato físico e palpável como o cérebro.

Edgar Morin (1998) discute amplamente sobre a intersecção entre os sistemas do organismo e os sistemas sociais; mostra com clareza que as diferenças existentes entre eles não é a comunicação, nem a informação, nem a hierarquia, nem a divisão do trabalho, nem a especialização, pois, tudo isso acontece em ambos os sistemas. A diferença se mostra no desenvolvimento do ser humano social, dotado de um sistema neurocerebral e que através do seu comportamento é autônomo e livre para interagir com os outros. É notável então que...

O sistema nervoso e o cérebro devem ser concebidos não tanto como órgãos, mas como aparelhos organizadores dos comportamentos. É neste sentido que o cérebro é a placa giratória da relação social. (...)

A questão de saber se a sociedade é biológica ou se a vida é social deixa de ter importância desde o momento em que as noções de vida e de sociedade passam a ser abertas,

relacionadas, enriquecidas, aprofundadas,
complexificadas. (p.99)

Nesta linha de análise, torna-se evidente que os seres humanos, ao estarem presentes no mundo vivenciam os princípios de ordem, desordem e organização, emanados das estruturas próprias, particulares e sociais. Revelam-se assim, fenômenos auto-organizativos, tanto do ser humano para com o ambiente, como do ambiente para o ser humano.

Ao referenciar a complexidade interativa penso na linguagem fazendo parte deste entrelaçamento de mundos tão semelhantes e tão diferentes ao mesmo tempo, criando um mundo próprio e um mesmo mundo, quando as relações sociais acontecem.

E por falar em linguagem, Maturana e Varela (1995) mostram que esse sistema dos seres humanos está diretamente associado ao domínio social e da comunicação entre os mesmos, em que são produzidos fenômenos de coerência e estabilização da sociedade. A coerência da linguagem é denominada pelos autores como consciência e como a mente do ser humano. As palavras são ações que produzem a nossa (...) "história de interações recorrentes que nos permite um acoplamento estrutural interpessoal efetivo" (p.251).

Isso quer dizer que a consciência e o mental pertencem ao domínio social, e é neste que se dá a sua dinâmica a partir das interações lingüísticas, em que o ser humano seleciona o seu vir-a-ser. A linguagem permite o ser humano ser e estar nos contínuos acoplamentos interativos possíveis, e não tem o papel de dizer quem é o ser humano, pois este se apresenta em contínua transformação pelo ato de conhecer o que a própria linguagem possibilita.

A interação existente entre a linguagem e a sociedade acontece de forma regular e dependente de toda e qualquer circunstância, visando a sobrevivência individual e coletiva, surgindo aí as normas e os valores que inibem ou regulam as ações dos seres humanos (Del Nero, 1997).

Os seres humanos são os únicos organismos vivos possuidores de capacidade narrativa, proporcionada pela linguagem, que produzem relatos orais advindos dos não orais. Para Damásio (1998), esse processo não está na origem do eu não verbal mas, certamente, encontra-se na origem do eu enquanto sujeito verbal. E aí sim, haverá a possibilidade destes "eus" se interagirem com o meio ambiente se socializando de modo individual e próprio, adaptando-se a este frente as suas limitações e capacidades.

As interações entre os seres humanos acontecem através do uso da linguagem, que é autônoma e dependente simultaneamente, por depender do espírito/cérebro humano que são seus criadores, do sujeito que é o seu locutor, e das interações sociais e culturais que transmite-lhe existência e ser. A linguagem é fundamental para a organização de qualquer sociedade por possibilitar o diálogo em todas as operações cognitivas e comunicativas que conservam, transmitem e inovam os dispositivos culturais, segundo Morin (1991, a).

Ser deficiente sensorial, especificamente da visão, parece não sofrer limitações no que diz respeito à linguagem, mas sofre. A linguagem oral do cego é e está presente na sua existencialidade, inclusive como um dos principais meios de comunicação e interação desse ser humano com o mundo. No entanto, ela pode, às vezes, apresentar-se de modo desordenado frente à mesma linguagem desenvolvida pelos videntes. Isso devido a algumas limitações

para o entendimento e compreensão de muitos vocábulos, conforme seu sentido e significado, como por exemplo alguns conceitos espaciais. O vidente apreende conceitos de distância, de tamanho, entre outros, a partir da experiência corporal vivida. O cego, por outro lado também apreende estes conceitos, porém suas experiências corporais vividas se diferem significativamente das dos videntes. Saks (1995) relata o discurso de um cego que voltou a enxergar depois de 22 anos:

"Durante as primeiras semanas [logo após a cirurgia], eu não tinha nenhum senso de profundidade ou distância; as luzes da rua eram manchas luminosas grudadas aos vidros das janelas, e os corredores do hospital eram buracos negros. Ao atravessar a rua, o tráfego me aterrorizava, mesmo quando estava acompanhado"... (p.135)

Morin (1991, a) observa dizendo que a linguagem corrente, ou seja, do dia-a-dia é muito mais complexa do que as linguagens formalizadas. Ela comporta maleabilidade, possibilitando assim a imaginação fluir pela não existência da rigidez, o que não retira o rigor do discurso, mas enriquece-o pela possibilidade da inserção da analogia e da metáfora, ingredientes necessários ao pensamento.

A partir desta contextualização da linguagem, não posso deixar de mencionar a linguagem corporal ou gestual que acompanha a linguagem oral de todo ser humano. Naquela o cego, na maioria das vezes, mostra-se bem limitado ao ser comparado com o vidente, pela impossibilidade que o primeiro tem de imitar o segundo. A relação criada pelo cego entre as linguagens oral e

corporal, é ínfima por ele não sentir e não perceber que ambas se complementam.

Para o cego basta falar as palavras e estas transmitirão suas idéias e o que elas querem dizer, pois é dessa linguagem que ele se apropria e também recebe de qualquer outro ser humano durante toda a sua existência no seu mundo vida.

Porto (1995), ao discursar sobre a comunicação corporal, aponta que os gestos, as posturas, como também as expressões faciais, são estabelecidos e ou modificados em virtude do ser humano ser um ser social que se inter-relaciona com o mundo, aprendendo e usufruindo das expressões corporais.

Isso acontece de modo individual e particular, pelo fato de todo ser humano viver em ambientes diferentes e contextos culturais também diferentes, o que influencia diretamente na forma como o corpo se expressa.

O cego, portanto, não poderia mostrar-se diferente em relação à sua comunicação corporal, pois as imagens para ele inexistem na sua relação com o mundo. Ele se comunica como qualquer outro ser humano, porém de modo diferente dos seres que captam as imagens pela visão. Na relação da comunicação corporal entre cegos e videntes, muitas vezes, estes estranham por não estarem habituados em dialogar considerando as diferenças existentes entre todos os seres humanos, então se assustam demasiadamente quando se deparam com cegos, com surdos, com paraplégicos, por exemplo.

Veiga (1983), cego congênito, revela em algumas passagens do seu livro, que a falta da visão vai fazer com que o cego tenha sua própria plasticidade de movimentos quando estes se associam à linguagem, e esta é e se mostra diferente dos demais seres humanos que enxergam. Isso não deixa

de ser natural e comum para quem existencializa a situação. O autor, numa das passagens no livro, torna explícito alguns fenômenos que não se explicam ordenadamente, muitas vezes, causando espanto e indignação:

De mim, praticamente cego de berço, dou conta de que, já homem feito, espantei, de tal modo, uma mocinha com certo trejeito que dei ao riso, que ela, embora íntima mas desavisada, exclamou: "Você parece uma caveira quando ri!" Claro que eu não estava querendo "parecer caveira", como nunca na vida tenho desejado parecer exatamente o que aparento nos gestos, nas atitudes e nas expressões fisionômicas. (p.10)

Esse fato revela o quanto as diferenças não são respeitadas entre os seres humanos e o quanto a padronização e a imitação dos gestos e posturas continuam em evidência. Ou ainda, como diz Baitello Jr. (2002), são as incapacidades, as lacunas, os boicotes existentes na comunicação entre os seres humanos, denominados de incomunicação. Esta tem conquistado espaços a cada dia, (...) "provocando inúmeros estragos, desfazendo e desmontando, distorcendo e deformando, semeando discórdia e gerando falsas expectativas, invertendo sinais e valores, azedando as relações e produzindo estranhamentos incômodos" (s.p.).

A linguagem só existe porque os seres humanos interagem, formando assim os sistemas sociais, que existem também como unidades para seus componentes. Os sistemas sociais humanos apresentam sua identidade própria a partir da conservação e da adaptação dos domínios lingüísticos. Dessa forma, o ser humano poderá conservar o seu comportamento, ou seja, a sua

plasticidade operacional. Nota-se uma circularidade entre os sistemas sociais e os lingüísticos, pois o operar do sistema social humano acontece a partir da geração e ampliação das propriedades dos domínios da linguagem, que por sua vez é condição para a sua existência, ampliando a criatividade individual dos seus componentes (Maturana e Varela, 1995).

Ao transportar essas idéias à passagem anteriormente citada por Veiga, penso que os seres humanos necessitam dar mais atenção às suas particularidades e individualidades, como sendo uma das unidades dos sistemas sociais e históricos. Dessa forma, irão aceitar, respeitar e relevar as diferenças e identidade própria existentes entre todos os seres humanos, de modo individual e coletivo.

Deparo-me com uma assertiva de Maturana e Varela (1995) sobre o fenômeno social humano. Deixa claro a relação complexa existente com o ser humano nas perspectivas biológica e social:

A coerência e harmonia nas relações e interações entre os integrantes de um sistema social humano se devem à coerência e harmonia de seu crescimento dentro dele, numa contínua aprendizagem social que seu próprio operar social (lingüístico) define, e que é possível graças aos processos genéticos e ontogenéticos que lhes permitem sua plasticidade estrutural. (p.224)

Observa-se que o fenômeno social humano é um processo que vem acontecendo, há milhões de anos, com a hominização, em que surgem novas espécies, decorrendo o desaparecimento das precedentes e aparecendo a linguagem e a cultura, como facilitadores do processo de complexificação

social. Desencadeia aí a linguagem humana, propiciando a constituição da cultura, que está intimamente inter-relacionada com a natureza neurocerebral da sociedade.

Pode-se dizer que a cultura é um sistema das comunicações inter-humanas, cujas informações são consideradas pelos saberes, pelo saber-fazer, pelas normas, pelas prescrições, pelos interditos. (...) "é uma memória, transmitida de geração em geração, em que se encontram conservadas e reproduzíveis todas as aquisições (linguagem, técnicas, regras de organização social) que mantêm a complexidade e as originalidade da sociedade humana." (Morin, 2001, a; 1998, p.93)

Vejo a cultura como um agente de grande influência no processo de desenvolvimento da descoberta e incorporação do ser-no-mundo.

As condutas culturais, para Maturana e Varela (1995), permitem manter a invariância da história do grupo, indo de ser humano para ser humano, por meio da dinâmica da comunicação, decorrendo daí a imitação e a seleção contínua dos comportamentos intragrupais que são adquiridos ontogenicamente nos meios sociais.

Um avanço significativo pela neurobiologia é demonstrado por Damásio (1998), ao colocar em evidência as recentes preocupações dessa ciência em não reduzir os fenômenos sociais aos biológicos. Salienta que apesar da cultura e da civilização serem frutos do comportamento de seres humanos biológicos, esse comportamento surge em grupos de seres humanos que mantêm relações de interação com o meio ambiente. Portanto, o surgimento da cultura e da civilização deve-se não só aos mecanismos biológicos do ser humano, mas também às suas relações sociais.

Complementando a idéia, o mesmo autor declara que as sociedades humanas estão presas às convenções sociais e regras éticas em volta e além das estabelecidas pela biologia. Essas formas de controle externo moldam o comportamento instintivo do ser humano, de modo a possibilitar sua auto-organização no meio ambiente, com flexibilidade e assim, garantir a sua sobrevivência. Embora essas convenções e regras sejam transmitidas pela socialização e educação, de geração em geração, suspeita-se que as representações neurais da sabedoria, incorporadas pelo ser humano, e dos meios utilizados para a utilização da mesma, encontram-se ligadas às estruturas neurais dos processos biológicos inatos de regulação.

Morin (2001, a) sobre esse assunto, assevera:

O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano (aparelho biológico dotado de competência para agir, perceber, saber, aprender), mas não há mente, isto é, capacidade de consciência e pensamento, sem cultura. (p.52)

A complexidade do ser humano se revela na sua condição de ser, ao mesmo tempo, biológico e cultural. As estruturas cerebrais, os órgãos do sentido, como a visão, a audição, o tato são totalmente biológicos e, simultaneamente culturais, pois possibilitam o corpo se movimentar na sua mais misteriosa e singular forma de ser e de viver, como comenta Morin (2001). Ele alerta que se deve pensar na palavra cultura, em seu sentido antropológico, ou seja, os conhecimentos, os valores, os símbolos que orientam os seres humanos no seu modo de viver é a cultura.

O mesmo autor na obra *Sociologia* (1998) mostra que a cultura pode ser definida como (...) "uma esfera organizacional/informacional que garante e mantém a complexidade humana - individual e social - (...); contém tudo o que não é inato geneticamente, tudo o que não é organizado espontaneamente" (p.106). A cultura não está inscrita nos genes, mas aparece inscrita nos cérebros, e como um aparato propriamente sociológico, desempenha um papel essencial na auto-organização, na auto-reorganização, na auto-produção da complexidade social própria dos seres humanos. Permitindo e possibilitando a identidade singular de uma sociedade, ou seja, o seu modo próprio de viver, os seus usos, os seus costumes, as suas técnicas. Portanto, deve-se (...) "considerar a cultura como um sistema que faz comunicar - dialetizando - uma experiência existencial e um saber constituído" (p. 127).

Não existe uma sociedade humana sem cultura, e cada uma delas é singular na sua unidade, mas apresenta também diversidade das culturas. As culturas são, por aparência, fechadas devido sua identidade singular, mas são, simultaneamente, abertas por integrarem nelas saberes, técnicas, idéias, costumes, alimentos e indivíduos vindos de fora (Morin, 2001, a). Infere-se daí que a invariância, apontada por Maturana e Varela anteriormente, comporta a variância em sua estrutura histórica.

Dawsey (2001) faz alusão as diferentes culturas mostrando que estas, além de percorrerem caminhos diferentes de desenvolvimento, estão sujeitas a interrupções, mudanças repentinas e surpreendentes transtornos.

A cultura é considerada embrionária de todas as possíveis expressões advindas de uma sociedade ou de um grupo de pessoas, que ao revelarem o modo próprio de ser e de viver, colocam-se à mostra e à aceitação

as diferenças e as diferenciações, intrínsecas e extrínsecas, na e pela transmissão das variadas culturas.

Estabelecendo um paralelo com essa idéia, me deparo com o cego, que devido a uma alteração biológica constituída no seu modo carnal de ser, o seu modo de viver é peculiar e próprio, surgindo aí uma cultura distinta da dos videntes, o que vem enriquecer o processo cultural de ambos os grupos, que, ao final, são modos invariantes de uma mesma cultura.

Esse panorama cultural conduz o meu pensamento às artes. Cinema, música, pintura, dança, teatro, são algumas das manifestações culturais e artísticas presentes no meu mundo vida, as quais saboreio por transmitirem-me prazer. Prazer pelas inúmeras e diversas possibilidades de interpretação que se dá pela separação e ligação, pela explicação e compreensão, pela análise e síntese do todo para as partes e das partes para o todo, desencadeando assim muitas incertezas que vêm desestabilizar a ordem dos meus pensamentos.

A relação do ser humano com o mundo das artes possibilita revelar o perceber a universalidade da condição humana, pois permite visualizar sua relação com o outro, com a sociedade, consigo mesmo, ou seja, com o mundo. Leva este ser à comunicação com o mistério que está além do dizível, por transcender a dimensão poética da existência humana, ensinando o ser humano ver o mundo esteticamente (Morin, 2001).

Ao ler o título: "Evgen Bavcar: o fotógrafo cego" (reportagem da capa na Revista Benjamin Constant, 2001), fico curiosa e penso na mesma hora como pode isso? Discorrendo meus olhos pelas palavras grafadas vou sentindo a cada escrito pelo fotógrafo, filósofo e teórico da Arte, que o ser humano é um

ser dotado de complexidade, impossível de ser imaginada, mas possível de ser vivida.

Como entender um fenômeno como este? A partir das descrições pode-se compreendê-lo; o que acontece é o trinômio ordem/desordem/organização apresentado na teoria da complexidade por Morin (2000). Sendo cego, Bavcar já é considerado um ser humano que foge as regras, aos padrões, ao comum, tirar fotografias então... provoca sim desequilíbrio, desestrutura, instabilidades e desentendimentos se for levado em consideração apenas a ordem lógica e racional dos fatos.

Para mim, vidente e vivente numa sociedade em que a racionalidade e a lógica das situações ainda prevalecem, este fenômeno de um cego tirar fotografias foi a forma que Bavcar encontrou na sua presentidade, para auto-organizar a sua existência, que se dá na escuridão e ao mesmo tempo na luz. Como ele mesmo destaca: "Não podemos conceber uma arqueologia da luz sem considerar a escuridão, e sem elucidar o fato de que a imagem não é apenas alguma coisa da ordem do visual, mas pressupõe, igualmente, a imagem de obscuridade ou das trevas" (Bavcar, 2001, p. 21).

Perceber e relacionar-se com o meio ambiente não se resume apenas aos sinais diretos que o cérebro recebe de determinados estímulos. O organismo modifica-se ativamente pelo fato do corpo não ser passivo e estar sempre à busca da manutenção de um estado de equilíbrio funcional para propiciar e garantir todas as interações necessárias à sobrevivência. Completando essa sua idéia, Damásio (1998) diz:

Mas, para evitar o perigo e procurar de forma eficiente alimento, sexo e abrigo, é necessário sentir o meio ambiente (cheirar, saborear, tocar, ouvir, ver) para que possam formular respostas ao que foi sentido. A percepção é tanto atuar sobre o meio ambiente como dele receber sinais (p.256).

Essa citação me reporta à história, contada por Sacks (1995), de um cego que aos 45 anos de idade volta a enxergar. Após adquirir a visão novamente, ele passa a se sentir totalmente perdido, inseguro, desentendido do mundo que até aquele momento ele existencializara com o corpo todo sem a visão. Situações adversas de desconfiança, medo, insatisfação, confusão e perturbação mental são descritas na história. Essa situação é decorrente do fato dele ver com os olhos, mas não saber e não compreender o que estava vendo, pois a apreensão do mundo por este ser humano, durante toda a sua vida, não se deu pela visão mas por todo o corpo.

O relato dessa história revela para mim que o ser humano vivendo sua essência e sua existência na relação com o mundo, percebe e atua, mediante o que o corpo vivencia e sente. Ao propor e executar uma mudança corpórea para um ser humano, como o caso desse cego que volta a enxergar, corre-se o risco de desorganizar e desordenar todo um sistema que, apesar de ser considerado pelos videntes como tal, demonstra-se ordenado/desordenado/organizado na sua existência e essencialidade.

Como diz Bavar (2001),

Não sou fotógrafo, mas iconógrafo, porque a imagem captada pela máquina fotográfica, é sempre antecipada na minha cabeça, e assim constitui um ato mental. Deficiente da imagem visual, física, tento exprimir, através da máquina fotográfica, as aparições que se formam dentro de mim e que, enquanto tais se tornam um pouco as imagens da transcendência invisível.

(...) não sou fotógrafo, "mas qualquer coisa que fotografa", porque minha deficiência não me permite o olhar físico distanciado, mas apenas o toque, a que chamo de olhar aproximado. (p.9)



Acima, algumas fotos de Bavcar. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Portrait de Hanna Schygulla, O poço com sombras, Portal com gaivotas, Portrait com pinturas, Trabalho de Michelangelo com autógrafo e Retrato com mãos. (Bavcar, 2001)



Foto: Evgen Bavcar. (Bavcar, 2000)

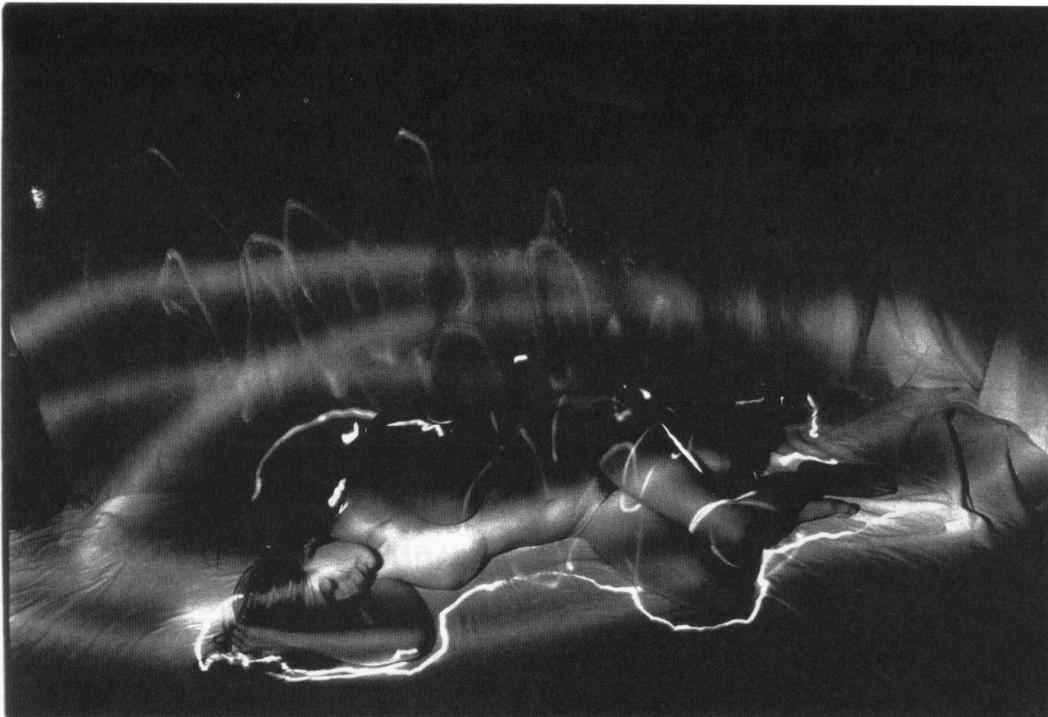


Foto: Evgen Bavcar. (Bavcar, 2000)

Em se tratando da dinâmica da vida do ser humano, ela perpassa pelos diversos cruzamentos possíveis entre os domínios biológico, cognitivo, lingüístico, social e cultural que, ao se entrelaçarem, formam uma rede de imagens possíveis e intermitentes, como num caleidoscópio, dobrando e desdobrando o viver de cada e do todo humano.

Com o aumento gradativo, significativo, rico e diversificado das relações entre os seres humanos, o desenvolvimento da linguagem, da cultura, da arte e do pensamento desponta também. Ao mesmo tempo, vai se desenvolvendo a capacidade do ser humano de pensar abstratamente, tornando o mundo interior cada vez mais complexo, mais fragmentado e menos humano por perder o contato com a natureza e exacerbar-se no contato com os objetos inanimados (Capra, 2001).

Em meio à complexidade e à diversidade do ser humano, o ver e o não ver, o visível e o invisível, o visto e o não visto denotam a consonância com as possibilidades que as mesmas, complexidade e diversidade, dispõem a serem vistas...

Dentro dessa complexidade corpórea e intercorpórea, habitando os planaltos do que é instigante, hospeda-se nos pântanos das impressões e passeando pelas praias da perplexidade..., a carne, o desejo e os signos constituem o corpo conforme as estações da história. ... cada corpo existe como corpo graças às dádivas, dívidas e dívidas que dividem seu dia-a-dia com senhas e sonhos intransferíveis, irrepetíveis, intraduzíveis." (José Lima Júnior, 2001, p.79 e 80)

MOMENTO IV

O CORPO CEGO SE VÊ: EDUCAÇÃO E MOTRICIDADE

Sejamos galinhas e águias: realistas e utópicos, enraizados no concreto e abertos ao possível ainda não ensaiado, andando no vale mas tendo os olhos nas montanhas. Recordemos a lição dos antigos: se não buscarmos o impossível (a águia) jamais conseguiremos o possível (a galinha).
(Leonardo Boff)

Volto a me lembrar da idéia do parque cheio de crianças, apresentada no Momento III. Lembro-me de uma das situações inesperadas apresentadas anteriormente, que foi a chegada de uma criança cega ao parque, querendo brincar com as demais crianças. Como as crianças videntes agiriam

diante desse inesperado? Agiriam com naturalidade? Demonstrariam curiosidade, repulsa ou se aproximariam diante do diferente, do desconhecido?

Pelo tempo vivido junto a crianças de diversas faixas etárias, durante um período de, aproximadamente, quinze anos, acredito que a reação imediata das crianças seria olhar, observar com olhinhos curiosos. Elas poderiam se aproximar, perguntar os "porquês" de que sentissem necessidade e desejo de saber e aí então, se juntariam à criança cega e tentariam deixá-la o mais à vontade possível para aproveitar os brinquedos tanto quanto elas.

Penso também nessa situação acontecendo num ambiente de pessoas adultas. Creio que as reações seriam diferentes das apresentadas pelas crianças. Os adultos, na sua grande maioria, iriam observar o cego com olhares desconfiados e, provavelmente, pensariam: "Coitado, não pode e não é capaz de fazer nada, como ele pode estar aqui? O que ele pretende fazer aqui junto a nós? Como ele é cego, não dá para ele participar conosco." Enfim, o medo do novo, do diferente, do desconhecido, muitas vezes, provoca indiferença, repulsa.

Por que será que as atitudes dos seres humanos frente a uma mesma situação podem apresentar-se tão distintamente? Será apenas pela diferença cronológica das idades? Será pelo acúmulo de informações, conhecimentos, valores, propiciado pela diferença de tempo vivido entre os adultos e as crianças? Como e por que esse acúmulo de informações que os seres humanos recebem durante sua existência provoca tantas mudanças nos seus comportamentos? Poderá tal conduta ser atribuída também a pré-conceitos?

A complexidade dos sistemas biológico, psicológico, social, cultural do ser humano possibilita compreendermos partes desse todo que envolve as

relações entre os humanos. No entanto, para eu poder compreender um pouco mais esse todo, sinto a necessidade de complementá-lo com mais algumas partes.

No dobrar e desdobrar da existência entre os seres humanos e refletindo sobre os sistemas que formam esses seres, meu pensamento sobrevoa um tema intimamente associado a todos eles, que vem não só complementar, mas também, implicar e potencializar o princípio da complexidade e dos antagonismos: a educação.

No patamar da organização dos sistemas sociais, a educação também é considerada um fenômeno complexo do ser humano. É também um sistema complementar/conflituoso que possibilita a conservação, a manutenção, a transmissão, a reprodução e a renovação das informações, comungando com a heterogeneidade e a singularidade do ser humano no seu processo de organização/desorganização.

Dialogar e compreender a complexidade da educação num âmbito geral e, posteriormente, num âmbito específico são o intuito desse Momento de reflexão, pois, a necessidade, a vontade e mesmo a organização das minhas sensações na manifestação das idéias, surgem como uma parte que é e está vinculada a um todo, mas é também um todo que é e está interagindo com as partes.

Rosário (1999), ao comentar as diferenças existentes entre o ser humano e os demais seres vivos, chama a atenção para a complexa tarefa da educação devido à dinâmica social, cultural, histórica, política, entre outras, em que os seres humanos estão envolvidos. Ao acreditar nessa complexidade como

um princípio básico da educação, deve-se aceitar um desafio: para se educar o ser humano como um todo, é necessário conhecê-lo todo.

Tradicionalmente, a educação difundida nas escolas está vinculada apenas à transmissão do conhecimento de uma forma simplista e reducionista, em que o educando recebe informações e mais informações fragmentadas e desconectadas do contexto global no qual vive, ou seja, do seu mundo vida, sem ser instigado a refletir, a questionar, a compreender e a ir além daquilo que está sendo transmitido.

O professor de história Neno, cego, acredita que a educação deve estar preocupada com a informação que traz a formação de seres humanos felizes e com ética. Isso propiciará transformações nas relações humanas em que a liberdade de pensamento poderá gerar a crítica e a auto-crítica, bem como a percepção do mundo, de modo a salientar o convívio social (anexo 2).

A educação pode ser considerada como um instrumento na construção do conhecimento, com preocupações mais amplas acerca da humanização, da realidade e da vida. Deve qualificar a população para fazer os meios e, conseqüentemente, atingir os fins. A educação serve de base para a formação de um sujeito histórico, crítico e criativo que dê importância à cidadania e outros valores sócio-culturais. "Educação não será, em hipótese nenhuma, apenas ensino, treinamento, instrução, mas especificamente formação, aprender a apreender, saber pensar, para poder melhor intervir, inovar" (Ottone & Tedesco, 1992, apud Demo, 2000, p.20/21).

Hoje, século XXI, a educação está a caminho de mudanças paradigmáticas que poderão propiciar novos entendimentos e compreensões acerca do ser humano na sua relação com o mundo. Para que isso venha a

acontecer, de fato, as mudanças no processo educativo do conhecimento são necessárias e imprescindíveis.

Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não, programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento. (Morin, 2001, a, p. 35)

Na mesma obra, Morin argumenta que um dos desafios lançados para se alcançar essas mudanças está ligado ao agrupamento dos conhecimentos advindos das ciências naturais com os das ciências humanas, colocando em evidência a complexidade e a multidimensionalidade humanas, como também incorporar a inestimável contribuição da literatura, da poesia e das artes em geral. Desse modo, departamentalizar as dimensões humanas nos vários campos do conhecimento, ou seja, colocá-las no departamento de biologia, de psicologia, de religião, de economia, de política é compartilhar com a fragmentação e com o enfraquecimento dos saberes diante da percepção global que a educação deve proporcionar aos educandos, considerando sua responsabilidade e sua solidariedade.

Assmann (1994), ao tratar de mudança paradigmática da educação, alerta mostrando que um dos principais focos para essa mudança ocorrer, o modo de como o ser humano deve ser encarado, precisa ser modificado. Não é possível acreditar no ser humano como uma entidade abstrata, nem como uma individualidade isolada. Existem apenas seres humanos imersos numa

complexíssima rede de relações com as coisas da natureza e entre si, em formas concretas de *produção e reprodução social* da vida humana (p.46).

Aí, quem sabe, será possível situar o cego e as demais pessoas deficientes no meio das consideradas "normais", compreendendo e aceitando que limites biológicos, afetivos, sociais e culturais são condições de sobrevivência para todo e qualquer ser humano. As capacidades e os domínios que o ser humano possui são seus próprios limites para os enfrentamentos com esses limites que desencadeiam outras capacidades e domínios. O cego, como mostrado no capítulo anterior, por não ver o mundo com os olhos, afina com intensidade sua percepção tátil, auditiva, olfativa e cinestésica.

As propostas atuais que abarcam a educação são desafiadoras, tal como são o desafio da globalidade e o desafio da complexidade. A complexidade se mostra presente quando todos os componentes que formam um todo (como o político, o econômico, o psicológico, o sociológico, o antropológico) são inseparáveis e interdependentes, interativos e inter-retroativos entre as partes e o todo e o todo e as partes (Morin, 2001).

Reencantar a educação, para Assmann (1998), está associado às biociências quando afirmam que os seres vivos são seres aprendentes devido à capacidade flexível e adaptativa que possuem na dinâmica da vida, em que os processos vitais e os de conhecimento são a mesma coisa. Isso vem demonstrar, pela primeira vez na história da humanidade, as possibilidades de relacionamento entre o potencial inovador do conhecimento e a própria essência da vida.

Para o cego ser autônomo e independente ao se locomover por todos e quaisquer espaços que desejar, o relacionamento entre o conhecimento

inovador e a essência da vida dele é condição básica de sobrevivência social, afetiva, cultural, entre outras. Portanto, o cego necessita conhecer, ou melhor, apreender a aprender viver num mundo em que a grande parte das informações perpassam pelos processos visuais, e assim se inter-relacionar com o mundo, não só na sua essência, mas também na sua existência. Acredito nesse processo como uma proposta educacional sob a perspectiva da complexidade.

Outros desafios que estão atrelados à educação e, conseqüentemente, ao conhecimento do século XXI, mostrados por Morin, (2001, a) revelam alguns princípios que ressaltam:

- os riscos de erro, no processo de desenvolvimento do conhecimento, são possíveis e devem ser aceitos, pois, traduzir e reconstruir uma idéia, um pensamento, comporta a interpretação, que por conseguinte será feita pela subjetividade de um conhecedor, de sua visão de mundo e de seus princípios de conhecimento;
- as idéias e os mitos, que desempenham um papel complexo no interior da sociedade humana, não devem ser reduzidos a simples instrumentos, mas sim, ir além dessa dinâmica criando possibilidade de consciência e diálogo sobre as mesmas idéias, contendo-as e utilizando-as ao mesmo tempo que elas contêm e utilizam o ser humano;
- a inteligência geral deve ser despertada e estimulada no processo educativo, pois, quanto mais se compreendem os dados gerais do conhecimento, maiores são as competências para resolver os problemas particulares ou especiais. A inteligência

geral deve possibilitar aptidão para o envolvimento com o complexo, com o contexto, de modo multidimensional, dentro da concepção global do ser humano;

- a unidade e a diversidade, esses dois princípios, devem permanecer unificados à educação, pela complementaridade que estabelecem nos traços biológicos, psicológicos, culturais e sociais do ser humano. "Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade." (p.55);
- a compreensão do trinômio indivíduo/sociedade/espécie, como um fenômeno complexo das sociedades democráticas, deve ser mais uma tarefa da educação. A comunicação humana, como mediadora e interlocutora do conhecimento, necessita que a compreensão das idéias entre as sociedades esteja presente durante o meio e o fim de todo o processo comunicativo.

É uma revolução nos modos de se produzir e transmitir o conhecimento na perspectiva da educação. Diante do progresso científico, das avançadas e modernas tecnologias, a educação se encontra desestruturada e desequilibrada devido à enormidade de problemas encontrados pela própria estagnação no seu processo de desenvolvimento atitudinal. E aí estão instaladas as forças políticas e econômicas repressoras de um viver com saber, com sabor e com prazer.

Já dizia Alves (1998), o ser humano só aprende algo quando o sabor sentido e experimentado trazer prazer, pois, degustar o aprendizado trará satisfação, alegria e apreensão do conhecimento. Morin (2001, a) afirma que a inteligência só se desenvolve juntamente com a afetividade, e que a curiosidade

e a paixão também estão juntas na faculdade de raciocinar. As emoções, certamente, são indispensáveis ao estabelecimento dos comportamentos racionais.

Ao contar sobre a Escola de Dona Clotilde, Freire (2001) alerta para alguns cuidados que a educação está deixando de lado, os quais são elementos essenciais para que o processo educacional estenda suas preocupações para além dos antigos chavões: disciplina, conteúdo, metodologia e aprendizagem. Educação e conhecimento devem possibilitar ao ser humano um entrelaçamento entre o saber optar, o saber querer, o saber sobre os direitos individuais e coletivos, e assim buscar para os problemas, soluções que sejam amplas, coletivas, fraternas, sensíveis e com compaixão.

Nesse sentido, aproprio-me de algumas palavras de Assmann (1998):

Os processos cognitivos e os processos vitais finalmente descobrem seu encontro, desde sempre marcado, em pleno coração do que a vida é, enquanto processo de auto-organização, desde o plano biofísico até o das esferas sociais, a saber, a vida quer continuar sendo vida - a vida se "gosta" e se ama - e anela ampliar-se em mais vida. A produção e reprodução biológica e social da vida não se deixa enquadrar plenamente em esquemas econométricos, porque os seres vivos entrelaçam necessidades e desejos de um modo muito mais complexo. Necessidades e desejos formam um tema unificado. (p.28)

Esses sistemas estão cheios de obstáculos para serem desarticulados e articulados novamente, como se propõe a complexidade dos

sistemas dos seres vivos. Os desafios existentes na circularidade da e para a organização do conhecimento devem ser atrativos para uma mudança significativa nos modos processuais da educação. Como propõe Morin (2001), a reforma do pensamento se dá a partir do repensar a reforma e vice-versa, estimulando assim o ser humano a ter uma cabeça bem feita e não uma cabeça bem cheia.

Sentir, perceber, aceitar e respeitar a corporeidade do cego, como um ser de identidade própria, é para o vidente transformar seus pensamentos, idéias e valores sobre o que é e quem é o corpo e como este se inter-relaciona com o mundo. Essa transformação permite ao vidente adentrar num mundo pouco conhecido e explorado em que o antagonismo - o corpo do cego se "vê"- aparece intensamente para desequilibrar e desestruturar os sistemas naturais e sociais aparentemente organizados.

Fabiana, ao comentar sobre a corporeidade do cego mostra, com clareza, naturalidade e simplicidade, como o corpo do cego se "vê", afirmando que:

Corporeidade, para mim, é uma relação que o nosso corpo estabelece com diferentes ambientes onde ele pode estar, como também, é como esse corpo pode expressar nossos estados emocionais, nossos afetos, a nossa forma de pensar, de perceber o mundo. ... Corporeidade é tanto a relação que o corpo estabelece com o mundo, quanto o corpo poder expressar aquilo sobre ele mesmo, quer dizer, o corpo não é uma coisa estática, ele interage com aquele ambiente que a pessoa está situada. (anexo 1, p. 2)

Em particular e de forma breve, faço referência à educação destinada às pessoas deficientes, em especial a dos cegos. Apesar das significativas mudanças pelas quais ela está passando, devido à proposta da educação inclusiva, ela não pode perder de vista, em nenhum momento, suas funções e suas metas. Segundo Bartholo (1996), na educação para as pessoas deficientes as diferenças devem ser realçadas; o exercício da imaginação e da criatividade deve ser propulsor para as descobertas do conhecimento; a socialização e a comunicação interativa devem ser atrativos para que as experiências do mundo vivido (*lebenswelt*) venham a ser despertadas; o respeito às singularidades e particularidades do cego deve ser enfatizado, possibilitando ao mesmo uma educação balizada no sujeito que é cego como o elo construtor do processo educacional.

Ao comentar sobre a educação para as pessoas deficientes, Neno (anexo 2), cego, acredita que a educação se fundamenta na ética, na liberdade de ação, na percepção do outro. Certamente, a percepção e a atenção para com o deficiente, como para qualquer outro ser humano comum, irão acontecer de forma natural, em que o respeito às diferenças existentes entre todos será o a priori de todo o processo.

Para que isso venha a se concretizar, o vidente precisa estar aberto à renovação, à transmissão, à reprodução dos conhecimentos num processo de auto-organização das novas idéias, admitindo os erros e acertos como condições para compreensão e interpretação da subjetividade humana. Ao olhar para o corpo de um cego, o vidente precisa também considerar os princípios da unidade e da diversidade, acreditando que isso é possível e

necessário, pois, trata-se da condição primeira da existencialidade e essencialidade de qualquer ser humano.

Compreender a corporeidade do cego não pode estar restrito apenas às condições limítrofes, de natureza biológica, que esse ser apresenta em relação à sua capacidade visual do órgão olho. Essa compreensão se faz necessária, mas deve ser ampliada e complementada pela interação e intersecção dos dados da realidade dispostos entre os seres humanos. Estes serão mediados e transmitidos pela capacidade que os seres humanos possuem para e em se comunicar, possibilitando assim, um olhar amplo e aberto para o trinômio indivíduo/sociedade/espécie.

Essa perspectiva mostra que o refletido e o irrefletido da corporeidade do cego se desvelam como elementos mediadores e construtores, os quais criam oportunidades para a compreensão da organização e desorganização da existencialidade desse corpo, despertando assim possibilidades de inter-relações entre os seres humanos cegos e videntes no processo de formação e informação educacional.

Mudar e reformar todas essas atitudes está intrinsecamente ligado à apropriação do conhecimento, via educação, que pelo saber-sabor deve possibilitar as mais variadas interfaces do viver do ser humano, admitindo as certezas e as incertezas, os acertos e os erros, as seguranças e as inseguranças, enfim, a ordem e a desordem dos fenômenos. Esse processo se mostra presente e preñado de sentido e significado quando me reporto a alguns cegos durante as minhas reflexões ao longo deste trabalho como o professor e comerciante Espínola da Veiga, o filósofo, crítico de arte e fotógrafo Evgen

Bavcar, o historiador Neno, a psicóloga e musicista Fabiana Bonilha e a artista plástica Susete.

Esta é uma aventura, afirma Morin (2001, a). Aventura incerta que corre o risco da ilusão e erro, podendo ser intitulada de conhecimento. Ter consciência do caráter da incerteza do ato cognitivo cria oportunidades para se alcançar o conhecimento pertinente. O ser humano, ao buscar o conhecer, se depara com as certezas e as incertezas desse ato, pois, (...) "o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas" (p.86).

A educação, hoje, está empenhada em substituir as certezas e os saberes pré-fixados pelas perguntas, pelo melhoramento dessas e pela acessibilidade às informações, desenvolvendo conceitos transversais abertos para a surpresa e para o imprevisto (Assmann, 1998).

Nesse contingente, a ênfase é dada a tudo que envolve o ser humano e o seu processo vital, que é e está no mundo vivendo a sua condição de ser humano sensível, recebendo e absorvendo, direta e indiretamente, as influências da sociedade, da ciência, da arte, da cultura, da política e da economia. E aí é descoberta uma enormidade de incertezas que circundam o aprender e o apropriar-se do conhecimento.

Pode-se considerar que uma grande contribuição do conhecimento no século XX foi a descoberta e a aceitação dos limites do próprio conhecimento, segundo Edgar Morin (2001), pois, as interrogações e o respeito às incertezas é que estão contribuindo para que o ser humano, cego e ou vidente, enfrente as dúvidas e as diversidades que se fazem presentes no mundo humano.

O mesmo autor, ao comentar sobre a condição humana e conhecimento, apresenta três princípios que circundam a incerteza: 1) o cerebral (cognitivo): o conhecimento está atrelado sempre à tradução e construção do real, e não simplesmente ao seu reflexo, por isso o erro é e deve ser admitido; 2) o físico: conhecer os fatos é uma consequência da interpretação; 3) o epistemológico: o conhecimento é decorrente da crise dos fundamentos da certeza, em filosofia e em ciência. Ele deixa claro que o ser humano, ao conhecer e pensar, se depara e dialoga com as incertezas e não se preocupa em alcançar uma verdade e certeza absoluta.

Com o intuito de ilustrar esse pensamento, aponto algumas palavras de Bavcar (2000), para enriquecer o diálogo da educação na perspectiva da complexidade, pela própria atividade que ele, um cego, realiza, a de fotografar, para exprimir sua existencialidade. Numa de suas passagens ele propõe:

O olhar físico que *quer ver* não é aquele olhar da verdade, pois a presença de um objeto só pode ser confirmada pelo toque físico. (...) Poder-se-ia defini-lo como o olhar chegado, ou encostado, aquele que não provoca ainda a separação inelutável entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Não nos resta senão examinar esta separação a fim de que o pensamento permaneça o único princípio verificador de uma possível verdade. (p. 18)

Bavcar, um corpo vivente da escuridão, vive sob a intencionalidade de sentir a luz nas suas ações cotidianas. É o corpo em movimento contínuo, absorvendo todas as informações do seu ecossistema e transformando-as, a

partir da sua capacidade de transcender-se, apreendendo dessa forma os conhecimentos da sociedade, da arte, da cultura, da comunicação.

Isso acontece num processo formalmente sistematizado ou não, ou seja, a relação do corpo com o mundo vivido (*lebenswelt*) irá acontecer sempre, em qualquer instância, independente da sistematização ou não dos conhecimentos. Portanto esta sistematização possibilita ao ser humano, cego e ou vidente, uma apreensão e compreensão do mundo de forma mais ampla e abrangente, mais livre, mais crítica, mais autônoma, mais ética, mais sensível e mais prazerosa.

Esse diálogo entre o meio e o corpo pode ser denominado educação, segundo Rosário (1999), pois, é ele quem vai dar forma à alma e ao corpo do ser humano, possibilitando assim as relações humanas, de acordo com a cultura e o tempo em que estiverem acontecendo. A relação de troca existente meio/corpo permite um conhecimento que surge do exterior para o interior, bem como do interior para o exterior, resultando, a cada nova descoberta, indícios para uma próxima procura. O autor considera ainda:

A riqueza do processo educativo reside em larga medida no fato de, felizmente, sermos todos diferentes; quer comparemos os genomas, quer, e também por ação destes, na forma individualizada como recolhemos, classificamos e relacionamos os dados do exterior como consequência do caráter genético da razão. (p.53)

Rezende (1990), ao apresentar a educação sob uma abordagem fenomenológica, revela que a educação é um fenômeno, é uma experiência

profundamente humana, em que o ato educativo é um sistema complexo por buscar a compreensão do ser humano, de modo a aprender e a apreender a ser homem e a existir como homem, numa perspectiva humana e humanizante. Educar o ser humano consiste na percepção do sentido da própria existência para que essa possa ser vivida humanamente como tal. Perceber o sentido da própria existência, pode-se dizer que é a forma de o ser humano manifestar-se, trazendo à tona a cultura, que faz desabrochar os traços distintos da humanidade e dos grupos humanos. Esses traços podem ser entendidos como: as diferentes maneiras que o homem encontra para se relacionar com o mundo; as diversas formas da intencionalidade; as diversas formas da dialética fenomenal. "A utilização do mundo, sua transformação, a apropriação do mundo, seu conhecimento, o poder, as relações sociais, a arte, a religião etc., são essas *formas* (no plural) da significação existencial." (p.60)

Moreira (1995), considerando esse modo de pensar de Rezende, adverte sobre o corpo e a educação, lembrando que nenhum ser humano escapa da ação educativa, e a educação, como um dos sistemas humanos, acontece no corpo todo e não apenas em algumas partes do corpo. Corpo este vivido e assumido...

(...) sem preconceitos, com ousadia, com paixão, com vida em abundância.

(...) que encontra vida, que busca prazer, que busca a superação de sua carência na convivência do hoje com outros corpos, (...).

(...) que deixa-se subir em montanhas, nadar em rios, contemplar amanheceres, sem a sensação de tempo perdido ou ato leviano por não significar produção.

(...) que acaricia e é acariciado, que doa e recebe energia vital, que brinca com outros corpos e permanece criança sem constrangimentos (...)

(...) que pode se deixar transparecer, se revelar, na perspectiva, na vivência do hoje, transformar o amanhã das relações corporais. (Moreira, 1994, p. 58)

O processo do conhecimento é, antes de mais nada, um processo corporal, por acompanhar uma inscrição no corpo recoberta por necessidades e desejos recheados de sensações de prazer, compondo uma unidade (Assmann, 1998).

Corpo-educação ou educação-corpo? Tanto uma como outra forma adotada revelam para mim mais um dos princípios da complexidade do sistema educacional. Como revelaram os autores citados anteriormente, o processo de conhecimento, ou seja, a educação só acontece com a presentidade corporal; e o corpo se desenvolve na sua relação com o mundo por meio do conhecimento, da educação. Um caminho de mão dupla e interdependência, em que as partes de um completam o todo do outro, e vice-versa, na complementaridade da organização e desorganização de todos os outros sistemas do ser humano, o biológico, o social, o cultural, o da comunicação, o político, o econômico.

Diante desse contexto, concordo com Rosário (1999): o ser humano, pelo movimento, identifica-se e revela a sua história, pois, a mente escolhe e determina quais os gestos a realizar após buscar na memória os registros e as informações que o corpo lhe havia transmitido. O movimento corporal e intencional do ser humano retrata que (...) "partindo do corpo próprio, sublinha

não haver significação que não se refira ao corpo, nem sentido que o corpo não realize e manifeste," ... (p.43). Ou, como bem diz Moreira (1992):

O homem é um ser carente, que caminha intencionalmente na direção de sua transcendência. Por essa razão, é dotado de motricidade, que não se confunde com movimento, pois este é a expressão da motricidade. (p.207)

Trazendo à memória todas as crianças no parque, tendo a oportunidade de escolher o brincar, penso na educação - mente/corpo - que elas receberam para disponibilizarem-nas ou não, a irem brincar, juntas ou sozinhas, sem medo, sem constrangimento, com segurança, com liberdade de ação, em que os corpos, relacionando-se naquele ambiente, movimentam-se com intencionalidade e transcendência.

Realmente, vejo que elas podem ou não estar disponíveis e aptas para viverem aqueles momentos no parque com prazer e alegrias. Isso depende de como a motricidade foi sendo despertada, estimulada e aprimorada no processo educativo dessas crianças, em que o corpo é presença e existência na relação com o mundo, respeitando o espaço, o tempo e seu modo singular de viver. Freire (1991), falando de motricidade, expressa:

Pela motricidade o homem se afirma no mundo, realiza-se, dá vazão à vida. Pela motricidade ele dá registro de sua existência e cumpre sua condição fundamental de existência. A motricidade é o sintoma vivo do mais

complexo de todos os sistemas: o corpo humano...é o discurso da cultura humana. (p.63)

Educação, corpo, movimento, intencionalidade, transcendência e outras palavras mencionadas remetem o meu pensar à Motricidade Humana.

Considerada uma teoria nova, por fazer pouco tempo que despontou nos meios acadêmicos e científicos da Europa e do Brasil, a Motricidade Humana surge da necessidade de uma mudança epistemológica da Educação Física tradicional. A trajetória da Educação Física foi marcada, com excelência, pelas ciências naturais até os estudiosos da área começarem a sentir falta e necessidade de outras ciências, que pudessem e viessem contribuir com os inúmeros e diversificados problemas e questionamentos que surgiam a respeito do homem em movimento.

Nesse momento de transição, levando em consideração as mudanças paradigmáticas da ciência em geral, em que as dúvidas e as certezas que apareciam eram infundáveis, constatava-se que a Educação Física, do modo como era tratada e da forma como se referia ao ser humano em movimento, não seria capaz de abarcar todas as mudanças e transformações necessárias. Com o pressuposto de complementar e ampliar a área de conhecimento do ser humano em movimento, respeitando e considerando toda a sua complexidade, surge a Motricidade Humana.

Lendo uma crônica de Alves (1994), ao falar do "lado avesso", ou seja, o lado escondido das coisas e das pessoas, tratando-o como o lado sensível, belo, rico, diferente e feliz, visualizei, imediatamente, a Motricidade Humana e todos os seus princípios epistemológicos. Pois, só o "lado avesso" de

uma ciência tradicional do movimento poderia revelar o lugar onde mora a sua "beleza" e o seu significado.

A Motricidade Humana resulta de um passado cheio de experiências e estímulos, de um presente que exige estudos e investigações sob um novo paradigma, envolvendo a roda das ciências e de um futuro que começa todo dia e vai determinando objetivos que não podem e não devem ser esquecidos. Emergiu, segundo Rosário (1999),

... como resposta à necessidade de estudar todos os movimentos humanos; os princípios e os fins de todos os gestos que o Homem desenha no espaço ao longo da vida. (...) ... surge, como parece indesmentível, quando as condições epistemológicas o permitiram e o exigiram. Antes, não estavam reunidas as razões necessárias, depois, o espaço que é sem dúvida o seu estaria ocupado pelos defensores de outras áreas do conhecimento. (p.41)

Segundo Oro (1995), essa nova abordagem sobre os estudos do movimento humano, denominada Motricidade Humana, para ser considerada e reconhecida como uma teoria pelos seus méritos cognitivos, não poderia escapar da historicidade do sistema científico, que é integrado por subsistemas dinâmicos passíveis de subdivisões ou reintegrações, portanto, o sistema científico se organiza e se diferencia de forma a respeitar as afinidades lógicas, metodológicas e gnosiológicas transparecidas nas investigações dos respectivos objetos particulares de estudo.

Como afirma um dos precursores da Motricidade Humana, Manuel Sérgio (1992): "Motricidade Humana - um paradigma emergente? Com toda a

certeza! E, como tal, um novo espaço de reflexão. Não se considera pomposamente a verdade, mas um caminho alcantilado que a persegue". (p. 103)

O mesmo autor apresenta alguns pressupostos que dão suporte a esta teoria ressaltando: as investigações sobre o movimento devem ir além das ciências naturais, ampliando e interagindo com as ciências do homem, como a psicologia, a economia, a história, a política, entre outras. A Motricidade Humana expressa particularidades nos seus diversos conteúdos (dança, esporte, jogo, e outros) não impedindo a ocorrência de situações semelhantes e regulares; permite e estimula a discussão, a problematização em torno das questões teóricas, metodológicas e práticas do movimento humano.

A Motricidade Humana acolhe a idéia da complexidade, do caos, da imprevisibilidade, da incerteza, rejeitando a simplificação, o determinismo, a previsibilidade. Ao investigar o ser humano em movimento, preocupa-se com o movimento hominal e humano do homem, ou seja, faz uma leitura sistêmica desse fenômeno na sua relação com o movimento propriamente dito, bem como com o mundo ao qual pertence, carregado de história e de cultura. A atenção dada ao movimento hominal e humano, nessa ciência, está voltada à transcendência (superação), à liberdade, à individualidade, à integralidade, ao respeito pela vontade e pelo desejo de ser em movimento, tudo isso em constante integração e interação.

Atentar para o movimento hominal e humano é advogar a essencialidade e a existencialidade do ser-no-mundo, considerando sua natureza, sua facticidade e sua transcendência. Como diz Muniz de Rezende (1990), estudar o homem nessa perspectiva é ampliar o universo da observação sobre ele, ou seja, é considerá-lo corporal-espiritual, individual-

social, teórico-prático, entre outros aspectos, reformulando o problema da consciência e da subjetividade, compreendendo e ultrapassando conceitos.

Investigar o ser humano em movimento transcendente traz novos conceitos, novas aptidões ao campo científico, preocupações interrogativas constantes, vontade e necessidade de auto-superar-se, de ir além dos determinismos inventando e resolvendo problemas (Sérgio, 1995). Elevando a investigação a uma estrutura sistêmica complexa em que o físico, o biológico, o social, o antropológico se diferem, se distanciam e ao mesmo tempo se complementam e se integram, na dialética da organização/desorganização.

Sérgio, no mesmo texto, refere-se ao ser humano no movimento da transcendência como um ente singular que, além de pôr à prova suas qualidades físicas, explora também sua sagacidade, sua perspicácia, sua inventividade, sua afetividade, sua inteligência. E mais:

Porque no movimento da transcendência o praticante sente-se permanentemente inacabado, ele está em incessante *diáspora*, ele pratica, não uma disciplina, mas uma *indisciplina* - uma *indisciplina* que nos remete ao corpo no ato poético da criatividade. A motricidade humana é bem a expressão corporal da incompletude!
(p.166)

Na existencialidade e na presentidade que envolvem o ser humano e sua motricidade, considero as palavras de Moreira (2001) ao pronunciar que o processo de humanização do ser humano está atrelado à produção da cultura e à realização da história, sendo modificado por ambas. Ao caminhar para a superação, os sentidos de fazer, saber, pensar, sentir,

comunicar e querer encontram-se implícitos, definindo e identificando sua corporeidade como condição de presença, de participação e de significação do ser humano no mundo, compreendendo a motricidade.

Os cegos, em nenhum instante da sua presentidade, deixam de ser sujeitos existencializados, singulares e coletivos, sensíveis e inteligíveis, na sua relação com o mundo através da motricidade. Aí então, lembro-me de algumas situações desafiadoras que vivenciei ao desenvolver atividades corporais para cegos, pois, em vários momentos não percebia, com clareza, os princípios da Motricidade Humana engajados no processo educativo da motricidade daquelas pessoas com as quais eu me relacionava.

Como exemplo, cito uma passagem muito viva ainda na minha memória: estávamos, eu e os alunos cegos, num dos nossos encontros semanais, desenvolvendo a descoberta e a execução de movimentos com lenços. Depois de eles explorarem o material à vontade, eu solicitava alguns movimentos através da oralização. Ia observando que os movimentos executados eram bem diferentes daqueles que eu havia imaginado e esperava como resposta. Eu procurava não impedi-los de executar, apenas olhava e ficava admirada com a diversidade de movimentos que executavam a partir de uma mensagem transmitida. Nesse dia percebi que, apesar da cegueira total deles todos, eles exploram a criatividade, a liberdade de expressão, a vontade, tão bem ou melhor que qualquer outra pessoa vidente, desde que sejam estimulados e lhes dêem oportunidades para tal.

Susete, a artista plástica de baixa visão, menciona que, ao iniciar o projeto de pintura com os deficientes visuais e mentais, estes não acreditavam que um dia seriam capazes de pintar e hoje se surpreendem com os progressos

alcançados. Segundo a pintora, os trabalhos produzidos por eles são reconhecidos por críticos de arte e estes comentam (...)“ o que demoramos uma vida inteira para conseguir, os deficientes conseguem com muita facilidade, que é projetar o seu “eu” na pintura” (anexo 3, p.3). Essa situação revela a potencialidade que os cegos e deficientes mentais possuem para aprender e apreender qualquer conhecimento, desde que o corpo todo vivencie o processo de informação e formação. Digo isto porque a metodologia utilizada, neste projeto desenvolvido por Susete, para a apropriação da pintura como arte é balizada a partir de vivências corporais e não apenas visuais.

Reportar ao processo educativo, ou seja, a uma aproximação simultânea da teoria com a prática, tratando-se de uma teoria complexa como a Motricidade Humana, exige, como afirma Sérgio (1995): acreditar no ser humano como um ser complexo dotado de sistemas complexos como o biológico, o social, o cultural, o histórico; ter espírito crítico diante da própria profissão; ser consciente da dignidade da pessoa humana; intervir através de idéias e pensamentos gerais e específicos; informar-se e formar-se sempre científica e pedagogicamente; ser vivaz e curioso com relação ao processo evolutivo da sociedade e da cultura; conviver com a incerteza, com a inquietação, com o sonho e com a firme vontade de ir mais além.

Para todos esses preceitos serem alcançados é necessário que o conhecimento científico da área esteja associado à universalidade do saber fazer em motricidade. Dessa forma, o profissional outorgado para desempenhar essas ações apresentará competência, fluidez, segurança na resolução dos acasos e dos antagonismos que porventura aparecerem durante

o processo educativo. Fazer e compreender propõem uma educação integrada em que o processo se dá tanto do educador para o educando, como do educando para o educador.

Nessa linha de raciocínio, Freire (1995) propõe a pedagogia do conflito, no sentido de propor ao educando algo familiar ainda desconhecido, emergindo daí algo novo e diferente, o que despertará estímulos e desafios para a reflexão, o diálogo e novas descobertas. Assim, creio eu, o conhecimento não pode ser algo rígido, fechado, determinado, imposto, mas sim pautado pela flexibilidade, abertura, indeterminação, escolha, liberdade, aceitando e respeitando com sabedoria os vieses do processo. O conhecimento produzido, nesse caso, não seguirá uma linearidade de começo, meio e fim, nem de causa e efeito, mas sim de surpresas que gerarão outras novas surpresas desencadeadas a partir da liberdade de ação e expressão de cada ser em particular.

A expressão, a sensibilidade e a forma de comunicar-se do ser humano são imanentes a ele, e elas acontecem desde que ele tenha permissão e oportunidade para explorá-las, como também, elas transcendem se ele for educado para percebê-las e compreendê-las. Portanto, para o cego saber fazer e compreender um gesto que faz, no mundo onde tudo é estabelecido pela cultura dos videntes, ele necessita ter oportunidade para se expressar, dialogar e explicitar, o para que, o quê, o porquê e o como faz e sente sua motricidade na relação com o mundo.

Para Neno, cego adquirido, estar se movimentando na água, é uma das melhores formas para viver sua motricidade, sente-se livre num espaço aberto e sem obstáculos, em que ele pode executar variados e prazerosos

movimentos num encontro consigo próprio e com o ambiente, explorando diversas sensações e sentimentos (anexo 2).

O inverso também se faz verdadeiro, o vidente ainda habituado e direcionado para a simplificação e fragmentação do ser humano, assusta-se ao se deparar com as diferenças humanas. Contudo, precisa estar sensível e aberto às novas descobertas surgidas no ir e vir da motricidade, fazendo-se valer do saber fazer e do compreender que florescem das relações humanas. Como se expressa Moreira (1992), o ato educativo está atrelado ao saber ser, permitindo ao ser humano viver como humano, tanto solitária como solidariamente.

Destacar sensibilidade como um dos ingredientes imprescindíveis e intrínsecos das relações humanas, é estar adentrando em mais um campo da complexidade do ser humano, o complexo emocional. Aí estão envolvidos os mais diversos tipos de sentimentos que um ser humano pode vir a ter ao ser e estar presente no processo educativo da motricidade, ou outro processo qualquer.

A ação da motricidade é e está, intrínseca e extrinsecamente, associada às atitudes corporais que, com sabedoria e consciência, revelam os conteúdos pessoais e individuais. As reações neuromusculares revelam a interioridade sensível de todo ser humano, adverte Morais (1992). "Depressão, angústia, medo como também euforia, otimismo e tranquilidade, são todos esses sentimentos detonados na estrutura corporal e então captados por nossa "interioridade." (p.79)

Analisar o complexo emocional é considerar pelo menos três dimensões do ser humano na ação da motricidade, ou seja, ele na relação consigo mesmo, na relação com os outros e na relação com o mundo.

A tridimensionalidade das relações do ser humano no ato educativo aponta princípios que norteiam a viabilização da Motricidade Humana. Feitosa (1999) mostra alguns: a consciência da complexidade, o diálogo, a criatividade, a solidariedade, a cientificidade, a confiança e a esperança, a práxis, o amor, a integridade e a honestidade, a autoconsciência, o sentido da vida, a auto-disciplina e auto-liderança, a liberdade e a responsabilidade, a interdependência, a visualização, a auto-estima e o altruísmo, o amor incondicional e a cosmoética.

Pensar, falar e agir com emoções no ato educativo, acredito que deve ser uma condição básica para que este aconteça com fluidez e harmonia. As emoções, quando positivas, tendem a trazer vontade de sempre estar realizando algo a mais, com criatividade e mudanças. O ato educativo, dessa forma, poderá almejar a transcendência na tridimensionalidade das relações humanas na ação da motricidade, desencadeando prazer, solidariedade e motivação para que você e o outro, individual e coletivamente, realizem-se como seres humanos na sua completude e intencionalidade, independente do quanto cada um almejou e conseguiu.

Ao comentar seu ato de educadora artística com os deficientes visuais e mentais, Susete reconhece que seu trabalho possui credibilidade por parte dos alunos e dos demais envolvidos, devido ao seu amplo conhecimento adquirido sobre a pintura desde a adolescência, quando iniciou sua carreira,

como também devido a todas as emoções que sente e transmite ao desenvolver o Projeto Pintar por Pintar (anexo 3).

Por ser algo extremamente subjetivo e particular, não é possível quantificar as emoções em nenhuma instância, mas é incondicional senti-las em qualquer situação e relação. As emoções positivas poderão incitar outros sentimentos como a auto-estima, a responsabilidade, a integridade, a autoconsciência, a humildade, a aceitação, os quais possibilitarão aos seres humanos sentirem-se humanos e transmitirem humanidade no processo do ato educativo da Motricidade Humana.

Ser íntegro e responsável é o ser humano aceitar e ter consciência do papel escolhido para desempenhar e a condição na qual ele se encontra, organizando-se e conciliando-se com os propósitos e objetivos próprios e individuais da vida. Assim, ele poderá relacionar-se com os outros com integridade e honestidade. Essa dimensão emocional remete o ser humano para a auto-realização que surge da auto-disciplina e da auto-liderança. Como diz Feitosa (1999):

A auto-disciplina só é possível para quem sonha e transforma o sonho em projeto. Um projeto é um sonho com data marcada. A auto-disciplina é a semente da auto-liderança. A auto-liderança é fundamental para a auto-realização. (...) A auto-realização é uma fonte inesgotável de satisfação e de paz. (p.90)

Escolher estar perto de pessoas cegas deve, em primeira instância, despertar satisfação e paz para, posteriormente, esse sentimento acalantar a auto-disciplina e auto-liderança. Caso contrário, sentimentos de piedade e

constrangimento irão prevalecer na relação, impedindo dessa forma que o cego seja e esteja no mundo como qualquer outro ser humano, recebendo informações e formações.

O ser humano envolvido pelo complexo emocional compreende e age de modo interativo com os seus semelhantes e com a natureza. Nessa interação, qualquer atividade humana expressa-se na e pela motricidade. Os movimentos viabilizam todas as ações do ser humano na sua relação com o mundo, como também, as relações interpessoais acontecem pelo movimento como o falar, o sorrir, o chorar, o abraçar, o lutar, o brigar, o dialogar, o respeitar, ... (Kolyniak, F^o, 2001).

A comunicação do ser humano com o mundo e com o outro inicia-se desde o nascimento, em que o primeiro contato acontece pelo corpo. Ao nascer, o corpo sente que está num outro lugar e reage a essa situação movimentando-se, simultaneamente, sente o ambiente pela pele e pelo som, manifestando sua inquietude, sua incompreensão pelo choro. A partir de então, esse repertório vai se ampliando de acordo com o desenvolvimento biológico, social, cultural e afetivo de cada um, devido às necessidades humanas de interação e integração com o meio e com o outro.

Ao nascer, o ser humano é considerado, essencialmente, um ser biológico. Ao humanizar-se, em sua existencialidade, realiza movimentos buscando a auto-superação na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, ultrapassando o estágio inicial e determinista dos instintos, dos reflexos, das funções orgânicas para uma intencionalidade guiada por racionalidade, inteligência, criatividade, sensibilidade e afetividade. Essa facticidade e existencialidade do ser humano, em que o homem e o humano

podem ser compreendidos pelos movimentos, pela expressão, pela comunicação, denomina-se conhecimento identificador da Motricidade Humana, ressalva Moreira (2001).

Conhecer, compreender e acreditar nessa teoria é um ponto de partida, porém vivenciá-la, incorporá-la, difundi-la, transformando as ações do dia-a-dia, é essencial para que a auto-superação aconteça consigo mesmo e, posteriormente, se alastre para e com o outro. Trazer o cego, ou mesmo o vidente, para a compreensão da corporeidade como forma de estar-no-mundo sensível e inteligivelmente exige competência, domínio do conhecimento geral e específico, dedicação, sensibilidade e outros princípios comentados anteriormente, os quais poderão instigar mudanças e realização pessoal e coletiva no e para o ser humano.

Conde (1997), professor de Educação Física de um Instituto de Cegos no Rio de Janeiro, publica um relato sob o título "Hoje a Aula é de Alegria!". Conta que num determinado dia, dois acadêmicos de Educação Física foram cumprir um estágio de observação junto a uma turma de crianças cegas que chegavam muito felizes para a aula de natação. Já na chegada dos alunos, os acadêmicos se surpreenderam pela manifestação livre, segura, independente e alegre de todos os cegos. As perguntas convencionais feitas pelos acadêmicos aconteceram, e uma delas foi sobre qual seria o tema da aula, o professor responde que a aula seria de alegria. A partir da resposta, os estagiários, com muito espanto e estranhamento, passaram a observar o professor com dúvida e avidez, pois, como poderia uma aula de Educação Física ser de alegria, e os movimentos, onde se situariam? A aula aconteceu sob a predominância das atividades lúdicas; da aquisição, transferência e utilização

de conceitos; dos problemas, desafios e reforços apresentados individualmente; utilização de pistas ambientais e pontos de referência; movimentos expressos livremente; superação de movimentos; aspectos utilitários, recreativos e formativos da natação; desenvolvimento da autoconfiança, da auto-iniciativa, da capacidade de tomar decisões e do prazer de poder fazer; e, acima de tudo, o privilégio da participação plena de cada aluno cego, em que a alegria sobrepusesse qualquer conteúdo formal.

Esse relato revela que explorar uma prática motora com alunos cegos, baseada na Motricidade Humana, é possível, viável e necessário, porém, deixa claro também que os acadêmicos, na sua fase de informação e formação profissional, estão sendo preparados sob o paradigma tradicional da Educação Física. Diante desse fato, algumas palavras de Manuel Sérgio (1992) reforçam as possibilidades de novos sentidos e significados dos estudos e intervenções para com o corpo em movimento na relação com o mundo, seguindo como base os princípios da teoria da Motricidade Humana que...

... em tudo faz referência ao corpo: ao corpo-memória e ao corpo-profecia, ao corpo-estrutura e ao corpo-conduta, ao corpo-razão e ao corpo-emoção, ao corpo-natura e ao corpo-cultura, ao corpo-lúdico e ao corpo-produtivo, ao corpo normal e ao corpo com necessidades especiais. (p.100)

Corpos que respondem à complexidade de serem humanos, presentes nos diversos mundos do seu entorno próprio e coletivo, e que se movimentam naturalmente, independente da sua condição de existencialidade. Os cegos,

como todos os outros, necessitam ser compreendidos, aceitos e admirados, para poderem se ver e se encontrar na dinâmica do seu mundo vivido (*lebenswelt*) ...

ÚLTIMO MOMENTO

VER E VIVER...

VIVER E VER...

Coisa que gosto é poder partir sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar quando quero
Todos os dias é um vai e vem
A vida se repete na estação...
...São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida...

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Nesse último momento, sinto-me exatamente como diz Milton Nascimento no trecho acima; ao encontrar o que estava buscando, chega novamente o momento da partida, e aí me despeço para continuar a viagem e viver em outra estação... mais um sonho realizado, e outros novos sonhos sendo despertados no meu ser...

Olhar: ver e não ver com os olhos, mas ver e viver com o corpo. É poder sentir, perceber e expressar alegria, tristeza, angústia, alívio, ansiedade, desejo, vitória, derrota, aspiração, dúvida, felicidade, segurança, insegurança, conhecimento, saudade, admiração, beleza, feiura, amor, paixão, desilusão e tudo mais que perpassar pelo corpo essência e existência que é o ser humano no seu mundo vivido (*lebenswelt*).

Quantas coisas ao ver, ler, ouvir e pensar sobre a nossa capacidade ou incapacidade de ver com os olhos! Um tema muito discutido e comentado por cientistas, cineastas, artistas, pesquisadores, filósofos e pessoas comuns... Desde os ditados populares como: o pior cego é aquele que não quer enxergar, o que os olhos não vêem o coração não sente, ver para crer, até alguns pensamentos clássicos como: o olho é a janela da alma, o espelho do mundo, despertaram em mim curiosidades e desafios para compreender o sentido dos sentidos do ver e viver sem a possibilidade de estar vendo mas estar vivendo.

Alguns pensamentos e percepções de cegos apresentados ao longo desse trabalho e o conteúdo do belíssimo documentário Janela da Alma, lançado em junho de 2002, revelam e reafirmam as minhas aspirações com o problema levantado no início desta viagem... deste sonho...

João Jardim (diretor do documentário): Me flagrei achando que a realidade sem foco vista através de 8,5 graus de miopia era muito mais bonita. Fiquei perplexo com a constatação, e resolvi que meu primeiro filme seria investigar como o fato de usar óculos afeta a vida das pessoas, e indagar se o que chamamos de realidade não seria afinal uma questão muito pessoal de ponto de vista.

Achava super interessante essa questão do ver ou não ver. Tudo depende do que a gente já viu antes, que determina a maneira como a gente interpreta o que está vendo." (Janela da Alma, 2002, p.1; Francesca Angiolillo, 2002, p.1).

Walter Carvalho (co-diretor e fotógrafo do documentário): Temos pessoas que, por alguma razão, enxergam pouco, ou "nada". Quando digo "nada", é porque quem não tem esse sistema perfeito também pode ver, porque não se vê só com os olhos. Tem gente que, embora tenha seu espelho quebrado, também continua a enxergar a seu modo. (Francesca Angiolillo, 2002, p.1)

Hermeto Pascoal (músico, entrevistado do documentário): Eu pedi a Deus para Deus me deixar um tempo cego, cego aparente. Porque olhando é tanta coisa ruim que a gente vê, que atrapalha a visão certa, a visão das coisas que a gente quer fazer na vida. (Francesca Angiolillo, 2002, p.2)

Cegos, pessoas de baixa visão e videntes sempre, em qualquer situação, em qualquer tempo e lugar, em qualquer tipo de relação humana, o ver e o viver são individuais, particulares, próprios, em que o mundo vivido (*lebenswelt*) é a referência primeira para o desabrochar do ver e do viver... e do viver e do ver de todo e qualquer ser humano.

Essa chegada mostra-me claramente a complexidade do conhecer compreender o ser humano, portanto, sinto que a verdadeira complexidade se inicia agora, quando estou partindo para uma nova viagem, à conquista de um novo sonho. Almejo, com intencionalidade, alcançar a superação, a transcendência junto aos seres humanos que estão e estarão ao meu lado no

trem da educação e da motricidade, proporcionando-lhes o conhecer compreender o ser humano, deficiente ou não, numa tarefa desafiadora em que o respeito, a aceitação e a admiração pelo ser humano como um ser único na sua essência, existência e presentidade, devem ser um dos princípios básicos das relações humanas.

Nesse momento de chegada o eu corpo, ao abrir novamente os olhos para o mundo, depara-se com vários mundos: o mundo sujeito interiorizado de necessidades e desejos; o mundo acadêmico que o coloca em suspensão diante das incertezas e certezas codificadas e decodificadas; o mundo do corpo desvelando o ser-no-mundo a partir da essência e da existencialidade; o mundo científico, que num momento histórico de grandes mudanças paradigmáticas, mostra as inúmeras e diversificadas possibilidades para a compreensão da existência humana; o mundo hominal e humano nas relações e inter-relações criadas e aceitas a partir da complexidade deste mesmo ser.

Certamente a con-vivência com os cegos, durante toda essa viagem de novas descobertas e compreensão da corporeidade do cego, tatua em meu corpo novos olhares. Novos olhares para o corpo, para a vida, para a motricidade, para a educação, para a sociedade, para a natureza, para a cultura, para o afeto, enfim, para a existência de ... ser humano!

Posso dizer com convicção que, a aula magna que o ser humano, deficiente da visão, me possibilitou foi: cada um de nós deve enxergar com mais clareza, na luz ou na escuridão, a sua própria vida e assim poder ser para ver e viver... viver e ver...

A sensação que está comigo nesse momento, Ivan Lins e Vitor Martins revelam numa de suas músicas:

Daquilo que eu sei
Nem tudo me deu clareza
Nem tudo foi permitido
Nem tudo me deu certeza

Daquilo que eu sei
Nem tudo foi proibido
Nem tudo me foi possível
Nem tudo foi concebido

Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos
Cheirei, toquei, provei
Ah! Eu usei todos os sentidos

Só não lavei as mãos
E é por isso que eu me sinto
Cada vez mais limpo
Cada vez mais limpo
Cada vez mais limpo...

Mais aberto, mais apto, mais flexível, mais incorporado, mais sensível para ver e viver... viver e ver o eu corpo ser-no-mundo, junto comigo e junto com você criando sonhos, viajando, chegando e sempre partindo novamente em busca de algo significativo... é a vida desse meu lugar... é a vida...

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J.J.G. de & CONDE, A. J. M. (2002). Metodologia aplicada ao deficiente visual. In *Caderno texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em Educação Física Adaptada*. Brasília: MEC/SEESP.

ALVES, R. (1995). *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Ars Poética.

_____. (1999). *Concerto para corpo e alma*. 3ª ed. Campinas: Papirus.

_____. (1994). O Avesso. *Correio Popular*. Campinas/SP, 08/08/94. Caderno C, p.4.

AMARAL, L. (1995). *Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)*. São Paulo: Robes.

ANGIOLILLO, F. (2002). Longa trata do sentido e sentidos da visão. *Folha de São Paulo On Line*. Campinas, agosto de 2002. Disponível em: <http://www.saci.org.br>. Acesso em agosto.

ASSMANN, H. (1994). *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*. 2ª ed. Piracicaba: Ed. Unimep.

_____. (1998). *Reencantar a Educação: Rumo à sociedade aprendente*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

BAITELLO JR., N. (2002). Os meios da Incomunicação. *Jornal Tribuna do Norte*. Encarte Viver - Polifônica Idéias. Natal, RN, 19/01.

BARTHOLO, M.F. (1996). O sujeito - construtor da Educação Especial. *Revista Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: IBC, no. 2, p.21-25, janeiro.

BAVCAR, E. (2000). *O Ponto Zero da Fotografia*. Rio de Janeiro: Departamento de Artes da Funarte (Very Special Arts do Brasil).

_____. (2001). A luz e o cego. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: MEC/IBCENTRO, ano 7, 19, p. 21-26, agosto.

_____. (2001). O corpo, espelho partido da história. Palestra transcrita/traduzida por Hermano Taruma. *Ciclo de Palestras*. O homem máquina, coorden. Adauto Novaes. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, março.

BRASIL. (1994). *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília: MEC/SEESP, livro 1.

BRUNS, M.A. de T. & LEAL FILHO, B. (1994). A sexualidade e o significado do olhar. *Viver Psicologia*. Ano II, nº19, p.30-33, São Paulo: Pereira de Castro.

CAPRA, F. (1994) *O Ponto de mutação*. Trad. Álvaro Cabral. 16ª ed. São Paulo: Cultrix.

_____. (2001). *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton R. Eichenberg. 5ª ed. São Paulo: Cultrix.

CARDOSO, S. (1999). O olhar dos viajantes. In NOVAES, A. (org). *O Olhar*. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

CARVALHO, K.M.M. et al. (1992). *Visão Subnormal - orientação ao professor de ensino regular*. Campinas: Editora Unicamp.

CAVALCANTE, A.M.M. (1995). Educação Visual: atuação na pré-escola. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: MEC/IBCENTRO, 1, p. 11-30.

CHAUÍ, M. (1999). Janela da alma, espelho do mundo. In NOVAES, A. (org). *O Olhar*. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

CYRULNIK, B. (1997). *Do Sexto Sentido: o homem e o encantamento do mundo*. Lisboa: Instituto Piaget.

CONDE, A.J.M. (1997). Hoje a aula é de alegria. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: MEC/IBCENTRO, Ano 3, 6, p.14-17, março.

DAMÁSIO, A. R. (1998). *O erro de Descartes*. 3ª reimpressão. Trad. Dora V. G. Segurado. São Paulo: Companhia das Letras.

DAWSEY, J. C. (2001). Coisa de Macunaíma: cultura e dialética da Qualidade de Vida. In MOREIRA, W.W. (org) *Qualidade de Vida: Complexidade e Educação*. Campinas: Papirus.

DEMO, P. (2000). *Educação e Qualidade*. 5ª edição. Campinas: Papirus.

DEL NERO, H.S. (1997). *O Sítio da Mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitivo.

ECO, U. (1988) *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva.

FEITOSA, A. M. (1999). Ciência da Motricidade Humana. In SÉRGIO, M. et al. *O Sentido e a Ação*. Lisboa: Instituto Piaget.

FREIRE, J.B. (1991). *De Corpo e Alma: o discurso da motricidade*. São Paulo: Summus.

_____. (1992). Métodos de Confinamento e Engorda (Como fazer render mais porcos, galinhas, crianças,...) In MOREIRA, W.W.(org) *Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus.

_____. (1995). Antes de falar de Educação Motora. In DE MARCO, A. (org) *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus.

_____. (2001). A Educação dos Sentidos e a Qualidade de Vida: a Escola de Dona Clotilde. In MOREIRA, W.W. (org) *Qualidade de Vida: Complexidade e Educação*. Campinas: Papirus.

GARAUDY, R. (1980). *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HEIDEGGER, M. (1993). *Ser e tempo*. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 10ª ed. Petrópolis: Vozes.

_____. (1993a) *Ser e tempo*. Parte II. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.

JANELA DA ALMA. (2002). Direção de João Jardim. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes. 1 filme (60 min): son, cores; 16mm. (sinopse).

KELLER, H. (2001). *A história de minha vida*. 5ª edição. Trad. J. Espínola Veiga. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil.

KOLYNIK FILHO, C. (2001). Qualidade de Vida e Motricidade. In MOREIRA, W.W. (org) *Qualidade de Vida: Complexidade e Educação*. Campinas: Papirus.

LABAKI, A. (2000). O Ponto Zero da Fotografia. In BAVCAR, E. *O Ponto Zero da Fotografia*. Rio de Janeiro: Departamento de Artes da Funarte (Very Special Arts do Brasil).

LIMA JR., J. (2001). Qualidade de Vida e Beleza Estética. In MOREIRA, W.W. (org) *Qualidade de Vida: Complexidade e Educação*. Campinas: Papirus.

MANESCHY, P. P. (2001). *A Corporeidade e Cultura Amazônica: reflexões a partir do Pássaro Junino do Pará*. Campinas, 153f. Tese (Doutorado em Educação Motora) Faculdade de Educação Física, UNICAMP.

MASINI, E.F.S. (1994). *O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual*. Brasília: CORDE.

MATURANA, H. ; VARELA, F. (1995). *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Tradução Jonas Pereira dos Santos. Campinas /SP: Editorial Psy II.

_____. (1997). *De Máquinas e Seres Vivos: autopoiese: a organização do vivo*. Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas.

MERLEAU-PONTY, M. (1990). *O Primado da Percepção e suas conseqüências filosóficas*. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papirus.

_____. (1991). *Signos*. Tradução de Maria Ermantina G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1992). *O Visível e o Invisível*. 3ª ed. Tradução de Artur Gianotti e Armando Mora. São Paulo: Editora Perspectiva.

_____. (1994). *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1997). *O Olho e o Espírito*. 2ª ed. Tradução de Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Vega.

MORAIS, R.J.F. (1992). Consciência Corporal e Dimensionamento do Futuro. In MOREIRA, W.W.(org) *Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus.

MOREIRA, W.W. (1992) Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In MOREIRA, W.W.(org) *Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus.

_____. (1994). O Fenômeno da Corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. In DANTAS, E.H.M. (org) *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape Ed.

_____. (1995). Corpo Presente num olhar panorâmico. In MOREIRA, W.W. (org) *Corpo Pressente*. Campinas: Papirus.

_____. (1995). Perspectivas da Educação Motora na escola. In DE MARCO, A. (org) *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus.

_____. (2001). Qualidade de Vida: como enfrentar esse desafio? In MOREIRA, W.W. (org) *Qualidade de Vida: Complexidade e Educação*. Campinas: Papirus.

MORIN, E. (1991). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Trad. Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget.

_____. (1991a) *Método IV - As Idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Trad. Emílio Campos Lima. Portugal: Publicações Europa-América.

_____. (1998). *Sociologia: a sociologia do microsocial ao macrossocial*. Trad. Maria Gabriela de Bragança e Maria da Conceição Coelho. Portugal: Publicações Europa-América.

_____. (2000). *Ciência com Consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice S. Dória. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2001). *A Cabeça Bem Feita*. Trad. Eloá Jacobina. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2001a) *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. 4ª ed. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.

MORIN, E. & MOIGNE, J.L. LE. (2000). *A Inteligência da Complexidade*. Trad. Nurimar M. Falci. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis.

NÓBREGA, T.P. da. (1999). *Merleau-Ponty, Corporeidade e Educação Motora*. Piracicaba. 75 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.

OLIVEIRA, J. V. G. de. (1998). Arte e Visibilidade: a questão da cegueira. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: MEC/IBCENTRO, Ano 4, 10, p.7-10, setembro.

_____. (1999). Sobre a Experiência Estética de Pessoas Portadoras de Deficiência: uma abordagem semi-aristotélica. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: MEC/IBCENTRO, Ano 5, 11, p.3-8, março.

_____. (1999a) Do Essencial Invisível. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: MEC/IBCENTRO, Ano 5, 14, p.17-21, dezembro.

ORO, U. (1995). A formação (do) profissional em Educação Motora: traços epistemológicos. In DE MARCO, A. (org) *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus.

PIRES, E. F. (2000). *Corporeidade e sensibilidade: o jogo da beleza na Educação Física escolar*. Natal (RN): EDUFRRN.

PORTO, E.T.R. (1995). Mensagens corporais na pré-escola: um discurso não compreendido. In MOREIRA, W.W. (org) *Corpo Presente*. Campinas: Papirus.

REZENDE, A. M. de. (1990). *Concepção Fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez, Autores Associados.

- RICOEUR, P. (1968). *História e verdade*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense.
- ROSÁRIO, T. (1999). A Motricidade Humana e a Educação. In SÉRGIO, M. et al. *O Sentido e a Ação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SACKS, O. (1995). *Um antropólogo em Marte: 7 histórias paradoxais*. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1998). *Vendo Vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução de Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARTRE, J. P. (1997). *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SARAMAGO, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- SÉRGIO, M. (1992). Motricidade Humana: um paradigma emergente. In MOREIRA, W.W. (org) *Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus.
- _____. (1995). Educação Motora: o ramo pedagógico da ciência da Motricidade Humana. In DE MARCO, A. (org) *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus.
- _____. (1999). A racionalidade epistêmica na Educação Física do século XX. In SÉRGIO, M. et al. *O Sentido e a Ação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____. (1999). O fim das certezas e os limites da razão. In SÉRGIO, M. et al. *O Sentido e a Ação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SILVA, A. M. (2001). *Corpo, Ciência e Mercado*. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: Editora da UFSC.
- VEIGA, J.E. (1983). *O que é ser cego*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. (2000). *Sistema de Bibliotecas: referências*. Curitiba: Ed. Da UFPR. Vol: 2,6,7,8.

ANEXO 1

Entrevista realizada com Fabiana Bonilha, na sua residência em Campinas, no dia 28/09/02, a mesma foi gravada e transcrita, sob permissão da entrevistada.

1) Desde quando você é deficiente visual?

Minha cegueira é congênita, nasci prematura de 6 meses e meio, nesse caso a criança tem que ficar em uma incubadora até completar o tempo da gestação, e lá muitas coisas podem acontecer. Os médicos precisam colocar uma dose de oxigênio para a criança sobreviver e essa dose de oxigênio, se não for bem controlada acarreta algumas lesões. O meu caso é retinopatia do prematuro, isso faz então perder a visão. Devido a isso eu praticamente nunca enxerguei.

2) O que significa corpo para você, e como você vê essa relação do seu corpo com o mundo?

Corpo é um meio através do qual eu posso relacionar com o mundo, relacionar com o ambiente. É um meio que possibilita, que capta as coisas do ambiente, as coisas ao nosso redor para conseguirmos fazer uma interpretação desse ambiente

Agora estou sentada aqui com as mãos na mesa, sentada em uma determinada posição, então esta posição que estou está me dando uma determinada direção, uma percepção do ambiente, de forma que se eu tivesse deitada no chão ali do lado minha percepção seria diferente. A condição do corpo em relação ao ambiente determina a percepção do mesmo e, além disso, têm as informações que chegam no corpo através dos nossos sentidos, tanto tátil, como olfativo, ou auditivo, e aí nossa percepção passa pelo filtro dos nossos interesses e das nossas motivações.

Uma outra pessoa que está no mesmo ambiente que eu não percebe este ambiente da mesma maneira, por ter necessidades diferentes. Assim elas percebem o ambiente de maneiras diferentes. Está passando um filme: Janela da Alma, em que a idéia é sobre a questão da nossa percepção ser extremamente relativa. Enfatiza a relação que o corpo tem com ambiente, é uma coisa relativa e não absoluta, daí o fato de ser cego não muda a nossa relação com o ambiente, apenas a nossa percepção. Mas todo mundo tem uma percepção diferente do ambiente, então não dá pra considerar que todas as pessoas têm percepções iguais e a nossa percepção por ser cego é significativamente diferente das outras pessoas, é apenas uma a mais, uma forma a mais de perceber o mundo. Além disso pessoas cegas, pessoas diferentes que sejam cegas vão perceber o mundo de forma diferente não é porque ser cega determina perceber o mundo da mesma maneira, aí existe o risco de se ocorrerem algumas generalizações a respeito do cego, como: cego é assim, cego é assado, ser cego percebe de tal jeito, etc.

Têm milhões de cegos, têm milhões de culturas diferentes, realidades diferentes, não tem como generalizar. Cada um, cada pessoa, independente de ser cega, independente de qualquer necessidade, percebe o mundo de maneira diferente.

3) O que você entende por corporeidade?

Corporeidade, pra mim, é uma relação que o nosso corpo estabelece com diferentes ambientes onde ele pode estar, como também, é como esse corpo pode expressar nossos estados emocionais, nossos afetos, a nossa forma de pensar, de perceber o mundo. Têm pessoas mais observadoras, que conseguem olhar para outra pessoa e perceber a partir da postura corporal, das expressões faciais, um pouco do estado emocional dela, um pouco da percepção, não existe isso? Assim o corpo fala. O corpo fala sobre essa percepção. Corporeidade é tanto a relação que o corpo estabelece com o mundo, quanto o corpo poder expressar aquilo sobre ele mesmo, quer dizer, o corpo não é uma coisa estática, ele interage com aquele ambiente que a pessoa está situada.

4) Quando você vai ao cinema, por exemplo, Janela da Alma é um filme nacional, mas tem algumas falas em inglês, como é que você faz? Como é que você cria essa possibilidade de se relacionar com o filme?

Bom seria se eu soubesse inglês fluentemente. Eu fui ao cinema com uma amiga e ela foi lendo. Na medida em que as pessoas foram falando, ela foi lendo a legenda pra mim, e a medida que aparecia uma imagem sem legenda, então ela foi descrevendo pra mim, a partir da percepção dela e isso é curioso. Sempre quando eu assisto novela, filme com alguém, eu tenho consciência de que aquilo que a pessoa está me descrevendo é a descrição da pessoa sobre aquela imagem, talvez se eu tivesse vendo, eu não estaria vendo exatamente como ela está descrevendo, ou talvez se outra pessoa estivesse descrevendo pra mim, seria diferente do que a pessoa está descrevendo. Então sempre quando eu conto com a outra pessoa para descrever alguma imagem, alguma coisa, eu sei que aquilo é a percepção da pessoa. Geralmente é assim, uma pessoa descreve pra mim ou lê, no caso os que existem legendas

5) Como você se sente no mundo? Pois vivemos num mundo todo projetado, todo criado e todo elaborado por pessoas que enxergam, para pessoas que enxergam e por pessoas que enxergam. Como que você sente isso, o que você pensa a respeito?

Sem dúvida a gente vive em um mundo extremamente visual, em que a imagem tem um valor muito grande, haja visto, por exemplo, as propagandas, o que elas mais usam é a imagem, é a coisa que a pessoa bate o olho e vê, é a coisa imediata. O fato do mundo ser superficial, faz com que ele seja muito imediatista, porque a pessoa bate o olho e vê. Então ela não tem tempo para aprofundar nas coisas. É como se estivéssemos sendo bombardeados o tempo todo, por imagens. Eu acho muito curioso e interessante viver em um mundo como esse, é interessante confrontar idéias e opiniões, de pessoas que vivem nesse mundo e que muitas vezes não conseguem entender como é viver sem essa relação de ser cego com o mundo. Outro dia eu tive contato com uma menina que o namorado dela, é historiador e estava pesquisando, sobre o mundo visual. Ele queria saber, ao longo da história nas diferentes épocas, quais eram os sentidos predominantes. Por exemplo, se hoje é a visão, na idade média era visão também? No renascimento como era? Será que sempre foi assim, será que a visão foi muito preponderante como é hoje? Eu acho que sim. Ser cega por um lado, a gente pode dizer que atrapalha um pouco porque o mundo é muito visual, porque a gente não pode ter acesso a essas imagens, então a gente acaba não tendo acesso a várias coisas, como às próprias propagandas, às coisas escritas, enfim, a todas as imagens que são tão valorizadas. A questão da estética, parece que a gente acaba sendo desprovido de tudo isso, mas por outro lado a gente acaba ganhando, porque a gente consegue ter uma

concepção diferente do mundo. Nós cegos não estamos sendo poluído por essas imagens. Indiretamente a gente está porque a gente ouve falar, e assimila essa cultura, mas pelo menos a criação direta das imagens pela visão a gente não tem. Então para as pessoas é uma coisa muito curiosa, é muito curioso trocar idéias com elas porque é comum por exemplo, pessoas que ao me conhecerem, conviverem um tempo comigo elas acabam passando algumas horas de olhos fechados, para ver como é isso. Mas na verdade ficar de olho fechado não é a mesma coisa, porque ser cego é uma vida, é toda uma experiência sem a percepção visual e mas contando com outros sentidos. Quando a pessoa fecha o olho ela acaba perdendo a visão, perigoso ela cair... É curioso, as pessoas recorrem a isso pra entender o que é ser cego e na verdade ser cego é uma forma de ver a vida, é uma fonte, é extremamente interessante e daí surge as diferentes curiosidades que elas tem em relação a gente. A mais frequente é como que eu sonho. Vocês sonham com imagens, que são os representantes que vocês tem. Eu não deixo de sonhar, mas sonho com as imagens que eu crio a partir da percepção de mundo que eu tenho Para as pessoas que enxergam isso é muito difícil de entender, por causa do mundo ser tão visual.

Acho que viver no mundo visual, trás alguns impedimentos interessantes. Essa troca de experiências que podemos ter com as pessoas tanto delas perguntarem coisas pra mim, como eu também perguntar à elas, como por exemplo: a cor, como você vê essa cor, o que significa cor pra você. Eu sempre faço uma pesquisa, porque cor é diferenciada. Mas como é que é cor, por que uma cor combina com a outra, já perguntei pra várias pessoas, e observei que cada um percebe de maneira diferente. As respostas que eu tenho sobre isso são variadas: a cor é como se fosse temperatura um pouco mais quente outra mais fria; cor representa estados emocionais, uma cor mais agressiva; não tenho a menor idéia do que seja cor, eu não sei definir isso.

6) Mas qual é a sua sensação em relação a cor? Como você imagina a cor?

Eu relaciono com alguma coisa, eu faço comparação, associação com alguma coisa, eu não tenho a sensação correta ou a mesma que vocês que enxergam tem, do que significa ver cores diferentes. Faço a seguinte analogia: se uma pessoa fosse viver com cinco sentidos em um lugar onde as pessoas tivessem seis sentidos, então poderiam ter alguma forma de perceber o ambiente, que aquele sexto sentido iria captar. Então não teria essa noção, não teria essa percepção, poderia até comparar para ela. Isso é semelhante à cor que você vê, enfim, a percepção exata daquilo não tem, é engraçado como essa questão dos sentidos é muito relativo, porque vamos supor, que alguém por exemplo vivesse em um mundo em que as pessoas tivessem sete, oito sentidos ela ia ser deficiente, todo mundo lá, tem sete, oito sentidos. Agora nesse mundo a maioria tem visão, se as pessoas tivessem quatro sentidos, a gente não ia ser deficiente, não é todo mundo que tem quatro sentidos, a gente só é deficiente porque a maioria das pessoas tem cinco, se não tivesse quatro, não seria. Na verdade não é uma coisa que faz falta, faz falta em relação aos sentidos que as pessoas não tem.

7) Falando um pouco sobre a arte, como é sua relação com a pintura, com as artes plásticas? Você mantém esse contato?

Quando eu era pequena, vivia fazendo trabalhos com tinta, pintava o desenho, enfim, a professora de primário, escolinha infantil, basicamente, como as outras crianças faziam, eu

fazia também, então mexia com tinta, gostava de tinta guache, com giz de cera. A minha percepção era o guache, sei lá onde eu percebia alguma coisa diferente. Por exemplo, um desenho tridimensional, ele tem basicamente o mesmo significado para nós exceto pelo fato que a gente não tem uma noção global dele, então por exemplo, uma pessoa desenhava no papel bidimensionalmente, só com dois planos, a gente é capaz do contato. Mas é capaz de bater o olho e ver, ter uma noção panorâmica. Agora um desenho tridimensional feito no papel, você vê o terceiro plano, a tridimensionalidade como uma ilusão de ótica, é a questão da profundidade que a gente não tem. No caso da geometria, por exemplo, a professora fazia as faces concretas, porque aquilo representado no papel não significava nada pra mim. Então eu sempre tive contato com a questão das formas, por exemplo, das esculturas, imagens, formas com essa questão dos desenhos também. Mas o nosso conhecimento se resume, com a forma, com a textura, com o material que é feito a escultura. A gente consegue ver beleza nisso, a partir da nossa percepção. Tem um projeto de artes plásticas na Unicamp, que é desenvolver trabalho de esculturas feito para as pessoas deficientes visuais, aí se explora a questão da forma, da textura dos materiais. Eu tive aula de história da arte no meu curso e eu não sei porque a história da arte se restringe à história das artes plásticas, na verdade pra mim era horrível, porque o professor mostrava as transparências e ia descrevendo-a, da pintura que tinha uma luz e uma sombra no fundo e não sei o que tinha, e aquilo não tinha o menor significado. Não é porque as artes plásticas não tem significado pra mim, é porque daquela forma que era colocado não tinha significado, se ele explorasse a questão da forma, da textura, dos materiais, do tamanho seria interessante.

8) Você já foi visitar exposições de artes plásticas, é uma coisa que chama ou não a sua atenção?

Não é que não chama atenção, nunca surgiu uma oportunidade específica de ver essas coisas, mas acho interessante, gosto de ver, tocar as obras e pecebê-las de forma que eu consiga vê-las. Não fui porque não surgiu oportunidade.

9) O que é arte para você? Como você se relaciona com a arte, o que a arte trás para você como ser humano?

Eu acho que a arte é uma das formas mais universais, mais próprias, mais adequadas, no qual o ser humano pode se expressar, ele pode expressar tanto aquelas coisas que são explícitas para ele, que são conscientes, como aquelas coisas que são inconscientes, é então uma forma muito adequada de expressão de sentimento para as pessoas darem vazão para aquilo que elas não conseguem dar de outras formas, não teria como a pessoa viver sem arte, é interessante como a arte de um povo, de um país, de uma cultura, revela muito sobre o modo de vida, sobre os costumes daquele povo, daquela cultura, porque é uma forma muito clara de expressão do modo de vida das pessoas, dos sentimentos das pessoas. É uma coisa útil e muito predominante na vida das pessoas. É interessante, outro dia tinha um professor meu que disse que aqui no Brasil eles não recebem investimentos para a cultura, mas se os governantes descobrissem o poder que a arte e a cultura tem, eles iam passar a investir nisso. Quanto a arte pode criar as pessoas, determinar até o que elas pensam. Acho que a arte é muito, muito importante. Minha relação com a arte se firma com a música e a dança também (quando eu fiz um trabalho com a Mari de dança). E também faço na

disciplina eletiva de expressão corporal no departamento de artes cênicas da Unicamp, e estou fazendo para ampliar um pouco a minha relação com a arte. Estou tendo uma oportunidade muito curiosa que é produzir a parte musical de uma peça de teatro. Uma amiga minha, ela é professora de teatro no colégio que eu estudei, aluna de artes cênicas da Unicamp e ela ia fazer uma peça que só tinha o texto e mais nada, não tinha nenhuma referência musical. Ela pediu se eu pudesse compor algo, se eu pudesse transformar o texto em música e ensaiar os alunos, e eu me interessei. É muito interessante, eu ensaio a parte musical, e vejo ela ensaiar as cenas. Aí acabo discutindo com ela depois, pra saber quais são as diferenças que ela dá para esses alunos, porque ela fala para eles olharem bravo para tal personagem, dá alguma indicação corporal e não verbal. Depois questiono como é esse negócio de olhar bravo, o que você quer dizer com isso, como é que faz. É engraçado que eu faço ela pensar muito, e ela acaba pensando mesmo. É um trabalho muito interessante que é uma outra relação que eu estou tendo.

10) E a música, qual o significado dela pra você?

A música é minha relação principal com a arte, eu sempre estudei música, desde os 7 anos, e flauta também, no conservatório. Depois entrei na faculdade de música da Unicamp e agora vou prestar o mestrado. Vou continuar tendo essa aproximação, é uma relação muito impossível de não existir. Não dá mais para conviver sem a música. Uma forma que eu desenvolvi que não tem como retirar de mim. Acho que de alguma forma a música não só para os deficientes visuais, mas para todo mundo contribui muito para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da disciplina e de aperfeiçoamento da audição. A música é a arte mais abstrata e mais universal que existe, todos em todas as culturas tem músicas, independente da forma que eles fazem a música eles propõem uma linguagem universal é muito interessante.

Ela desenvolve muitas coisas nas pessoas, a criança que aprende música, que estuda música, tem a oportunidade de desenvolver muitas coisas paralelas com a atividade musical. Por exemplo, a criança que faz parte de coral, ela indiretamente está cultivando muito sobre trabalho em equipe, disciplina, raciocínio lógico, sobre afinação. Ela tem que ver que horas que o outro entra, como é que ela entra naquela voz diferente do outro, então a música contribui com o desenvolvimento global da pessoa, não só musical. A área de educação musical é muito interessante.

11) Como é que se dá sua relação com o espaço? O espaço como um todo, o espaço cotidiano, o espaço em outros ambientes, em um ambiente desconhecido. Como se dá isso?

Eu falo que passa muito nos nossos estados emocionais, e a gente acaba fazendo com que aquele espaço deixe marcas na nossa vida. Por exemplo, se a gente volta na escola que a estudou na infância, aquele espaço fala um pouco da nossa vida, quer dizer, a gente deixa um pouco da nossa história naquele espaço. E as vezes acontece que os deficientes visuais que a nossa percepção de espaço acaba sendo mais aprimorada com outros sentidos, e não visual. Acabamos percebendo cheiro, tátil, é muito subjetivo. No trajeto que a gente faz as informações são muito subjetivas e fazemos sem saber. Outro dia eu estava indo para a biblioteca central e num determinado ponto cheguei e virei, subi a escada. Aí um moço falou: “Posso perguntar uma coisa para você? Então, você estava aqui, aí você chegou na frente da biblioteca, subiu. Como é que você sabia que estava na biblioteca?”. Ah, tem uma

mudança de piso, que é diferente. “Como é que você sabe?” Eu sei que eu estou na frente. Têm reações que a gente estabelece que são subjetivas e sabe descrever, mas que ninguém ensinou, eu sei que estou em frente à biblioteca, porque o ambiente fica mais aberto, tem alguma coisa que escuta lá de cima, barulho, tem um monte de coisas que não dá para descrever, e eu nunca fui parar em outro prédio. A gente passa por coisas objetivas, difíceis de descrever. A gente está em um lugar, que tem uma sala, com uma mesa, e tem uma marca de lá, um relógio na parede, enfim, tenta descrever o ambiente dessas coisas, que você percebe bem e também tenta captar as coisas. Existe a vontade perceptual, e esta tem consciência, segundo Roger da psicologia, é o canto perceptual, é o que a pessoa aprende daquele espaço, meu canto perceptual é completamente diferente do canto perceptual da mesma pessoa que está ali naquele espaço, porque a gente está em posição diferente. Percebemos o espaço de maneira diferente, porque a gente tem necessidades diferentes, enfim, essa relação que temos do espaço passa pelo nosso campo perceptual daquele momento, e passa pelo afetivo também, E assim, é coisa que a gente aprende no dia a dia, na experiência é assim quando você aprende um determinado trajeto, você acaba usando referências muito concretas. Você tem que virar e que chegar àquele degrau que você está seguindo a parede, aí quando a parede acaba você vira, depois de um certo tempo você não usa mais essas referências, quando chega você vira. Não sei porque, mas você sabe que chegou. Eu não consigo entrar no seu mundo, do mesmo jeito que você não consegue entrar no meu mundo.

Quando estou num ambiente externo, como numa cantina, a referência que eu tenho de sair da cantina é o vento, fora o barulho do carro, vento acaba sendo uma referência muito importante na nossa localização, e isso é técnica, sentimos nos lugares. A primeira referência que eu tenho, por exemplo, é se tem uma parede na minha frente, eu tenho noção de que estou andando, se tem um obstáculo da minha altura na minha frente, por exemplo, seja uma parede, uma porta, há uma distância relativa daquilo, sei que tem aquilo. Eu não sei exatamente o que é, mas sei o que o obstáculo está provocando em mim, é uma referência muito importante. A temperatura do ambiente aberto ou não, o cheiro do ambiente, mudança de piso, tudo que agente pode captar do ambiente, desde as coisas mais lógicas, mais objetivas a gente acaba utilizando para fazer esse trabalho e fora o mapeamento que a gente tem que ter. Uma representação mental muito clara do trajeto que a gente for fazer, por exemplo, eu não sei exatamente se as pessoas que enxergam tem isso, eu sei dizer para você exatamente do trajeto que eu faço do IA até a biblioteca central, eu sei que tenho que atravessar a rua, virar a esquerda e depois eu viro a direita, enfim eu sei exatamente fazer esse trajeto na minha cabeça e como a gente não tem uma noção global do espaço, do ambiente, se a gente não fizer isso, a gente se perde, então, você trabalha com a habilidade é feito com um mapa, é feito mapas daquele ambiente para a gente aprender, para termos uma noção daquele trajeto.

12) O que você pensa da educação, não especificamente a respeito da educação para os deficientes visuais, mas a educação para o ser humano, independente da condição dele?

Acho que a educação é um coisa básica, que determina o modo de pensar, o relacionamento da pessoa frente a sociedade, frente a vida, determina a capacidade que ela tem de perceber as coisas de maneira crítica, é uma coisa bastante abrangente, e não é só a escola, acontece na família, na nossa convivência com as pessoas, pois aprendemos todo dia. Educação é uma coisa que está presente que não termina quando a gente sai da escola, sempre a gente

está sendo educado nas nossas experiências, nas nossas vivências pelo contato que temos com as outras pessoas, pelo que elas podem ensinar pra gente. Mas a educação formal, é uma coisa muito complicada, minha mãe comenta que o que ela estudava no primário na época dela, é o que os alunos hoje estudam no ginásio, e o que estudava no ginásio, é o que os alunos estudam no colegial. Cada vez mais está se exigindo um nível de especialização mais alto, é porque os níveis inferiores estão cada vez mais enfraquecidos, então você tem que se formar e se especializar cada vez mais pra suprir essa carência dos níveis inferiores. Antigamente as exigências, mestrado, doutorado, não eram tão grande, hoje em dia a pessoa tem que ter mestrado e doutorado. De maneira geral, existe uma coisa mais carente de qualidade que acarreta isso.

Para o deficiente acho que não existe uma educação a parte, tem que ter uma possibilidade de uma boa educação, é engraçado esse conceito de portador de deficiências, de necessidades especiais, está pressupondo que existem outras que são portadoras de atividades comuns, o que significa existir uma necessidade comum e uma necessidade especial. Tem que ter uma educação, na medida do possível, que venha abranger apenas a dificuldade. Essa coisa da inclusão, que as pessoas estão estudando hoje em dia na verdade eu entrei na escola em 86, já existiu a inclusão antes desse negócio de lei LDB. Outro dia um professor me falou que na época dele estudou com um deficiente visual. Eu tenho um grupo de adolescentes de 7ª série em um trabalho voluntário que fui convidada para fazer, acho ser esta uma forma deles valorizarem a formação que eu tive lá, quando eu estudei lá. A minha relação com os professores foi muito interessante, assim os professores de certa forma tiveram que mudar a metodologia que eles usavam na sala de aula e muitos já familiarizados em função de eu estar lá eles tiveram que mudar. As vezes uma mudança que o professor faz na metodologia, é uma mudança necessária para todos. Se aparece um aluno que exige diretamente essa mudança, ele acaba usando uma metodologia a vida toda e não necessariamente está adaptada aos alunos. Essa é a minha experiência com a educação, é o contato com as universidades na Puc e com a Unicamp e de formas diferentes de pensar na faculdade.

13) Tem alguma coisa que você queira falar, queira expor fique a vontade:

Acho que esse tipo de trabalho tem uma função muito importante. Tem uma revolta social e científica muito grande, acho que tanto na universidade, os alunos do mestrado, a questão da ortografia em braile a representação de música pelo braile. E as pessoas que sabem lidar com essa questão, tem que se dedicar, os professores de diferentes áreas tem que ter total apoio, tem que ter subsídios para lidar com esses alunos de maneira geral e especificamente com os alunos deficientes, porque acho que a prioridade científica tem um papel, uma responsabilidade de produzir avanços de conhecimento dessa área. É muito importante o estudo dessas pessoas em diferentes aspectos, como esse por exemplo: da corporeidade. Esses trabalhos são muito valiosos, vão produzir materiais, vão fazer pesquisa em cima disso, então eu acho muito importante esse tipo de coisa. As responsabilidades dão margens a outros trabalhos, a outras investigações.

ANEXO 2

Entrevista com Neno (Benedito Leal Filho), no seu trabalho, em Paulínia, no dia 28/09/2002, em que a mesma foi gravada e transcrita sob a permissão do entrevistado.

1) Eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua cegueira, quando aconteceu e porque?

Resp: Meus pais tem um parentesco, são primos, então não é uma coisa constatada mais existe uma carga genética. Eu nasci com alta miopia, e aos 8, 9 anos, eu tive descolamento de retina em uma acidente de carro, desde então eu perdi a vista esquerda e do lado direito fiquei com a visão sub-normal. Aos 17 anos foi que eu perdi totalmente a visão, agravou o descolamento de retina bilateral, uma hemorragia e o traumatismo. Em função também da alto miopia que já força um pouco o olho e uma série de complicações decorrentes disso. Mais ou menos aos 25,28 anos eu tive um problema igual de forma secundária que aparece na fase adulta mas aí eu já não enxergava.

2) Em função desse processo que pra você foi um processo lento, como você compreendeu sua acuidade visual, e como você se sentiu e se sente nesse processo, nesse mundo?

Resp: É bem interessante isso que você coloca. Minha trajetória de vida com relação a cegueira, foi um pouco difícil, sim. Aos 17 anos quando eu perdi a visão, falei: Bom, agora o que aconteceu, eu sobrevivi, mesmo perdendo a visão. Mas para mim foi meio complicado passar a adolescência com esse fantasma de perder a visão, e como sujeito, como indivíduo nesse período foi bastante complicado sim. Depois que perdi a visão, levei uns 2 anos no processo de tentar me perceber como pessoa, eu tinha muita insegurança de estar com as outras pessoas, acho que me fechei muito nesse período. E é um período de auto afirmação, descobrimento da minha masculinidade. Você quer sair com as meninas, você tem vaidade, a questão da imagem. Acho que tive uma auto imagem meio ruim nesse período. Por exemplo, eu tinha o costume de segurar nas pessoas para falar, porque eu achava que as pessoas iam sair de perto, até que minha família disse: você não precisa segurar nas pessoas para falar, elas ouvem você. Passei um período que não queria mais tocar nas pessoas, porque eu achava que elas se incomodavam. Por exemplo, a minha mão suava muito, eu ficava muito com a mão fria. Minha relação com o meu corpo, foi como se eu tivesse que dominar, ou assim, aprender a lidar com um novo corpo. Não tenho essa referência antes de 8 anos muito presente, mas pelas minhas lembranças eu era uma criança bastante alegre, brincava bastante, tinha uma personalidade bastante alegre. Depois de 20 e poucos anos precisei resgatar isso. Quer dizer, precisava conhecer mais de mim mesmo, aí fui buscar um processo psicanalítico, que me ajudou muito com essa relação. Depois disso eu fui fazer um curso de massagista, eu precisava estabelecer mais essa relação do meu corpo em relação ao das outras pessoas, que passou a ser um tabu pra mim tocar nas pessoas e é claro que a sexualidade e a afetividade de uma certa forma também foram afetadas. Mas fui trabalhando tudo isso, embora naquele momento dentro da trajetória da minha adolescência foi muito marcante.

Essa lembrança que tenho, essa relação que tenho com a deficiência. A perda da visão em qualquer momento, em qualquer idade é difícil porque você tem quase que um corpo novo pra lidar, conhecer, travar com ele a sua vida, o seu cotidiano.

3) Qual é o significado de corpo para você, passado todo esse processo?

Resp: Corpo pra mim, hoje, significa prazer e equilíbrio com o que penso, com uma relação que posso chamar de corpo/espírito, ou corpo/mente. É uma manifestação do prazer ou do descontentamento, corpo pra mim é um aliado por ele se manifestar. Por exemplo: uma palavra de corpo pra mim é autenticidade. Se eu estou num lugar que me desagradava muito, meu corpo fala por mim, pois aquilo me causa uma ansiedade ou um desprazer, Como se estivesse querendo me controlar. Ao voltar pra casa volto a ficar comigo mesmo e meditar um pouco e vejo que o corpo tinha razão. Passei a sentir, ouvir, perceber muito mais o meu corpo, estou num momento muito feliz da minha vida porque estou me harmonizando com o meu corpo. Eu respeito-o muito, presto mais atenção nele, na linguagem dele. Para mim é uma relação de prazer, passei muitos anos de minha vida, sem poder fazer exercício, por tabu, na escola também, não existia quase educação física para deficiente, então sempre o que eu ouvia dos professores era: você está dispensado, pode ficar tranquilo. Era o que eu tinha mais raiva de ouvir, eu não queria ser dispensado. Depois de um certo tempo, com 30 anos percebi como é bom fazer atividade, movimentar-me, não necessariamente esporte. Descobri minha personalidade de tendência mais alegre, de brincar que ficou escondida no tempo, pude resgatá-la e por isso eu não separo corpo/mente. Consegui perceber que sou insistente, teimoso, para as atividades físicas. Uma característica minha, é que sou muito persistente, muito teimoso com as coisas, não aceito chegar em um lugar e as pessoas falarem: não, você não pode fazer isso! Claro que dentro de um bom senso. Para você ter uma idéia eu adoro tocar violão é uma coisa que me dá muito prazer. Cheguei em 2 ou 3 professores que falaram não poder me dar aulas porque eu não enxergava. Eu falei: vou aprender violão, pois outras pessoas cegas tocam. Hoje, toco violão, não sou profissional, mas toco e tenho muito prazer nisso. Acho que hoje estou mais em harmonia comigo mesmo, estou em auto intensidade numa relação com o meu corpo e presto mais atenção nele.

4) Essa auto intensidade que você fala, a relação que você tem com o corpo, como é que isso se dá quando você se relaciona com as pessoas, de um modo geral.

Resp: Acho que você me lembrou de uma coisa, depois que fiquei cego algumas pessoas me chamavam para falar da minha experiência em público, dando palestras. A minha preocupação no início era sempre falar, tentar passar uma imagem boa, que apesar de deficiente, eu era uma pessoa absolutamente normal, era uma preocupação que me incomodava ser diferente. Depois de alguns anos comecei a ficar mais a vontade pra falar. Apesar que pra eu falar em público é sempre um pouco difícil, sou um pouco tímido. Comecei a falar de uma forma mais verdadeira pra mim mesmo, a deficiência trás algumas limitações, a deficiência visual claro que trás limitações na relação com o mundo. Eu fiz um estudo sobre o significado de olhar, é claro que você tem um empobrecimento na relação interpessoal, porque o olhar te aproxima das pessoas ou te afasta. Quer queira ou não ele mantém uma relação com o mundo, não enxergar muda alguma coisa na sua relação interpessoal de maneira geral. Existe até um empobrecimento, e as pessoas estabelecem a percepção disso, e a partir daí criam outras formas nas situações, pois a gente tem uma

capacidade muito grande de adaptação. Sinto falta da minha vida anterior, por ver as pessoas, e quando era pequeno eu gostava muito de ver quadros, me lembro de ficar na varanda de minha casa deitado, lembro da tarde, eu gostava de ver o sol se por, mesmo amanhecer, enfim, acho que eu era um admirador da beleza visual das pessoas e das coisas do mundo. Sinto falta disso, e minha relação com as outras pessoas se modificou um pouco, mas eu tento me adaptar, tento ser criativo também para me aproximar das pessoas e tocar as pessoas de uma forma mais presente. O curso de massagem eu fiz pra me aproximar, poder tocar as pessoas, para ter afinidade com um amigo, com a namorada, de uma forma mais íntima e natural. Quando você toca na mão de uma pessoa é diferente de uma pessoa para a outra, se você dá um abraço em uma pessoa. Valorizo muito essas coisas, como eu falei, é a linguagem do corpo. Acho que existe modificações, existe um empobrecimento na relação interpessoal, na percepção do corpo das outras pessoas, mas eu acho que o tempo substitui cria situações e relações de cotidiano que eu possa estar me aproximando das pessoas.

5) Como a pessoa cega estabelece contato com a arte? Você se relaciona com a arte de um modo geral? Qual o significado da arte pra você?

Resp: Acho que a arte na vida da gente é muito de influência família. Arte pra mim é uma coisa fundamental da vida. O canto do pássaro o enamoramento dos casais, todo aquele ritual tem muita arte. Eu gostava muito de pintura, de quadros, isso desde pequeno, desde os 4, 5 anos, acho que com a perda de visão concentrei muito o meu gosto na música e na literatura. Já fui em algumas exposições de esculturas especialmente para cegos poderem tocar. Tenho curiosidade de ir à Espanha, parece que em Madrid tem um museu que tem uma série de obras, esculturas para cegos e videntes. Para ser sincero tocar em uma escultura não me dá prazer é só uma sensação de curiosidade, de perceber como são as coisas. Tem um museu de história natural em Campinas, no zoológico que acho muito interessante os bichos que eles colocam em exposição, acho interessante como trabalho, mas não me dá prazer. O prazer que tenho é com a música e com a literatura. Para mim é muito rico, porque gosto muito de ouvir, por exemplo, vou muito a teatro, e quando posso em show. Sou um pouco crítico em música, toco razoavelmente, não gosto de pagode, sertaneja, literatura também adoro. Eu estava falando da trajetória da minha cegueira, da minha deficiência, sempre me lembro de um poeta Manoel Bandeira, que quando ele descobriu aos 17, 18 anos que tinha tuberculose, que naquela época não tinha cura, ele viveu até os 81 anos preocupado que poderia morrer a qualquer momento, a vida dele foi também dentro de um aquário se cuidando. No período que fiquei com a visão sub normal e tinha medo de acordar de manhã sem enxergar, me comparo um pouco a essa história. A cegueira é a morte de alguma coisa, é uma coisa que me estimula a viver a ter prazer nas coisas, antes de ser uma coisa mórbida uma coisa que me estimula. A arte é uma das coisas que mais devia ser estimulada nas escolas, para existir pessoas mais felizes, mais equilibradas, acho que a arte, é como o amor, acho que ela pode ser boa e também nos livrar de muita loucura.

6) Como se dá sua relação com as cores, como você percebe as cores? Como isso acontece?

Resp: Podemos estabelecer uma divisão entre as pessoas que são cegas congênitas e as adquiridas. Como enxerguei até os 17 anos, então tenho uma lembrança das cores, gosto as vezes de ficar imaginando, ao sair de casa gosto de separar as minhas roupas por cor, é claro que agora tem muita cor moderna e faz 25 anos que eu não enxergo, e existe uma evolução na mistura das cores. As cores essenciais que eu conheci gosto muito de pensar nelas e é legal quando um pessoa chega para mim e fala: olha, tal lugar de tal cor que tem um quadro. É difícil pra mim ficar compondo as cores por exemplo, o arco-íris eu tenho uma lembrança muito vaga mas eu adorava ver o arco-íris. Quando uma pessoa fala: tem um quadro, aqui tem um gramado tal árvore, passa um riacho, tem uma casa e janela da casa, quando chega assim na sexta ou na sétima informação já me confundo um pouco, tenho dificuldade de compor várias cores. As vezes sonho, e lembro que as vezes enxergo mas as vezes fico pensando quando eu acordo, será que eu enxergo no sonho ou foi a minha racionalidade? Depois de acordar surge a tonalidade dos meus sonhos. Prefiro sentir as pessoas pelo que me agrada, pela temperatura, maciez ou não das coisas de que tentar associar as cores, as vezes eu penso quando quero meditar alguma coisa, pensar, em algum lugar em alguma parede mas sempre com uma cor. Não consigo compor uma cena com muitos objetos, muitas cores, porque se não eu me perco um pouco.

7) Gostaria que você falasse um pouco do que é espaço pra você, o que significa isso? Como você estabelece essa relação com o espaço?

Resp: A gente pode também estabelecer duas características: o espaço que você percorre no seu cotidiano; e o segundo o espaço familiar, da casa, do trabalho. Sou um pouco sistemático, gosto das coisas no mesmo lugar, quando perde a visão, a gente ganha um corpo novo, você tem que aprender. Tive que lidar com esse corpo novo, eu aprendi isso bem, eu batia, trombava, tropeçava em algum lugar, isso foi um exercício muito grande pra mim e pra minha família pra deixar as coisas nos devidos lugares. Uma coisa que me deixa irritado são quando as pessoas deixam a porta aberta e eu trombo. Aí tenho que ir mais devagar usando as mãos, então estabelecemos um acordo: deixar a porta aberta ou fechada, essas regras que mudam são fundamentais em qualquer ambiente para pessoas cegas, por exemplo aqui onde eu trabalho, como tem outras pessoas cegas a gente fala abriu o armário a porta do armário está aberta a gente avisa. As vezes a faxineira deixa um balde no corredor. Nem sempre as pessoas vão lembrar, nem sempre a gente lembra, as vezes a gente deixa o portão aberto para fora. Esse ambiente esse espaço familiar do cotidiano eu sou um pouco chato, gosto que as coisas estejam sempre no mesmo lugar. Tenho prazer dessa familiaridade de tocar nas coisas e conferir se as coisas estão sempre no mesmo lugar. Quando recebemos visita em casa e fica muita bagunça, falo para minha esposa que é operação arrumação, vamos colocando as coisas no lugar, isso me dá segurança, me compõe dentro do espaço, gosto muito do meu espaço, do meu reino. Por outro lado, na rua gosto de desafio e espaços novos, gosto de andar na rua e particularmente gosto de piscina, de praia, pois sei que é um ambiente aberto onde não vou tropeçar e está livre para mim. me solto bastante. Tenho a sensação que à frente não vai ter nada, tenho certeza que sou um pouco ortodoxo, claro que se uma pessoa chega e fala pra mim: - olha, a calçada está livre pode ir, é uma informação objetiva, mas se estou com a bengala, está livre mas pode ter um declíniozinho. Por isso gosto muito de mar, água, piscina, gosto muito de amplidão. Em determinado momento sem ninguém, sozinho. As vezes, brinco que inclusão, integração pra mim é eu estar sozinho também. Adoro estar com outras pessoas, 99% do tempo eu

estou com outras pessoas. Gosto muito de espaço aberto, há uma coisa interessante quando vou em um prédio que não conheço, minha primeira sensação é de estranheza, de insegurança. Isso no começo me incomodava demais, eu ia em um lugar e me sentia muito mal, é uma coisa do corpo, aí comecei a aprender, as vezes sou chamado para ir em alguma escola, uma instituição, quando entro fico pensando, bom é a primeira vez, então se eu não estou me sentindo bem me dou o limite também, me permito sentir isso. É uma coisa interessante, não sei se muitos cegos sentem, quando vou para algum lugar, se posso ir antes verificar o tamanho, a disposição das cadeiras, gosto disso. Ao me casar fui antes conhecer a igreja, o caminho a gente ia percebendo, é uma coisa que gera ansiedade. Vi o percurso, não conhecia a igreja, porque minha noiva morava em outra cidade. Me permito sentir, e quando a gente se permite e conhece os limites, a gente fica mais leve, uma coisa que aprendi, não é nenhum absurdo. Se estou sentindo, é porque significa alguma coisa para mim, então cabe a mim perceber isso e tentar entender. Quanto mais entendo, mais posso lidar com essa dificuldade, isso é bem concreto num lugar que vou sempre, e me sinto a vontade. Mas essa estranheza, essa sensação de desconforto é maior ou menor, depende do dia, depende também do meu estado físico, mas acontece. Antes acontecia muito fortemente, a tal ponto de eu recusar alguns convites, ou ir em alguns lugares, pedia para as pessoas virem no meu lugar por ter mais desconforto, mas hoje em dia está bem menos. Os espaços fechados, constrange um pouco mais.

8) O que você acredita que venha a ser Educação?

Resp: Tenho minha utopia, fiz história também dei aula alguns anos, sou professor. Tenho um ideal de Educação e acho que está um pouco distante hoje, é uma coisa que sonho muito. Para mim tem que ser antes de qualquer coisa informação, tem que ser a formação de pessoas felizes, de pessoas com ética. Educação é a transformação das pessoas, através da formação e da informação. No momento que você consegue transformar, criar um indivíduo, uma criança e um adulto livre para ter a sua auto crítica e a crítica.

A percepção do mundo, a crítica do mundo, do que ela quer, do que ela não quer, do desejo e é claro, do convívio social também. Não dá para fazer tudo que você quer, conseguir compor o desejo próprio com o convívio social, então a gente fala muito de cidadania, alguns conceitos da moda, mas não estou colocando isso com uma coisa da moda, acredito nisso. Acredito que a Educação é transformação, formação e ética, ou seja, a criação de um mundo melhor, onde as pessoas possam ser livres para simplesmente dizer não, para pensarem na subjetividade, acho que a principal revolução que o ser humano poderia pensar, não sei de que modo isso poderia ser feito, acho que a educação deveria ser conjugada com a arte, a percepção pela arte, o estímulo ao gosto da arte, através da arte. Tudo isso pra mim é educação, antes de ser uma aprendizagem formal, da cultura formal, desde a alfabetização, acredito em uma educação com formação de uma sociedade mais ética, pensando nas leis, em si mesmo e no outro.

9) E a educação para deficientes? Como você vê a relação da educação para a pessoa deficiente com a educação para pessoas "normais"?

Resp: Acho que é meio decorrente do que falei, se a educação é ética ela liberta, cria teoricamente meu ideal e minha utopia educacional. Acho que a percepção do outro, é a

percepção do deficiente, também é a percepção das diferenças, o enriquecimento da experiência humana através das diferenças não só com deficientes mas entre as pessoas comuns: seus vizinhos, seus colegas, e o outro. Enfim, ainda é artigo de luxo para camadas diferentes da população, mas em geral você tem por ex: uma propaganda de um carro, os modelos, os protótipos. Os modelos criados por uma propaganda da imagem de televisão são pessoas jovens normalmente, classicamente consideradas belas. Porquê? Isso é uma coisa subliminar que o homem por viver numa sociedade machista a sedução, o poder da masculinidade, instiga o homem estar de carro novo, estar rodeado de mulheres afirmando aí os símbolos da masculinidade, o poder da masculinidade, da sedução no caso de uma propaganda de artigos femininos, a sedução está colocada de forma implícita e até de forma explícita, e que são os agentes dos seres produtores, personagens, e produtores dessa sedução, vamos assim dizer, dessa conquista. Não são pessoas deficientes, não são negros, normalmente não são pessoas obesas, isso é protótipo, um modelo da eficiência, por isso que eu digo, a produção da educação, a produção da mercadoria, o empréstimo do materialismo histórico. A sociedade em geral produz o seu cotidiano, produz e reproduz o cotidiano em cima de um grupo de pessoas e as minorias não são muito respeitadas. A educação é um reflexo, quer dizer, produzimos a educação no cotidiano da ideologia da sociedade, não temos uma educação ética. Se posso dizer moderna, os paradigmas da educação não podem fugir aos paradigmas da sociedade. que produz e reproduz..

10) Tem alguma coisa que você gostaria de falar?

Resp: Tenho tantas coisas para falar, como falei no início, me desperta muito, é legal eu falar sobre isso, eu consegui conciliar as coisas assim na minha vida. A prática de ser deficiente é um pouco de teoria de uns anos de leitura, e eu acho que preciso ler muito mais, mas muitas coisas que li, acho que eu vivenciei e isso é interessante porque passa ser uma coisa muito viva, muito mais direta, não é só um objeto de estudo.

11) E como que é essa dinâmica de leitura?

Resp: Tem algumas pessoas que gravam para mim, porque em braile tem muito pouca coisa. Os amigos lêem, recebo algumas fitas também gravadas em São Paulo tem um acervo de livros mais tradicionais da literatura brasileira, mas textos são gravados mesmos. Nós temos uma forma de gravar o que estimula as pessoas a ouvirem.

Muita coisa avançou em relação à deficiência, na preocupação de vários setores, na área da saúde, da educação, temos muito mais recursos hoje. Na área da profissionalização está havendo uma preocupação mais política, sobre a inclusão do trabalho. É claro que muitas coisas precisam avançar e o próprio desenvolvimento cria novas situações, por ex: a informática hoje, já existem adaptações para pessoas cegas, mas ainda a gente tem muito o que fazer, se você não se modernizar, não se adequar e não se adaptar, você acaba ficando de fora, tem muitas pessoas que não sabem mexer no computador, estão meio que consideradas ultrapassada, endereço hoje, normalmente é e-mail. Houve uma valorização nas últimas décadas, do incentivo à visão, como falei da propaganda, da televisão, do cinema, da revista, nas cores, isso é bom, mas para as pessoas def. visuais, elas ficam marginalizadas. As roupas da moda, hoje, é muito mais valorizado a diversidade, então tivemos um tempo muito distante na sociedade, principalmente no início da história antiga. A oralidade era muito forte, muito presente, algumas sociedades, algumas comunidades,

não tinham nem a escrita e pouquíssimas pessoas tinham o acesso. Claro que não estou desvalorizando a escrita, a conquista da escrita, claro que é importante, como a literatura, gosto demais da palavra escrita. Porém, houve uma desvalorização mesmo dos outros sentidos, da oralidade, do ouvir, do afeto. No mundo contemporâneo, a visão é um órgão, um sentido mais rápido, mais ágil, ao chegar num lugar, você faz um panorama do lugar pela visão, a audição e o olfato já são um mundo mais secundário. As informações iniciais e superficiais que você tem do ambiente é muito mais da visão, acho que 90% é a visão que te dá . Numa sala de aula, quantas informações você tem ao ver os alunos, o professor, as expressões, a fisionomia, as roupas os objetos, então a maior parte das informações de imediato são visuais. Com isso há uma valorização da visão. Vou te dar um exemplo, chego em um prédio, os elevadores hoje são na maioria aqueles digitais que você só chega perto. Lembro que fui a uma festa de uma amiga em um prédio, eu cheguei lá e o zelador não estava, fiquei uns 15 minutos passeando de elevador, porque era só chegar perto do sensor e ele parava, ainda bem que não tenho problema de andar fechado no elevador. Acho até engraçado, porque falei: são os avanços da modernidade. Se bem que quando vou atravessar uma rua, sempre peço para alguém me ajudar, mas agora com esses carros importados, eles passam na rua sem fazer barulho, principalmente quando é plano, quando é subida eles já fazem mais barulho, escuto o carro quando ele está muito perto. Estou dando exemplos de situações cotidianas, não quero que todos os carros sejam antigos, que façam muito barulho, muito barulho nem comporta. Gosto muito do silêncio, adoro acordar no quintal de minha casa, que tem algumas árvores e ouvir o canto dos passarinhos. Para concluir, sem querer dizer que ser deficiente não me atrapalha em nada, claro que se eu pudesse voltar a enxergar, voltaria, mas se fizer um balanço de minha vida, estou feliz, com as coisa que faço, com a minha relação comigo mesmo, com as pessoas. Sou uma pessoa muito persistente e procurei muito em estar bem, com os amigos. Hoje estou em um momento bom da minha vida, ser feliz não significa que a gente não sofra, com as coisas, quando estou sofrendo com alguma coisa sou até exagerado, mas quando estou bem, sou meio exagerado também. Gostei muito de falar tudo isso, principalmente das minhas particularidade, me senti muito a vontade, e posso dizer sinceramente, poucas vezes me senti tão bem em falar com as pessoas, me senti tão a vontade e feliz de estar falando. Acho que você foi muito feliz na escolha, do assunto, fiquei muito feliz de poder estar participando.

ANEXO 3

Entrevista com Susete Thame Gutierrez, no seu ateliê em Piracicaba, no dia 02/10/2002, a conversa não foi gravada, mas foi autorizada a fazer parte desse trabalho.

Suzete pinta há 37 anos, isso sempre foi um projeto de vida.

PINTAR POR PINTAR é um trabalho de artes plásticas desenvolvido para pessoas deficientes mentais e visuais. Este é de sua autoria e coordenação. Surgiu há 7 anos, devido a um problema visual crônico degenerativo que Susete descobriu tê-lo durante sua adolescência.

Ao iniciar sua carreira de pintora começou pela técnica clássica, mas teve a oportunidade de conhecer diversas outras técnicas. Mas o que sempre chamou sua atenção despertou prazer em você é a técnica moderna, contemporânea.

Pintar para Susete sempre foi um desafio para si própria, pois além das quedas da visão sempre possui daltonismo.

Quando começou a pintar sempre pintava o que via, hoje pinta sensações, movimentos, sentimentos, enfim pinta o seu eu interior.

Durante uma determinada fase de sua carreira de pintora escondeu sua deficiência devido ao fato de ter sido marginalizada por pessoas envolvidas com a pintura. Após a conquista de vários prêmios pela sua produção artística resolveu divulgar o seu problema.

Apesar de ter tido que abdicar de uma série de coisas, como dirigir, entre outros, parar de pintar para Susete era tudo o que ela não queria para sua vida, pois para ela a pintura sempre foi uma atividade que a impulsionou para continuar vivendo. Além de pintar é ela quem faz o afinamento de todos os quadros quando vai montar uma exposição.

Susete comenta que tem a sensação de que quanto mais pinta mais ela enxerga, isso significa para ela enxergar com a alma.

Pintando ela sente que libera todo o seu emocional, e sente que todo e qualquer problema que ela possui, seja orgânico ou emocional, esse afeta sua visão.

Pintando ela se sente bem consigo mesma, com os outros e com o mundo.

Ao pintar utiliza todas as possibilidades para desenvolver essa arte, utiliza todos os tipos de materiais possíveis e todas as formas que podem inspirar para que as obras sejam produzidas.

Devido ao seu problema e a tudo que alcançou com a pintura, queria dividir suas experiências positivas com pessoas deficientes. Aí então inicia-se o Projeto Pintar por Pintar, atendendo inicialmente pessoas deficientes visuais e em seguida pessoas deficientes mentais. As metas deste projeto vão além das atividades artísticas, envolvem todo um contato pessoal em que as experiências de vida da Susete vão sendo transmitidas para todas as pessoas envolvidas no Projeto. É um trabalho multidisciplinar, em que na medida da necessidade, recorre a médicos, psicólogos, entre outros profissionais que podem lhes auxiliar para o trabalho tenha um resultado amplo para todos os alunos.

Para desenvolver esse trabalho utilizou todo o seu conhecimento e experiência adquirida ao longo da sua vida como artista plástica, criando uma metodologia própria a partir do diálogo estabelecido com os alunos a cada dia que os encontrava para ensiná-los a pintar e a se descobrirem.

Para trabalhar as cores com os deficientes visuais ela faz associações com as formas geométricas, por exemplo: o sol é redondo e amarelo, então a representação do amarelo é o redondo, e assim se processa com todas as cores. Hoje após 7 anos de trabalho todos os alunos, inclusive os deficientes visuais, apresentam autonomia e independência para escolher as cores que deseja colocar no quadro que está pintando. Eles pedem ajuda quando querem algum tom diferente das cores básicas, como por exemplo um azul esverdeado. Não podemos dizer que os cegos congênitos vêem as cores do mesmo jeito que os videntes, as cores para eles estão muito mais associadas a objetos, sensações, sentimentos, do que as tonalidades propriamente ditas. Com os deficientes visuais que apresentam memória visual, ela procura preservar em alguns momentos, mas em outros insiste na liberdade de escolha de cada um.

Susete sempre enfatiza para os alunos cegos que as cores devem estar associadas ao seu ser, a você. Ela utiliza a frase: - Quanto mais você, melhor você.

Procura direcionar a pintura para os deficientes se sentirem eles.

Neste Projeto, em que os deficientes visuais e mentais trabalham juntos, produzindo obras coletivas, as experiências que vem acontecendo ao longo do trabalho são muito ricas, em todos os sentidos, pois a cooperação mútua entre eles é um ponto extremamente significativo não só nos momentos da produção das obras como também nas atividades cotidianas, como ir ao banheiro, beber água, explicações sobre algo, etc.

Nas produções das pinturas, embora sejam quase sempre coletivas a individualidade sempre prevalece, pois as opiniões, escolha das cores, os traços, a divisão do espaço, entre outras coisas que surgem no momento da pintura.

Utiliza-se o movimento para pintar, o movimento do corpo em geral, ou seja, os sentimentos, as sensações, o ritmo próprio, como também o ritmo da música, e outras coisas que surgem durante as aulas.

No início do Projeto os alunos não acreditavam que um dia seriam capazes de pintar e hoje, acreditam que são capazes e que a cada dia que passa os seus trabalhos podem melhorar. Os trabalhos deles são reconhecidos por críticos de arte, em que estes comentam que o que eles demoraram uma vida inteira para conseguir, os deficientes conseguem com muita facilidade, que é projetar o seu eu na pintura.

Susete sente que seus alunos depositam uma confiança e uma credibilidade muito grande nela pelo fato dela também ser uma deficiente visual que sente as mesmas dificuldades que eles e luta pelas causas comuns que os envolvem.

Ela acredita que seu trabalho só frutificou devido ao amor e dedicação que sente pelo que faz. O slogan do Projeto é: “Vivemos partilhando amor e arte em busca de uma mundo melhor”.